

Marcel Schmitz Gutιά

**FACES DO SO JOO:
RELAOES SOCIAIS E A CONSTRUAO DE UMA
FESTA EM IPUPIARA – SERTO DA BAHIA**

Dissertaao apresentada ao Programa de Pos-Graduaao em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenao do grau de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof. Dra.
Vania Zikan Cardoso

Florianopolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gutiá, Marcel Schmitz

Faces do São João : relações sociais e a construção de
uma festa em Ipuiara - sertão da Bahia / Marcel Schmitz
Gutiá ; orientadora, Vânia Zikan Cardoso - Florianópolis,
SC, 2014.
162 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Inclui referências

1. Antropologia Social. 2. Festa de São João. 3.
Política. 4. Religião. 5. Ipuiara. I. Cardoso, Vânia Zikan.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social. III. Título.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“FACES do São João: relações sociais e a construção
de uma festa em Ipujiara – sertão da Bahia”**

MARCEL SCHMITZ GUTIA
Orientadora: Prof^a. Dra. Vânia Zikan Cardoso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores(as):

Prof.^a Dra. Vânia Zikan Cardoso (Presidente – PPGAS/UFSC)

Prof.^a Dra. Renata de Castro Menezes (UFRJ)

Prof. Dr. Alberto Groisman (PPGAS/UFSC)

Prof. Dr. Jeremy Paul Deturche (PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 18 de fevereiro de 2014.

A Antônio José dos Santos, com saudades.

AGRADECIMENTOS

Como costumo dizer: a vida é feita de chegadas e partidas. Esta dissertação nada mais é do que isso, uma chegada e uma partida. O ponto de chegada num longo, difícil, desgastante, mas muito proveitoso ciclo que representou algo extraordinário em minha vida. O ponto de partida para novos rumos da pesquisa, da carreira acadêmica e da vida.

Sempre é bom e necessário agradecer, principalmente quando contamos com inestimáveis e valorosas ajudas para se chegar nesse importante ponto da carreira acadêmica. Gostaria, pois, de agradecer, reverenciando muitas pessoas e instituições que fizeram parte da minha caminhada.

Primeiramente agradeço a Deus que me fez, durante todo esse período, respeitar quem não cresse, mas nunca me fez duvidar da sua existência, dando muita luz e perseverança para cada momento desse mestrado.

Aos meus familiares, em especial, a minha mãe Terezinha por me apoiar, dar força e sustentação em muitos momentos difíceis, e por compartilhar comigo momentos especiais dessa pesquisa. A meu pai Volnei por seu apoio e torcida para que meus objetivos fossem alcançados. A minha “mana” Valentini por seu jeito simples e humilde de sempre torcer pelo sucesso de seu “mano”.

A Lívia, meu grande amor, que com paciência, carinho, atenção, dedicação e tantos outros adjetivos especiais soube fazer do amor uma importante ferramenta para não me fazer desistir diante de tantas dificuldades.

Muitas pessoas não fazem parte de nossa família biológica, mas escolhemos para compor nossa família emocional e sentimental. Dentre elas quero agradecer a Dona Gilda (madrinha), por sua mão amiga, carinho e atenção que foram mais do que indispensáveis para cada dia que estive em Ipujiara e longe de lá. Aos professores Márnio e Miriam que são meus “pais antropológicos”, pois com eles cresci e aprendi a gostar cada vez mais do universo antropológico, foram (e são) eles quem aconselharam nas minhas inquietações e me apoiaram nas minhas decisões, torcendo sempre pelo meu sucesso.

A minha orientadora Vânia por sua paciência, delicadeza e atenção constante, acreditando que essa pesquisa seria possível. Por sua maneira espontânea em lidar com minhas

aflições, de esclarecer minhas dúvidas, pela sua coragem em mais uma vez me orientar e me fazer entender que seria possível chegar aqui. Todo meu carinho e gratidão se tornam ínfimos diante de toda dedicação por ela despendida.

A professora Renata Menezes, que prontamente aceitou fazer parte da banca examinadora deste trabalho, por sua atenção e colaboração ao tema aqui abordado.

Ao professor Roberto Marques que se prontificou a assumir a suplência na banca examinadora desta dissertação.

Aos professores Alberto Groisman e Jeremy que, tanto na qualificação, quanto na banca examinadora deste trabalho, dispensaram seus conhecimentos e suas habilidades antropológicas, não só para avaliar, como para me orientar no ofício antropológico em minha vida.

Aos meus amigos Gabriel, Miriam, Emilene, Dalva, Marta Magda, Pe. Iseldo, Pe. Josemar e tantos outros, que se eu mencionasse aqui se tornaria inviável para essas poucas páginas disponíveis. Cada um deles sabe a importância que tiveram.

A lara, muito mais que uma eterna professora, uma amiga, que se prontificou, mesmo em seus dias de folga e descanso, ler cuidadosamente este trabalho, fornecendo sua contribuição.

Aos meus interlocutores que abertamente se prontificaram a muitas vezes escutar minhas dúvidas e prontamente atender minhas solicitações. Dentre esses, que são muito mais do que esse adjetivo formal, são amigos, quero destacar Pe. Claudio e Neuton, fundamentais para essa pesquisa e para os dias que vivi em Ipupiara.

A Paróquia São João Batista e a Prefeitura Municipal de Ipupiara, duas importantes instituições de Ipupiara, cada uma com seu grau de importância, através de seus membros, funcionários, e colaboradores contribuiu imensamente para esse trabalho.

Ao CNPq e ao Instituto Brasil Plural (IBP) pela bolsa de pesquisa e apoio financeiro, ajudas preciosas e inestimáveis para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos colegas do Grupo de Estudo em Oralidade e Performance (GESTO) pelas contribuições na elaboração desta pesquisa e pela partilha de conhecimentos.

Aos amigos, professores e funcionários dos PPGAS pelas conversas, trocas de conhecimento e acompanhamento desta trajetória.

Aos habitantes de Ipupiara, festantes e devotos de São João, foram eles quem proporcionaram este trabalho.

Por fim, a todos aqueles que, com sua presença, acolhida e escuta, me incentivaram, ensinaram e indicaram por onde seguir. Cada contribuição foi acolhida e decisiva nos momentos que sempre precisei nesse curso, nas minhas pesquisas e na minha vida. A todos muito obrigado e que São João sempre interceda por cada um!

Era festa de alegria
São João!
Tinha tanta poesia
São João!
Tinha mais animação
Mais amor mais emoção
Eu não sei se eu mudei
Ou mudou o São João
Vou passar o mês de Junho
Nas ribeiras do sertão
Onde dizem que a fogueira
Inda aquece o coração
Pra dizer com alegria
Mas chorando de saudade
Não mudei nem São João
Quem mudou foi a cidade

("São João antigo", Zé Dantas e Luiz Gonzaga, 1957)

RESUMO

Quando o comércio e a escola param, as casas, as ruas e as pessoas se enfeitam em homenagem ao santo, certamente algo no cotidiano daquele espaço se modifica. No nordeste brasileiro, aonde a festa toma conta de parte dos calendários de algumas cidades, não seria difícil delimitar um campo de pesquisa, mas quando “o santo” constrói a maior festa da cidade essa particularidade se torna um importante motivador para uma pesquisa. Este trabalho se volta para esta festa, a festa de São João, na cidade de Ipupiara, sertão da Bahia. Reisados, fogueiras, quadrilhas, forró e bandeirolas, histórias e personagens aparecem e, ao mesmo tempo em que saem do cotidiano habitual, as pessoas transformam a festa no seu cotidiano diferenciado e construído. Este trabalho tem por objetivo identificar as funções e significados envolvidos na construção desta festa, atentando para as narrativas e performances dos vários personagens que participam, de maneiras distintas, da realização de uma festa que afeta a cidade como um todo.

Palavras-chave: festa, São João, política, religião Ipupiara

ABSTRACT

When the trade, the schools, the houses, the streets and the people stop to get dressed up in honor of the Saint, something definitely changes in the normal daily life. In Northeastern Brazil, where the festival takes over the calendars of some cities, it would not be difficult to define a field of research. But when "The Saint" is the inspiration for the biggest party in town this particularity becomes an important motivator for a research. This work is focused on this party of St. John in the city of Ipupiara , country side of Bahia . Reisados, fires, gangs, forró and pennants, stories and characters. They all appear at the same time that the normal people transform the party in their daily life, in a differentiated everyday life. This work aims at identifying the functions and meanings involved in building this party, paying attention to the narratives and performances of various characters involved, in different ways, the realization of a party affecting the city as a whole.

Keywords: party, Saint John, politics, religion, Ipupiara

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Mapa Político-Administrativo da Bahia, em vermelho o atual território de Ipupiara 36
- Figura 2** - Ipupiara e municípios limítrofes. Fonte: IBGE -2013. 39
- Figura 3** - Mapa localizado na Prefeitura Municipal de Ipupiara contendo a divisão das vilas e comunidades. Este é um mapa já desatualizado, pois nele não constam algumas vilas já bastante conhecidas pelos habitantes. 40
- Figura 4** - Bandeira de Ipupiara, com destaque à mandioca e ao cristal, principais produtores da economia da cidade..... 45
- Figura 5** - Pórtico na principal entrada de Ipupiara, no caminho vindo de Brotas de Macaúbas. No final de 2013 o pórtico foi retirado para ser realizada a pavimentação asfáltica da estrada. 55
- Figura 6** - Vista aérea do centro de Ipupiara. Círculo branco marca a entrada principal do centro. Círculo verde é a região das ruas de baixo. Círculo vermelho é região central. Linha azul é onde está a Rua Sete de Setembro. Círculo amarelo é região das ruas de cima..... 61
- Figura 7** - Cartaz produzido pela Prefeitura Municipal de Ipupiara em 2011..... 68
- Figura 8** - Cartaz produzido pela Paróquia São João Batista em 2011..... 69
- Figura 9** - Cartaz produzido pela Prefeitura Municipal de Ipupiara, em 2012, para divulgar a festa. 71
- Figura 10** – Na primeira foto está o palco da Praça de Eventos, na foto abaixo está o espaço logo a frente do palco, lotado, no dia 23 de junho de 2011, num dos dias da Festa de São João. .97
- Figura 11** – Grupo realizador da Alvorada tocando em frente a uma casa. 121

Figura 12 - Grupo de reisado na visita em uma casa.....	124
Figura 13 - Igreja durante a celebração de um dos dias do novenário.....	128
Figura 14 - Barraca montada e coordenada por pessoas envolvidas em atividades da paróquia.....	129
Figura 15 - Leilão realizado logo após as celebrações do novenário.....	131
Figura 16 - Vaqueiros e seus cavalos em frente a igreja onde foi celebrada a missa.....	136
Figura 17 - Erguimento do mastro de São João Batista.	140

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I - Acerca da cidade do santo e do SANTO DA CIDADE	30
I – I – Ipupiara, um lugar no meio da Chapada	30
I – II – Horácio e Militão: personagens e disputas	33
I – III – “A terra da felicidade e do trabalho”	38
I – IV – João Batista: a voz que clamava no deserto	48
CAPÍTULO II – ENTRE FESTAS: OBSERVAÇÕES, HISTÓRIAS E DIVERSÕES	53
II – I – A cidade do/como campo: inserções	53
II – II – Das ruas, dos espaços e das ações na festa e para a festa	59
II – III – Indicações de faces da festa	67
II – IV – Um pouco da festa de São João	76
II - V- Que venha mais da festa e suas relações	81
CAPÍTULO III – DIVERSÃO E ORAÇÃO: POLÍTICA E IGREJA, RELAÇÕES NA FESTA	83
III – I – Uma festa: uma lembrança	83
III – II – Entre a diversão e a oração	88
III – III – A política dos políticos participa e “faz” a festa	91
III – IV – Quando a festa quase “secou”: por uma economia da festa	100
III – V – O padre como agente político, social e religioso da festa	107
CAPÍTULO IV – VÁRIOS “VIVAS”, UMA FESTA	113
IV – I – Começando pelo fim: O “Arraiá da PJ” e a Igreja encerrando a festa	113
IV – II – “Ô de casa, ô de fora”: visitas, convites e um roteiro da festa	118
IV – III – Novenário e leilões: participação, doação e dádiva	125
IV – IV – A festa dos vaqueiros	132
IV – V – Cenários, bandas, show e forró	139
IV – VI – Uma avaliação da festa	146
CONCLUSÃO	151
REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS	155

INTRODUÇÃO

Quando eu era criança, na escola em que estudava era comum serem realizadas as tradicionais festa juninas, geralmente dedicadas à São João, não enquanto figura religiosa, com cultos e rezas, mas simplesmente como motivo para os meninos se vestirem de roupas quadriculadas, remendadas, e chapéu de palha. As meninas tinham como figurino vestido de chita rendados, laços no cabelo e maquiagem ao redor da bochecha. Essa sempre foi a festa de São João de que ouvi falar, e que é conhecida na região Sul do Brasil também. Dessas festas, me recordo também de quando fui eleito “sinhozinho”, uma espécie de “imperador” da festa junina, em minha escola. Com o passar do tempo, passei a ouvir falar, ver na televisão, sobre as festa de São João no Nordeste do Brasil, sobretudo no interior e sertão dessa região, mas só tive conhecimento, mais de perto, do que seriam, essas festas de São João na região Nordeste, quando tive a oportunidade de visitar o sertão.

Sempre participei em movimentos e atividades ligadas à Igreja Católica. Em um determinado momento, por volta do ano de 2009, fui convidado a realizar uma visita, com um grupo de pessoas ligadas à Arquidiocese de Florianópolis, ao sertão da Bahia, especificamente, à Diocese da Barra. Nossa visita era uma visita missionária, ou, num sentido mais formal ou institucional, parte das Santas Missões Populares, como a Igreja Católica denomina essa atividade. Nós, então investidos de missionários, fomos ao sertão baiano. Nesse sentido, tomo para mim aqui o que Brandão (2010) fala ao relembrar sua trajetória de pesquisa no sertão: “é justamente desses sertões que eu quero trazer aqui uma das inocentes e sábias confissões de fé “na minha crença”, associada a uma crença ‘na fé dos outros’ ” (p. 9).

O sertão, sobretudo o sertão da Bahia, aparece em minha vida, muito de repente, nesse convite no ano de 2009 para participar das Santas Missões Populares, na cidade de Brotas de Macaúbas, distante 600 quilômetros de Salvador. Antes dessas missões, o grupo decidiu ir até a cidade vizinha de Ipupiara, distante 33 quilômetros de Brotas de Macaúbas. Foi nessa ocasião que conheci a cidade e descobri a devoção por São João Batista ali presente. Os poucos dias em Ipupiara, e a

própria cidade, se tornaram muito importantes para mim, pois ali conheci amigos e pessoais muito especiais para mim. Nas missões de Brotas de Macaúbas conheci o padre Cláudio, que atua em Ipupiara, e começamos uma relação que além de se transformar em amizade, também tornou-se muito importante para essa pesquisa, na qual ele viria a ser um importante interlocutor.

Após esse período, retornei ao sertão somente em 2010, para participar de outras missões, dessa vez na cidade de Xique-Xique, também no território da Diocese da Barra. Nessa ocasião, conversando com padre Claudio, articulei uma viagem sua a Santa Catarina, sendo que ele já tinha lá amigos provenientes de outras missões, e também articulei minha viagem para retornar a Ipupiara. Meu interesse inicial de pesquisa num eventual projeto de mestrado estava concentrado em estudar as Santas Missões Populares na Diocese da Barra, mas tudo mudou quando recebi de presente um DVD de Padre Claudio que continha algumas filmagens de parte da festa de São João em Ipupiara.

O DVD me inspirou a mudar o tema de minha pesquisa e estudar aquela festa, mas o que de fato me fez definitivamente mudar minha pesquisa e estudar a festa foi meu retorno a Ipupiara, em janeiro de 2011, para passar alguns dias de férias. Nesses dias muitos amigos que eu tinha feito durante as missões de 2009 e 2010 me diziam: “moço você deveria ter vindo em junho, pra festa de São João, ia ser mais legal, a festa é muito boa.” Essas falas caíram quase como um convite para mim. Tanto que quando retornei à Florianópolis, em conversa com minha orientadora, fiz questão de externar minha intenção e tratar de logo mudar minha pesquisa. Dessa maneira, num primeiro momento, posso dizer que esse trabalho envolve um antropólogo, que dentro de uma trajetória católica praticante, ou seja, de participação frequente em atividades da Igreja Católica, se arrisca a estudar uma festa de São João, no interior da Bahia.

O tema festa, um dos norteadores deste trabalho, não é inédito nem pouco inexplorado na antropologia e em outras áreas. Menezes (2012), numa consulta ao banco de teses de dissertações da Capes em abril de 2009, localizou 750 dissertações de mestrado e 193 teses de doutorado sobre o assunto “festa” entre 1987 e 2007. Esse trabalho está então, inserido dentro deste vasto campo sobre festa no Brasil, adentrado particularmente o campo das pesquisas que se voltam

especificamente para as festas de São João no Nordeste do Brasil. Nessa região geográfica do Brasil, como bem lembra Amaral (1998a), “a perspectiva das festas juninas transforma as cidades e o espírito das pessoas, que parecem sentir uma irresistível atração e afinidade pela festa” (p.165). Minha pesquisa na cidade de Ipupiara, sobre a festa de São João, focou o centro da cidade, a área urbana central mais propriamente dita, não incluindo os bairros periféricos e a área rural do município. Essa escolha foi feita tendo em vista não só o fato da festa ser realizada ali, mas também pelo fato da maioria da população estar ali localizada e os bastidores da festa serem ali articulados e construídos.

Falar que a realização desta pesquisa não foi fácil, talvez seria dizer o que já se sabe sobre o ofício antropológico. Quando pesquisamos com afinco e vontade em determinado campo, percebemos o quão negligenciamos muitas vezes, muitos assuntos, alguns personagens. Esse trabalho certamente procurou realizar da forma mais completa possível o objetivo que se propôs, ou seja, compreender como se organiza e se realiza a festa de São João na cidade de Ipupiara. Os focos escolhidos para isso foram a religiosidade, a política e a sociabilidade. É claro que poderíamos ter estudado a festa por diversos outros ângulos ou de outras formas, mas longe de seu foco representar uma negligência, ele apenas dá a ver que todo recorte de trabalho demanda necessariamente certas escolhas e inevitáveis exclusões.

Esse trabalho é construído dentro de um contexto pessoal, político-social e geográfico bem específico, que por mais que possa aparecer nas entrelinhas do texto, considero necessário apontar aqui. No contexto pessoal, foi a relação, num primeiro momento, com padre Claudio que me permitiu adentrar nas histórias, advindas de pessoas ligadas a ele e à paróquia de Ipupiara, sobre a festa da cidade, mas que ao longo da pesquisa se expandiram para além disso. No contexto político-social e geográfico, acredito que a festa de São João, de Ipupiara está inserida amplamente dentro do calendário das festas juninas nordestinas, que, como bem lembra Amaral (1998a) ao falar da importância da festa de São João no Nordeste, “adquire tal importância na vida social nordestina que não apenas é fonte de preocupação durante todo ano [...] como ainda move interesses políticos e econômicos que poucas vezes se imagina” (p.166).

Num sentido mais específico, Ipupiara não está, no contexto turístico das festas de São João, incluída como importante centro turístico na Bahia ou no Nordeste, mas é uma cidade em que a festa ocupa um lugar importante na vida de seus habitantes e também dos moradores de algumas das cidades vizinhas.

O que faz então, a festa de São João dessa cidade, um elemento de pesquisa interessante? Além de ter uma dimensão religiosa muito forte, com gestos, ações e devoção religiosa muito presente no desenrolar da festa e nos seus preparativos, a relação política e religiosa para a construção desta festa a tornam um interessante objeto de pesquisa. Enquanto Amaral (1998a) nos diz que a festa de São João no nordeste adquire uma grande importância na vida social de seus moradores, em relação à Ipupiara posso dizer mais do que isso, já que durante sua construção e sua realização parece que a festa invade a vida da cidade, ou seja, em tudo parece existir alguma dimensão da experiência da festa.

Realizei minha pesquisa em Ipupiara em dois momentos, em 2011 quando participei durante sete dias de parte das atividades da festa de São João, e mais exclusivamente em 2012, entre os meses de janeiro e julho. Nesse período de pesquisa etnográfica, observando o método da observação participante, acompanhei o cotidiano da cidade, as atividades comerciais, as conversas nas praças, nas portas das casas, as celebrações religiosas da paróquia e, um pouco mais a frente, tive acesso à alguns bastidores políticos da cidades, em conversas com o ex-prefeito, prefeito e militantes políticos. Por observação participante, entendo que “o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada a ponte de viabilizar sua aceitação senão ótima pelo membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo que não impeça a necessária interação” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 24). Não apliquei nenhum questionário, mas procurava realizar algumas conversas informais com as pessoas com que ia me relacionando. Realizei algumas entrevistas formais com algumas pessoas com as quais não conseguia acesso com mais informalidade, como o prefeito e ex-prefeito. Com padre Claudio, nunca realizei entrevista, mas sempre nas nossas breves conversas e nas atividades que ele coordenava, conseguia aproveitar o que ele falava. Essas conversas com diversas pessoas foram importantíssimas, até mesmo pelo fato de não

haver muitos registros históricos sobre a festa e a cidade de Ipupiara.

Alguns moradores de Ipupiara me perguntavam: “porque você vai estudar isso aqui?”. O “isso aqui” a que os ipupiarienses se referiam mostrava sua tentativa de compreender a minha motivação de estudar a festa de São João daquela cidade. No início nem eu sabia como expressar o real motivo, já que de certa forma o que eu tinha em mente era que Ipupiara havia realmente me encantado, e realizar ali uma pesquisa antropológica sobre a festa em muitos momentos me parecia um modo de adentrar nos assuntos como religiosidade e política. Para não deixar aquelas perguntas sem resposta tratei de, no início, seja como estratégia de aproximação, seja como um improviso, dizer: “Dizem que a festa de Ipupiara é muito boa, por isso acho que pode ser interessante falar sobre ela”. O que de início foi uma resposta improvisada se tornou uma magnífica porta de entrada para que muitos dos que perguntavam pudessem me contar suas impressões, sentimentos e ações na cidade e na própria festa.

Tomando como base a ideia do “olhar”, abordada por Cardoso de Oliveira (2006), onde entende que “talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou no campo – esteja na domesticação teórica de seu olhar” (p.19), diria que pude “olhar” muitas coisas em Ipupiara, olhar que aos pouco foi se acostumando com o que era novo e diferente do que eu já havia visto. Estamos sujeitos no campo a diversos imponderáveis, surpresas, muitas delas advinda do fato de sermos “um corpo estranho” nas relações e códigos com que habitualmente estão acostumados nosso interlocutores. Nos imponderáveis, estamos sujeito à alguns “micos” e, um dos maiores que cometi durante a festa foi durante a realização de um dos leilões que aconteciam logo após as celebrações religiosas. Nesse momento pude realmente perceber o sentido da afirmação de Certeau quando nos diz que “a vida sexual do bairro (tanto a linguagem como as práticas) não pode ser detectável em uma sistemática que nos permite alcançar sua plena transparência social” (CERTEAU et. al., 2003, p. 59).

Nos leilões muitas coisas são oferecidas pelos moradores para que sejam arrematadas e o valor obtido seja revertido para as obras religiosas e sociais da paróquia da cidade. Muitas pessoas levam bolos, frutas e verduras produzidos em muitas

propriedades rurais da cidade. Quando o cantador, pessoa responsável por comandar os leilões, inicia os leilões, todos ficam ansiosos pelas brincadeiras que dali se desenvolverá, desde palavras ininteligíveis até o figurino. Nos leilões também existe um vasto sistema de reciprocidade, pois muitas pessoas dão seu lance no produto e oferecem o que arrematam como presente para outra. Geralmente o autor do lance faz isso de forma anônima, ficando para o contemplado a função de descobrir e retribuir a gentileza, oferecendo o mesmo produto por um lance maior ou simplesmente aceitando.

No momento do leilão de um bolo o cantador gritava: “o bolo ta valendo 20 reais e é pro menino do sul”. Fiquei surpreso pelo fato de alguém estar me oferecendo um presente, e como não entendia muito a brincadeira até aquele momento, um amigo me disse: “ofereça o próximo leilão a pessoa que te pagou o bolo”. A pessoa que havia me dado o bolo como presente era Pedro, um senhor pai de uma amiga minha. Disposto a retribuí-lo fiz questão de dar o lance no produto seguinte. O leilão era de uma rama de mandiocas. Num primeiro momento não percebi nenhum problema em oferecer o leilão aquele senhor. No momento que o cantador disse: “Eita nós! O menino do sul ta oferecendo a sua mandioca no leilão”, foi que pude perceber que mandioca era interpretada como o pênis, que na jocosidade eu estava oferecendo a outro homem.

Como “confia-se a sexualidade à alusão, ao subentendido” (idem, p. 60), foi no momento em que o produto foi leiloado, sem mais nenhum lance, sendo meu o último, e quando todas as pessoas gargalharam, inclusive o contemplado, que compreendi meu “mico”. Quando o leilão terminou, fiquei um pouco constrangido e fui pedir desculpas a Pedro que gentilmente tratou de dar fim ao constrangimento: “Faz parte da brincadeira, inclusive você “tá” convidado para ir lá em casa amanhã comer mandioca com galinha ensopada.”

A brincadeira da mandioca me fez entender “que a conveniência exige do discurso erótico que ele se adapte ao ambiente social imediato” (ibidem, p. 63), afinal falar qualquer outra coisa que fosse além daquilo poderia ultrapassar os limites da brincadeira e ser entendido como ofensa, ainda mais que havia um grande número de crianças no local. O “mico” e a brincadeira me fizeram perceber que diante de alguns imponderáveis o antropólogo é convidado a apreender um pouco

das relações que são constituídas, mesmo que para isso erre, afinal o próprio erro abre novas portas de interlocução.

Voltando à ideia de observação participante, durante a pesquisa busquei, assim como lembra Cicourel (1980), atuar como um “observador participante “ativo” [que] efetivamente “integra” o grupo que está estudando a ponto de sentir-se aceito como um deles” (p. 91). Obviamente, sempre soube, que ser aceito “como um deles” seria impossível, até porque eles nunca me viram como um deles, mas adquiriram respeito e liberdade para comentar assuntos com alguém que dava importância à suas experiências. Juntando-se a isso, procurei seguir o que diz Michel Foucault (1987) no prefácio de “As palavras e as coisas”, ao mostrar que o campo com seus aspectos fundamentais coloca as ordens empíricas com as quais o observador terá de lidar e possivelmente irá encontrar e deverá respeitar. Entendo que o observador se torna parte do campo numa interação e, “trás com ele um conjunto de estruturas de significado ou de relevâncias que orientam sua interpretação do meio formado de objetos que estão dentro do seu campo de visão, qualquer que seja este meio” (p.99). Goldman (2003), consegue sistematizar todo esse trabalho, do campo e da interação, afirmando que “o etnógrafo deve articular os diferentes discursos e práticas parciais (no duplo sentido da palavra) que observa, sem jamais atingir nenhum tipo de totalização ou síntese completa” (p.456). Tendo como eixo norteador as histórias e narrativas dos interlocutores sobre suas experiências, busquei pensar a narrativa tal como um “produto de uma multiplicidade de interferências, das quais algumas aparecem no próprio texto de sua enunciação” (MALUF, 1999, p.77).

Através da observação participante, do discernimento da relação entre o observador e seu objeto, esse trabalho busca compreender a festa na cidade e a cidade na festa. Por mais que muitas informações aqui tenham sido coletadas de diversas pessoas, dou ênfase à algumas, pois foi através de suas falas e das informações e ações delas na festa, ou em seus bastidores, que consegui compreender melhor a festa naquela cidade. Isso não significa que as análises sejam restritas só a algumas pessoas, porém para entender melhor a construção da festa, preferi focar em alguns personagens e falas.

Dentre tantas histórias, contextos, ações e bastidores, da cidade e especificamente da festa de São João de Ipujiara,

desenvolvo o presente trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado: “Acerca da cidade do santo e o santo da cidade”, desenvolvo um pouco da história de Ipupiara, seu contexto social, político e econômico, assim como as disputas territoriais na cidade e na constituição da geografia ipupiarense. Além disso, faço questão de traçar um pouco da história de São João Batista, personagem bíblico e mítico que é o motivador primeiro da religiosidade local e da festa na cidade.

No segundo capítulo, “Entre festas: observações, histórias e diversões”, procuro desenvolver um pouco de minha inserção no campo, como ia observando os espaços do centro da cidade e como isso poderia se configurar na festa. Ainda nesse capítulo procuro traçar alguns elementos da festa na cidade, principalmente a partir da divulgação de sua programação, seja da parte religiosa, como da parte desenvolvida pela prefeitura.

Padre, prefeito, histórias, relações e imprevistos que quase fazem a festa ser cancelada, são assuntos do terceiro capítulo: “Diversão e oração: política e igreja, relações na festa”. Nesse capítulo há uma ênfase maior nos bastidores da festa, das relações e diálogos em torno da construção da festa, seja por parte da prefeitura da cidade, seja por parte do padre e da paróquia. Além disso, procuro apontar, através de histórias em que se rememora antigas festa de São João na cidade, como a festa se transforma e reincorpora antigos elementos. Em uma parte desse capítulo, dou destaque ao que chamo de “economia da festa”, não no sentido de procurar entender como a festa atrai recurso para a cidade, mas como são dispensados os recursos para sua realização. Esse último ponto não me parecia tão importante na pesquisa, mas em virtude do período de seca que assolou todo sertão do nordeste brasileiro no período de minha pesquisa, foi importante abordar essa questão e, principalmente, como tudo isso se refletiu na organização da festa.

“Viva São João!”, no quarto e último capítulo: “Vários “vivas”: uma festa”, retrato os eventos que se sucedem nos dias da festa propriamente dito: o “Arraiá da Pastoral da Juventude”, importante evento dentro da programação da festa; os reisados; o novenário; os leilões; a participação dos vaqueiros da cidade; as bandas, os shows, o forró. Todos são elementos que durante a festa, externavam a comemoração ao santo. No final desse capítulo dou destaque a avaliação que membros da própria paróquia fazem da festa.

Para quem procura ler esse trabalho, como algo que simplesmente analisa gestos e rituais de uma festa de São João, no interior do nordeste brasileiro, ele pode ser uma decepção. Muito menos se encontrará aqui uma explicação da devoção a São João. Esse trabalho é sobre uma festa? Sim, de fato o é, mas ao mesmo tempo em que ela é protagonista, ela serve também de coadjuvante para entender as relações sociais na cidade de Ipupiara. Assim, essa etnografia da festa de São João, estudada em suas histórias, manifestações, bastidores e construção, procura também entender a dinâmica política, econômica, social e religiosa da cidade.

Entendo, porém, que esse trabalho não deve "responder apenas uma questão, mas sim que existe uma questão principal [como se constrói a festa de São João em Ipupiara] da qual pode derivar uma série de outras perguntas" (VICTORIA et al., 2000, p. 49). Essas novas perguntas, possivelmente podem ficar sem uma resposta nesse produto final, mas certamente serão impulsionadoras de novas pesquisas, interpretações e reflexões sobre o tema estudado, sobre a cidade e suas relações.

CAPITULO I - ACERCA DA CIDADE DO SANTO E DO SANTO DA CIDADE

Quando eu vim da minha terra foi com dor no coração [...]
Quando lá deixei meus pais, meus parentes, meus irmãos
Aquele gente querida faz parte da minha vida.
Como vou dizer que não [...].
("Sangue Nordestino", Luiz Guimarães, 1974)

I – I – Ipupiara, um lugar no meio da Chapada

No meio do estado da Bahia, encravada na Chapada Diamantina, está Ipupiara, uma cidade cercada de histórias, política e religiosidade. A princípio, essa introdução poderia ser usada para qualquer cidade do Brasil, no entanto, para a pequena cidade baiana, dou mais ênfase por tudo que vi, ouvi e vivi. Cercada de figuras míticas, Ipupiara nem sempre foi assim chamada. Antes de sua emancipação político-administrativa, foi denominada de Fundão de Brotas (1865), nome atribuído por estar localizada na periferia do município de Brotas de Macaúbas, a qual pertencia. Dentre outros nomes, figuram Campos Belos (1842), Fortaleza de São João (1906), Jordão (1911) e Vanique (1935), último nome antes do atual.

O povoamento de seu território remonta ao século XVIII, quando, assim como em outros municípios da região, jazidas carboníferas e auríferas eram exploradas. Um dos primeiros exploradores da região foi o português, residente em Salvador, Romão Gramacho, que num primeiro momento, ainda no século XVIII, chamou aquela região de riquezas pelo nome de *Caiambola* (COSTA, 2002)¹.

¹ - Os relatos históricos mais antigos, referentes a formação do território de Ipupiara, em grande monta foram baseados nos excelentes trabalhos de Costa (2002), Leite (2009) e Martins (2010). Outras informações foram obtidas a partir das conversas informais que tive com os moradores, geralmente mais idosos, de Ipupiara, em grande monta foram baseados nos excelentes trabalhos de Costa (2002), Leite (2009) e Martins (2010). Outras informações foram obtidas a partir das conversas informais que tive com os moradores, geralmente mais idosos.

Quis saber de onde veio esse nome Caiambola, mas dos poucos livros que contam a história da cidade e que tive acesso, não obtive nenhuma informação concreta. Entre as “prosas” que se “arrudiavam” nas praças e nas feiras da cidade pude entender um pouco, pela história oral, o que poderia significar esse nome. Uns me diziam que caiambola era o mesmo que carambola, pois na região a predominância da fruta é grande. Outros me diziam: “Olha moço, sei que você é da faculdade, então vai me desculpendo a ignorância, mas minha vó dizia que isso tinha a ver com quilombo, e que caiambola é o mesmo que “nego fujão”.

Seu Manoel, um senhor negro, alto, sentado próximo à porta da igreja matriz de Ipupiara, com suas pernas cruzadas, trajando uma calça social alinhada e uma bela camisa bege, assim me contou o que ele entendia por ser caiambola. O engraçado dessa história é que durante a conversa, eu, coincidentemente ou não, me deliciava com uma carambola. Durante a degustação da fruta, me surgiu de perguntar a Seu Manoel o seguinte: “O nome não tem relação com isso daqui, Seu Manoel?”, levantei a mão onde segurava a fruta e mostrei para ele.

No auge do meu preconceito em achar que só viria um “não” daquele senhor, ele me responde: “Moço, isso é coisa de gente que não gosta de “nego”, daí fala umas “coisa” que não tem “precisão”. Já escutou falar de quilombola? Pois é, essa palavra vem de caiambola, pesquisa pra vê só!”. A intimação informal de Seu Manoel foi, ainda que no sentido poético de falar, uma flechada em mim, pois senti que deveria “obedecer” aquele senhor. Confesso que sabia o que era quilombola, mas mesmo demorando alguns dias para pesquisar mais sobre a palavra, não encontrei nenhuma relação histórica com a palavra caiambola. Mesmo assim, não acredito que a versão daquele senhor seja errada, até porque não consegui encontrar nada que dissesse o contrário, nem mesmo por outras pessoas. No sentido etnográfico, poderia estar cometendo um erro em não ter ido adiante e investigado um pouco mais sobre o assunto, em pesquisas já publicadas, sobre a questão da colonização negra no Brasil. Acredito que a história possa ter relação com o povoamento daquele território, pois a região era de exploração de trabalho escravo negro e, é bem possível que muitos dos negros que habitam em Ipupiara hoje, tenham parentesco com os de outrora.

O lugar que deu início a Ipujiara atual, não passava, antes mesmo da chegada de Gramacho, no século XVIII, de uma fazenda, que por intermédio do mesmo foi arrendada pelo senhor Carlos Rodrigues de Araujo Barreto. O desenvolvimento daquela comunidade acontecia na mesma intensidade que seus nomes se modificavam. O que era uma mera fazenda, aos poucos, foi criando requintes de uma comunidade organizada, com a presença de distrito policial, juizado de paz, até mesmo agência postal. Tudo isto, muito antes da década de 30 do século XX. Algumas dessas conquistas só ocorreram após Jordão, nome de Ipujiara na época, ser oficialmente reconhecida como Distrito subordinado a Brotas de Macaúbas pela lei estadual nº 1250, de 15 de Julho de 1918². Esta data, inclusive, é considerada a de fundação oficial da cidade, mesmo que quase nunca comemorada e sem tanta importância quanto a de sua emancipação.

Ipujiara, porém, só foi reconhecida por esse nome em 1944, no primeiro dia do mês junino. A mudança de Vanique - nome pelo qual é conhecida uma das comunidades mais antigas de seu território de hoje, localizada na região serrana – para Ipujiara, nem mesmo nos arquivos históricos da prefeitura e da biblioteca do município pode ser encontrado. Nas tentativas que empreitei com historiadores, escritores e moradores mais antigos também não foi possível identificar o motivo de tal mudança. Ainda que muitos moradores pudessem identificar a origem dos nomes anteriormente dados, não era possível esclarecer o que levava a tantas mudanças.

Ipujiara, do tupi, significa deusa das águas ou demônio das águas. Ao tentar entender essa nomenclatura, procurei observar mais uma vez o que isso significava para a região e para os próprios moradores. Juntamente com o que escutava de cada morador, uma fonte de informação muito importante sobre a história da cidade foi um livreto chamado “Nossa gente, nossas raízes: o legado afro-indígena de Ipujiara” (PREFEITURA MUNICIPAL DE IPUJIARA, 2012).

O material, que depois se tornou uma espécie de relatório com mais de cem páginas, chegou às minhas mãos por um

² - Fonte da lei: IBGE – <http://http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/ipujiara.pdf> - acesso em 18 ago. 2012.

acaso. Ipupiara é um dos municípios que disputou e, terminou agraciado com o selo do UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), como município referência na defesa e no desenvolvimento de políticas públicas para crianças e adolescentes. Por ocasião dessa disputa, a prefeitura e as secretarias municipais estavam organizando e coletando diversos documentos para apresentar ao mediador do UNICEF que iria juntá-los para serem analisados por uma equipe superior da entidade. O material, que acabou ajudando a cidade a conquistar o selo do UNICEF, me ajudou a descobrir que, no território que abrange toda Chapada Diamantina, é possível encontrar pelos menos dez municípios com nomes de origem tupi, e que em sua etimologia remetem à água ou à pedra, sendo eles: Ibicoara, Ibipitanga, Ibitiara, Iramaia, Iraquara, Iatetê, Ituaçu, Ibipeba, Ibititáe, Irecê. Muitos municípios da região da Chapada tiveram, antes mesmo de sua colonização, a presença de índios tupinambás, que por sua vez podem ter sido “homenageados” com o nome dessas cidades.

Mesmo sabendo do povoamento indígena da região, tanto para historiadores e moradores de Ipupiara, existe a dúvida: o motivo da mesma ser assim chamada. Uma das poucas coisas que se sabe é que, nessa época da mudança do nome, conforme estudo de Martins (2010), representava o município o senhor Artur Ribeiro dos Santos, que tomou as providências para que o nome de Vanique fosse transferido para Ipupiara. Somente em 09 de agosto de 1958, por decreto do governador da Bahia, Antonio Albino, é que o território ipupiarense se eleva a categoria de cidade, não sem antes, é claro, passar por embates emblemáticos.

I – II – Horácio e Militão: personagens e disputas

Na história de Ipupiara, a presença de dois grandes personagens é motivo de lendas e “causos”, são eles os coronéis Horácio e Militão. Enquanto Ipupiara era um lugar que abrigava uma fazenda perdida nas terras do sertão, os coronéis representavam uma elite política de grande poder e posses na região, eles eram a autoridade, e quem ousasse desafiá-los corria sérios riscos. Enquanto a condição de vida do sertanejo

era precária, o coronel “fazia” sua caridade, a troco de exercer seu poder e prestígio político, tendo inúmeros seguidores que lhe obedeciam a seu bel prazer. É nesse contexto que Horácio e Militão crescem e desenvolvem suas práticas políticas.

O início das discórdias envolvendo esses dois personagens, segundo o que se ouve até hoje, deve-se ao fato de um jagunço da tropa da família de Horácio, conhecido como “Antonio da Jumenta”, insultar Militão após seus ébrios costumeiros. Antes da continuidade dessa novela envolvendo Ipupiara, cabe conhecer melhor quem foram Horácio e Militão.

Horácio de Matos nasceu na cidade Brotas de Macaúbas, em 18 de março de 1882. Militão Rodrigues Coelho, nasceu na Umbaúba, região hoje pertencente a Ipupiara, no dia 20 de outubro de 1859 (MARTINS, 2010, p.15-16). As famílias dos dois disputavam terras e domínio político na região, devendo-se a isto o fato dos dois já não se tolerarem, ainda que superficialmente. Apesar de Militão nascer no lugarejo que hoje pertence a Ipupiara, à época, os dois nasceram no território pertencente a cidade de Brotas de Macaúbas, que era muito grande, tendo aproximadamente 7.000 Km². Dado o fato da imensidão territorial da cidade, é que certamente a briga entre os dois envolveu a disputa pelo domínio político do lugar.

Segundo Martins (2010), no mesmo episódio que envolve “Antonio da Jumenta” - quando Militão estava com 37 anos e Horácio com 14 - um tio de Horácio comandou as tropas que atacaram Barra do Mendes – hoje município, mas até então pertencente a Brotas de Macaúbas – onde Militão estava residindo. “O coronel Militão não reagiu e fugiu com parentes e amigos para Olhos d’Água dos Batatas, no município de Gameleira do Assuruá. Os jagunços incendiaram as casas de palha e foram embora” (p. 18). A disputa, que até então parecia ter findado com esse episódio e a expulsão de Militão, ganhou novos capítulos. Vinte três anos depois do acontecido, Militão volta à Barra do Mendes, e o agora Coronel Horácio, com idade adulta, invade novamente o lugar, gerando uma batalha terrível.

Cada coronel tratava de engrossar suas tropas diante dos conflitos. Leite (2009) lembra que os jagunços de Militão eram conhecidos como *mosquitos*, e os de Horácio como *mandioca*. Após tantas disputas entre a jagunçada e inúmeros desentendimentos, muitos até de cunho pessoal entre os coronéis, ficou acordado o seguinte: “O Coronel Horácio de

Matos estendeu os seus domínios de Brotas de Macaúbas até Lençóis. O Coronel Militão Rodrigues passou a dominar a região de Ipupiara a Barra do Mendes.” (MARTINS, 2010, p. 19).

O acordo, porém, não foi o fim do conflito entre esses ilustres. Ipupiara passa a ser palco de conflitos e terra importante no embate. Ambos os grupos, o de Militão e Horácio, passam a almejar o domínio daquele lugar, mesmo o acordo resolvendo que aquilo era espaço de Militão. Vale lembrar que tudo ainda pertencia ao município de Brotas de Macaúbas, mesmo o acordo dividindo o território para o domínio dos diferentes grupos. A elevação de alguns vilarejos a cidade só aconteceu, de maneira permanente, tempos depois desses conflitos.

Ipupiara estava situada no meio do caminho entre Brotas de Macaúbas e Barra do Mendes. Muitos acreditam que o lugar era usado para o descanso de jagunços, além de ser território com pequenos comércios, servindo assim, de pontos de abastecimento para as tropas. Outro episódio bastante épico que o solo ipupiarense presenciou, já na sua divisa com o atual território de Brotas de Macaúbas, foi batizado de “Tocaia do Pega”³.

Martins (2010) relata detalhadamente esse episódio: “após se tocar no Pega, [...] o Coronel da Guarda Nacional Militão Rodrigues Coelho toma de assalto a cidade Brotas de Macaúbas, retirando o Cartório dos Feitos de seu escrivão efetivo” (p.21). Mal terminado esse episódio, a sequência dessa história acontece quando

satisfeito com a tomada de Brotas de Macaúbas, Militão Rodrigues Coelho que teve o apoio do Governador da Bahia [...] e de alguns chefes políticos [...], retorna a Barra do Mendes, via Fundão (Ipupiara), mas é surpreendido pelos

³ - Ainda sobre esse episódio, também conhecido como *Batalha do Pega*, Araújo (2005) relembra que “foi um embate de fogo cerrado entre as forças de Horácio e Militão, que durou nove dias na Fazenda do Pega, de propriedade do Coronel Antônio Custódio de Souza[...]. Em face da quantidade de jagunços mortos, de ambos os lados, nos ferozes combates do Pega, esse triste e sangrento episódio entrou para o imaginário popular [...]” (p. 169-170).

jagunços de Horácio de Matos que cercam a cidade, visto que conseguiram chegar primeiro, porque fizeram o caminho reto entre Brotas e Barra do Mendes (idem, p.22).

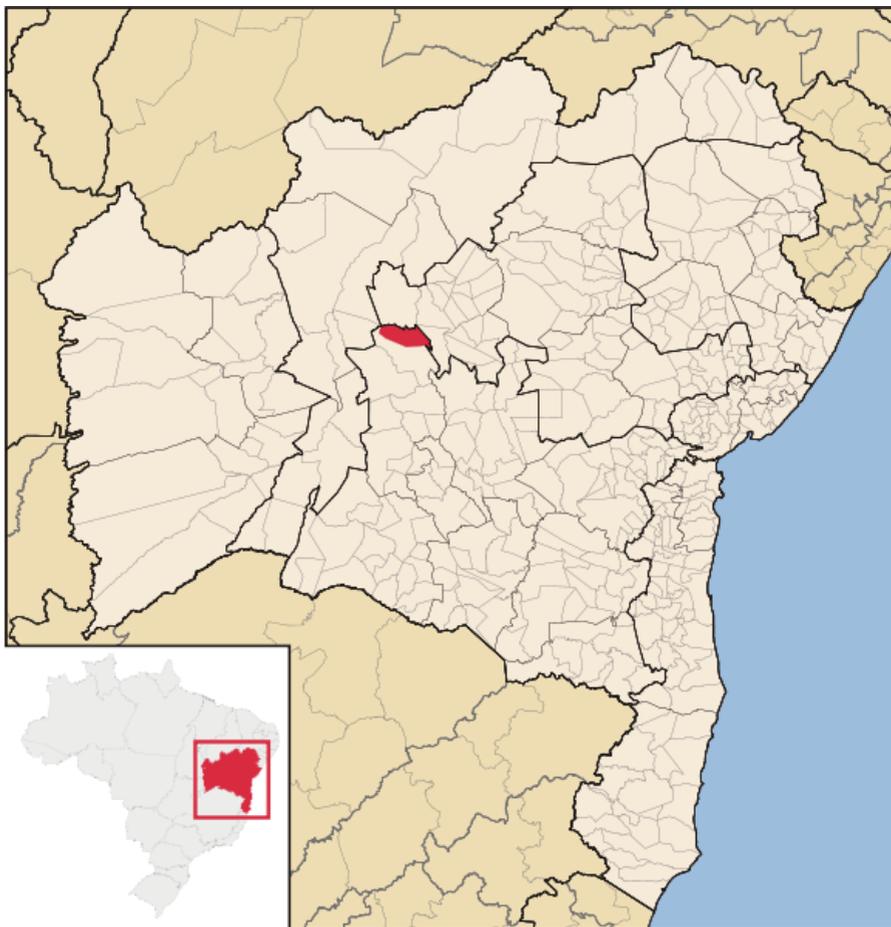


Figura 1 - Mapa Político-Administrativo da Bahia, em vermelho o atual território de Ipuíara. No círculo a região conflituosa da época. Fonte: IBGE-2010

Barra do Mendes, nesse período, já alçava a categoria de município. A sequência de batalhas que se sucederam no território barrense e que destruiu o Forte Vermelho, perigoso reduto de guerra na cidade, pelas mãos dos jagunços de Horácio Matos, fez com que esse coronel exigisse novamente o afastamento de Militão da região e que a nova “sede do município de Barra do Mendes fosse transferida para o Jordão (*Ipupiara*)” (idem, p.27-28, grifo meu).

Basicamente a razão das disputas era o comando de territórios, o que conferia status de poder político e econômico aos coronéis. Nesse mesmo contexto de conflitos no sertão baiano, mesmo que com razões diferentes, está a cidade de Canudos. O governo da Bahia, com apoio dos latifundiários, não concordava com o fato de moradores de Canudos não pagarem impostos e não obedecerem às leis estabelecidas. Dentre seus líderes, porém, não estava um coronel, mas um religioso, estilo nômade, que defendia a não imposição do poder vigente naquele lugar. Ou seja, o contexto de ambos os cenários, da disputa de Ipupiara e de Canudos, está na disputa de poder, terras e a imposição das leis.

Ipupiara não ostentou essa importância de sede municipal por muito tempo, pois a decisão não durou sequer um ano (agosto de 1919 – maio de 1920), quando o então governador da Bahia, José Joaquim Seabra, “decretou a extinção de Barra do Mendes, incorporando seu território ao município de Brotas de Macaúbas...” (ibidem, p.28). Barra do Mendes só viria a obter sua emancipação definitiva em 1958, quando as batalhas e disputas entre os coronéis se tornou algo cada vez mais raro. É entre esses episódios de luta, batalhas e medo, que o território de Ipupiara, como lembra Martins (2010), se tornou marcante na vida de inúmeros nomes do coronelismo baiano até meados do século XX.

Horácio e Militão são protagonistas até hoje, não foram poucas vezes em que pude escutar de senhores mais idosos, nas portas dos botecos, casos que envolvem seus pais, parentes e até amigos que participaram dessa trama entre os dois. Cada um tem uma versão, umas mais longas e com mais retoques do que outras, no entanto, ainda hoje falar desses dois coronéis é instigar a memória da vida daquele povo.

I – III – “A terra da felicidade e do trabalho”

O estudo desenvolvido por Costa (2002) revela que Ipupiara, no ano de 1950, pouco antes de sua emancipação, contava com 1.456 (mil quatrocentos e cinquenta e seis) pessoas residindo na zona urbana e aproximadamente 1.000 (mil) na região da Vila de Ibipetum, e outros poucos espalhados em pequenos povoados. Todos se abasteciam nas feiras e nos mercados de Ibipetum e Ipupiara.

No estudo de Costa, é possível perceber a maioria da população residindo na área urbana já nos anos de 1950, característica essa que é presente atualmente também. A população da cidade registrada no ano de 2010 chegava a 9.285 habitantes, sendo que praticamente 2/3, ou seja, 64,4% dessa população está na zona urbana. Essa porcentagem de 2010 é superior a registrada em 2000, quando o índice apontava que aproximadamente 60,8% da população residia na zona urbana. A característica urbana de Ipupiara é diferente de alguns municípios vizinhos, como Brotas de Macaúbas, Gentio do Ouro, Barra do Mendes, Ibipepa, que têm a maior parte de seus habitantes residindo na zona rural. A exceção dos municípios limítrofes de Ipupiara se dá com Morpará, que inclusive tem uma taxa de quase 67% de sua população residindo na zona urbana⁴.

O atual território de Ipupiara, além de contar com o distrito-sede, seu centro, e o distrito de Ibipetum (do tupi *ibi* = terra, *petum* = fumo), é composto pelos seguintes povoados, segundo levantamento de Leite (2009) e informações que coletei durante o trabalho de campo: Vanique, Brejão, Rio Verde, Churé (ou Achuré), Mata de Veríssimo, Lagoa de Prudente, Tanquinho, Ingazeira, Mata de Evaristo, Capim, Poço Cavalão, Platina, Fazenda Nova, Barro Branco, Umbaúba, Olho d'água, Olho d'aguinha, Chiquita, Furado (ou Furados), Traçadal, Coxim (ou Coxinho), Lagoa do Barro, Santo Antônio, Riacho das Telhas, Lagoa da Boa Vista, Pintada, Bela Sombra, Quebra Machado, Sodrelândia, Poço de Areia, Pedra de Izídio, Pé de Serra, Campos Belos, Baixa de Irineu, Baixa dos Marques, Larginha,

⁴ - Dados obtidos a partir do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA):

<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=20&i=P&c=200> – Acesso em 21 ago. 2012.

Gavião, Caiçara, Parada Um, Amargoso, Deus me Livre, Lagoa do Canto, Carrapicho, Lagoa d'Anta, dentre outros que certamente deixaram de ser citados, pelo motivo de estarem agregados a outro povoado, não existirem mais ou ainda por falta de um maior levantamento, de minha parte, sobre a nomenclatura e localização desses povoados.

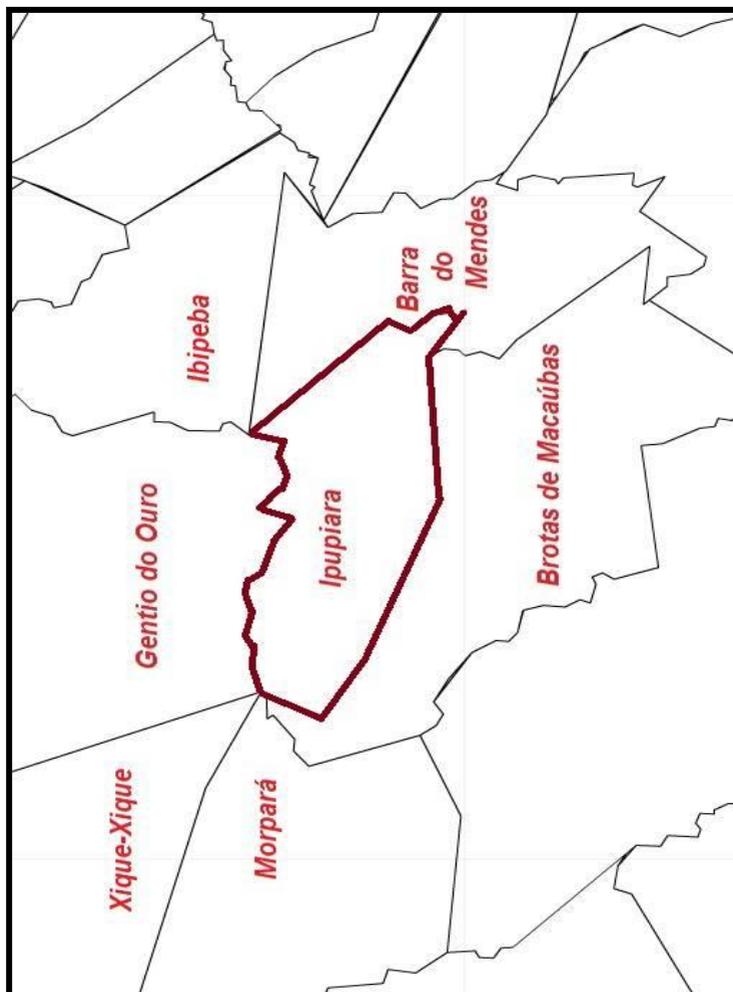


Figura 2 - Ipupiara e municípios limítrofes.
Fonte: IBGE -2013

A sede do município, onde concentrei a totalidade de minha pesquisa, segundo a descrição de Leite (2009), está localizada num vale cuja altitude é de aproximadamente 720 metros,

um vale rodeado de serras por quase todos os lados. Serra de mata densa e pedras abundantes, morada de cotia, teiú, mocó e tatu; também de cascavel, jaracuçu, coral e jararaca. Serras de grotas que abrigam morcegos, e gruta que ostenta sinais de pintura rupestre. Solo semiárido, clima tropical, vegetação de caatinga, composta de aroeira, angico, juazeiro, jurema, imburana, surucucu, mandacaru, quiabento, etc. (p.18)

A localização geográfica ímpar da cidade, caracterizada de cidade-vale, no meio de serras, dentre elas a mais famosa da região, a do *Carranca*, além de estar distante do centro de Brotas de Macaúbas, é um dos motivos que leva pessoas mais idosas, sobremaneira dos municípios próximos, segundo pesquisadores locais da história de Ipupiara, “a se referirem a Ipupiara pelo nome de Fundão, ou Fundão de Brotas, ainda hoje, após década de mudança do nome” (LEITE, 2009, p.19).

É em razão da sua localização, que, para Leite (2009), pesquisador local, Ipupiara pode realmente ser considerada “*A terra da felicidade e do trabalho*”. Nesse lema adotado pela cidade é possível identificar, no tom ufanista relevado pelo autor, um povo que ainda luta para se desenvolver em muitos aspectos, mas busca no trabalho e na felicidade, de acordo com sua concepção, as “armas” para superar desafios e conquistar benefícios. Mas, me apropriando em parte desse tom vaidoso de Leite, pude identificar uma Ipupiara que “respira” felicidade por meio das diversas manifestações festivas que seu próprio povo conta e vive atualmente, sem esquecer que é pelo trabalho que isso pode acontecer. E no caso de Ipupiara, a maior parte do trabalho é, literalmente, oriundo da terra, uma das poucas fontes de renda na cidade.

elucidação da distribuição das mencionadas vilas. Foi utilizada essa foto também, pois não há outra disponível para melhor exposição, sendo a único que a prefeitura possui.

Refletindo sobre a situação de Ipupiara, Leite (2009) ainda enfatiza que na microrregião⁶ onde a cidade está inserida, os empregos estão aquém de atender a demanda gerada, não obstante a isso “a distância em relação às grandes cidades do Estado passa de 500 quilômetros. Ali não existe indústria para absorver a mão de obra disponível.” (p.17). Com a falta de indústrias na região, muitas pessoas recorrem às atividades informais. O comércio, segundo as lógicas do mercado de que se não tiver boas vendas não se consegue investir, acaba por contratar funcionários sem registrá-los legalmente na carteira de trabalho. É possível identificar em Ipupiara quais são as poucas empresas que conseguem registrar seus funcionários. São empresas de grande porte na cidade e na região, dentre elas supermercados e lojas de móveis e eletrodomésticos. O serviço público, localizado majoritariamente no centro da cidade e nas escolas do interior, é uma das únicas formas de garantir o salário fixo para a população e o registro empregatício formal.

Os empregos formais, aqueles registrados na carteira de trabalho, dificilmente pagam mais do que um salário mínimo⁷. Os empregados que não são registrados dificilmente conseguem ser remunerados com o valor equivalente a um salário mínimo. Alguns interlocutores, com quem tive acesso, revelaram que, no final do mês, para trabalharem de segunda-feira a sábado, cerca de oito horas por dia, chegavam a ganhar por volta de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) a R\$ 300,00 (trezentos reais).

Os interlocutores que trabalhavam em algumas lojas disseram que quando as vendas acontecem em ritmo acelerado é possível ganhar um pouco mais, mas não me informaram o valor exato para o que se considera “um pouco mais”. Essa realidade de instabilidade, de não se conseguir um salário fixo,

⁶ - Geograficamente Ipupiara pertence a microrregião de Boquira, que agrega 11 municípios, pertence a mesorregião do Centro-Sul Baiano. O estado da Bahia está atualmente dividido em sete mesorregiões. Esta divisão foi feita pelo IBGE por volta de 1990. Cada uma dessas mesorregiões se divide em microrregiões. Esses termos, no entanto, são muito mais conhecidos em função de seu uso prático pelo IBGE. A relação econômica entre os municípios não obedece necessariamente essa lógica de divisão.

⁷ - O salário mínimo de 2013 equivale a R\$ 678,00 (seiscentos e setenta e oito reais).

com “carteira assinada”, leva muitas pessoas a procurarem outras cidades para morar e trabalhar, a mais procurada, sem dúvida é São Paulo, fazendo da cidade importante destino migratório. Não se sabe exatamente quantos ipupiarienses estão residindo na capital paulista, mas quase todas as famílias da cidade têm algum parente morando lá. Segundo Ferrari (2005), essa migração de nordestinos para o estado de São Paulo, contexto em que Ipupiara se insere, em especial para a capital, foi muito expressiva ao longo do século XX, especialmente na primeira metade da década de 1950, período em que a migração ainda contínua não conseguiu superar.

Retornando aos dados de trabalho e emprego em Ipupiara, que possivelmente reforça os fatores de saída da região por parte de seus moradores, os dados do Censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revelam que, das pessoas economicamente ativas, o que gira em torno de 3.500 (três mil e quinhentos) habitantes, 32% não tem nenhuma forma de rendimento e 51% tem rendimento de até um salário mínimo. Apenas 17% das pessoas consideradas pelo IBGE têm rendimentos superiores a um salário mínimo⁸. O dado referente às pessoas acima de 10 anos de idade, pode parecer confuso, no entanto, é a classificação utilizada pela amostragem do IBGE.

Segundo Leite (2009), a economia local de Ipupiara circula basicamente através da agricultura de subsistência, principalmente por meio da cultura da mandioca para produção de farinha, muito consumida na região, do feijão de corda e, também mesmo que em pequena quantidade, do milho. A extração do cristal de rocha⁹, bem como sua comercialização e transporte, tem também papel muito importante para geração de renda. A atividade cristaleira tem impulsionado as vendas do comércio local, em grande parte também pela presença de compradores chineses que fixaram residência em algumas cidades da região.

⁸ - Dados obtidos a partir de cálculo feito através das informações contidas no site do IBGE sobre o Censo 2010: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/trabalho_e_rendimento/default_mu_xls.shtm - Acesso em 21 ago. 2013.

⁹ - Cristal de rocha ou cientificamente conhecido como quartzo hialino. Ele tem caráter incolor e muito utilizado para fabricação de joias e objetos de cristal.

A economia da cidade é de certa maneira tão marcada pela extração do cristal e pelo cultivo da mandioca que, na bandeira da cidade e no brasão, em uma reprodução muito objetiva, é possível observar o desenho de uma pedra de cristal e uma rama de mandioca. A simbologia impressa na bandeira não só destaca essas atividades como comunica às cidades vizinhas, ao estado da Bahia e ao país o caráter da atividade econômica daquela terra. Destacando as atividades relacionadas à mandioca, conheci nos povoados de Bela Sombra e Sodrelândia, associações que beneficiam a mandioca e produzem mais de quarenta receitas tendo como base o produto, gerando assim mais renda a partir de um produto local.

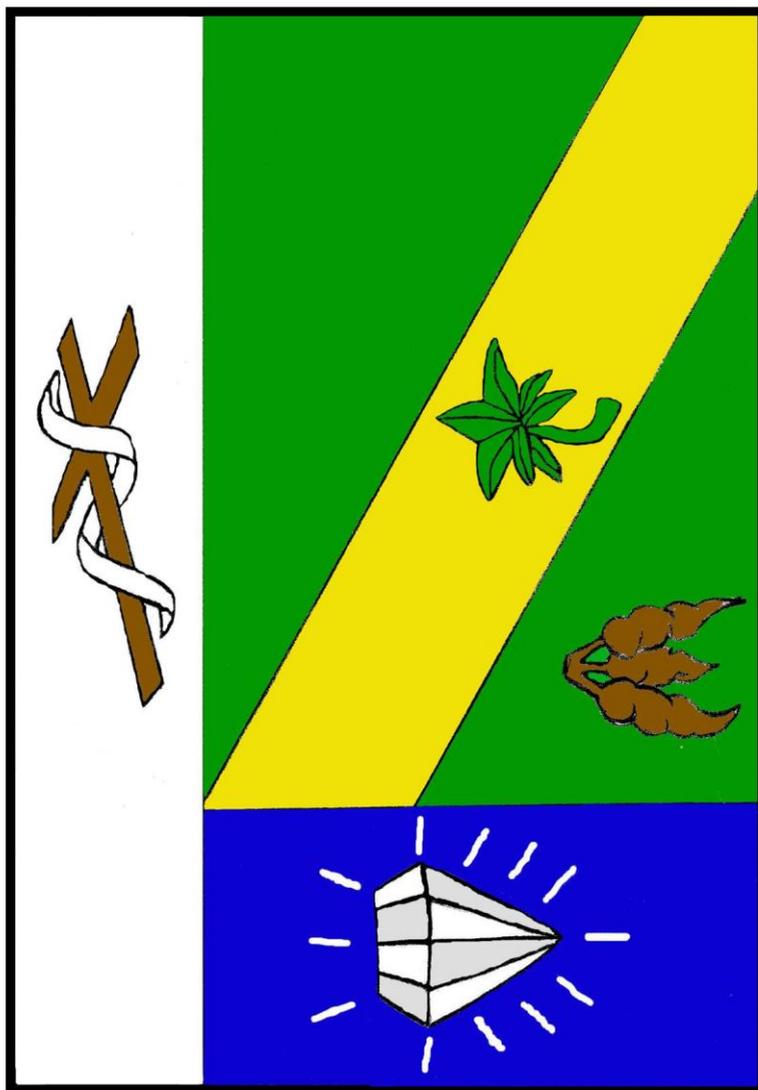


Figura 4 - Bandeira de Ipupiara, com destaque à mandioca e ao cristal, principais produtores da economia da cidade.¹⁰

¹⁰ - É importante observar também dentre os símbolos da bandeira, a presença da cruz, que tem grande importância para o cristianismo. Numa espécie de prefiguração da morte e ressurreição de Jesus Cristo, a cruz poderia representar também o martírio do santo padroeiro da cidade, São João Batista.

Dos produtos produzidos pelos agricultores ipupiarense, vários são comercializados na feira livre, que acontece sempre às segundas-feiras na cidade. Ali muitos “carros” vêm das comunidades do interior para que as pessoas possam encontrar alguns produtos e aproveitar para fazer as compras da semana. A feira, no entanto, não serve apenas para comercialização dos produtos. Muito mais do que isso, o que se observa é uma reconfiguração das ruas do centro da cidade, onde a feira acontece, o movimento se intensifica, as ruas são desenhadas por um vai e vem de pessoas que se encontram para conversar, trocar ideias e comercializar. Se o centro muda sua configuração, o interior também se configura com a feira, pois, enquanto o centro enche de pessoas, o interior se esvazia. Geralmente o ambiente rural dá sua pausa, nesse dia não se trabalha nas roças, nas casas somente algumas atividades são realizadas, como o preparo das refeições e limpeza da casa.

Nesse vai e vem nas ruas da cidade, durante esses dias, uma das coisas mais marcantes e motivo de assuntos ou de “um dedo de prosa” entre todos os setores da população, é a política. O assunto talvez seja recorrente em lugares pequenos de todas as regiões do Brasil, no entanto, a rivalidade política em Ipupiara já foi além das disputas partidária ou entre grandes famílias, ela passou pela rivalidade entre povoados.

A divisão da cidade em dois distritos, Ipupiara (sede) e Ibipetum (ou simplesmente *vila*), também divide a política local. Segundo o que se conta em Ipupiara, nos bares, nas praças e até mesmo nas salas de aula, é que a sede, na época das batalhas entre Horácio e Militão, entre os anos 1916 a 1919, apoiou Militão, enquanto a vila apoiou Horácio.

A rivalidade política entre os dois distritos, nascida no período dos emblemáticos coronéis, prolongou-se até meados dos anos de 1990. No período das campanhas eleitorais, a divisão era perceptível. As lideranças da vila indicavam um candidato a prefeito em cada pleito, “firmando sua posição antagônica de forma arraigadamente predefinida, fosse quem fosse o candidato da sede.” (LEITE, 2009, p. 22). A rivalidade transgredia as relações políticas e eleitorais e tomava outros espaços, como o das relações amorosas, tanto que, em uma conversa na própria igreja, algumas senhoras lembravam-se do ano eleitoral de 2012, que estava corrente, quando uma rememorou: “na minha época, moço da vila [Ibipetum] não podia

namorar, nem casar com moça de Ipupiara, e vice versa, a questão política impedia isso, eu tive coragem de casar com um moço de lá [se referindo ao seu casamento com um homem de Ibipetum]. Hoje não tem mais nada disso”.

Nas últimas eleições (2012), essa configuração de candidaturas deixou de acontecer. A rivalidade, porém, não deixa de ser motivo de tiradas, risos e discussões. Presenciei em algumas conversas, pequenas provocações entre amigos ou entre pessoas de diferentes lugares, principalmente daqueles da sede para com os da Vila, talvez pelo fato de eu estar na sede a maior parte do tempo.

O fato do ano de 2012 (ano em que estive realizando a maior parte do trabalho de campo) ser um ano eleitoral, com certeza fez as conversas serem permeadas por essas histórias: *“ei vocês da vila vão querer perder de novo ou vão apoiar a sede?”* *“vai passar mais uma eleição pra vila não ter prefeito”*. O tom de rivalidade do passado parecia ter dado espaço, mesmo que não em totalidade, para a jocosidade, para as lembranças e confraternização entre amigos, outrora adversários políticos, cercados de um gole de “cana” e as tragadas do “velho palheiro”.

O problema mais grave que Ipupiara passa, atrelado às ações políticas, ou simplesmente à falta delas, de acordo com a perspectiva de Leite (2009), é a falta de um fórum. Isso se deve, segundo a visão do autor, porque a cidade “ainda não conseguiu ver instalada a sua Comarca, quando já se passaram 50 anos de sua emancipação.” (p.121). Os cidadãos de Ipupiara, quando precisam resolver questões judiciais, têm de se deslocar para Brotas de Macaúbas onde tem o fórum e uma Comarca instalada.

Martins (2010), em concordância com a reflexão de Leite, vai mais a fundo, ao dizer que a partir do fato de Ipupiara não ter sido elevada a Comarca, “pelo menos até agora (*ano de 2010*), jamais se livrou de Brotas de Macaúbas.” (p.13). Ainda segundo Martins, a cidade não possui prédio de fórum, juiz de direito e promotor de justiça, para ele “é preciso que apareça um prefeito corajoso em Ipupiara e construa um Prédio para o Fórum. Não consulte e não espere qualquer iniciativa da Justiça Baiana.” (p. 14 – grifo meu). É fato observar que esses autores, são também defensores de que Ipupiara se “desenvolva” em outros aspectos. A luta pela emancipação jurídica é um dos pontos centrais para

que a cidade deixe de ter sua história ainda atrelada a de Brotas de Macaúbas.

Juntando as histórias e casos, tendo em vista a trajetória de Ipupiara, essas ações ainda “emancipatórias” da cidade fizeram com que se articulasse para que ali fosse instalado, no ano de 2009, um polo de educação a distância (EaD) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com o curso de Matemática, e da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com os cursos de Pedagogia e Letras, evitando que esses fossem para Brotas de Macaúbas. Em 2011, uma antiga construção foi reformada e foram criadas três salas para abrigar o polo. Essa articulação fez com que Ipupiara acabasse ganhando prestígio político sobre sua vizinha Brotas de Macaúbas, que também lutava para sediar o polo, não obstante a isso, gerou opção de acesso ao ensino superior gratuito na cidade. Os reflexos do polo na economia, educação e permanência de munícipes no território ipupiarense, ainda são imensuráveis, mas acredito que tenha alguns reflexos em poucos anos.

I – IV – João Batista: a voz que clamava no deserto

A fazenda comprada e que deu origem a Ipupiara, esteve desde seu início marcada pela religiosidade. Costa (2002) lembra que com a compra da fazenda foi edificada uma Capela de São João Batista por volta do ano de 1882. O motivo da escolha de São João Batista, ou somente São João, como é popularmente conhecido, para ser o orago daquela comunidade até hoje, tanto em escritos, como nas histórias contadas pelos moradores, é desconhecida. O que se sabe é que após a edificação da igreja e os primeiros cultos ao santo, os nomes daquele lugar foram a ele referenciados, ou a sua história: Fortaleza de São João (1906) e Jordão (1911).

A importância da figura de São João Batista, no cristianismo, se dá, dentre outros motivos, pelo fato dele, segundo a tradição bíblica, ter sido o "precursor" de Cristo, a voz que clamava no deserto e proclamava a vinda do Messias, perseverando no convencimento para que os judeus se dispusessem, para esse advento. João mesmo disse: “Eu sou a

voz de quem grita no deserto: Endireitai o caminho para o Senhor, conforme disse o profeta Isaías.” (Jo 1,23).¹¹

As principais informações sobre a vida e missão de São João Batista são dos Evangelhos canônicos. Lucas é o evangelista que aborda uma visão mais completa das características do santo, destacando desde momentos como o nascimento até sua morte. O evangelho de Mateus tem afinidade muito próxima com o de Lucas, dando ênfase à vida pública de João Batista, mas não relatando dados anteriores a isso. Marcos é um dos evangelistas que muito pouco fala do santo. O quarto evangelho, o de João, que apesar de ter o mesmo nome do santo, se trata de outro João, o apóstolo de Jesus, é o único que destaca ações da vida do santo após realizar o batismo de Jesus. No Antigo Testamento da bíblia, também se encontra passagens sobre João Batista, no livro de Malaquias e especialmente em Isaías.

Segundo o evangelho de Lucas, João, que só foi chamado de Batista mais tarde, nasceu no reino de Judá, filho do sacerdote Zacarias e de Isabel, que era prima de Maria, mãe de Jesus. Lucas narra as conjunturas divinas que antecederam o nascimento do santo. Isabel era estéril e de idade avançada, mas desejava ardentemente ter um filho, quando por razão das suas orações, o anjo Gabriel anunciou a Zacarias que a mulher ficaria grávida e seu filho deveria se chamar João.

Maria, que já estava grávida de Jesus, também é comunicada pelo anjo da gravidez da prima e parte para visitar Isabel. Segundo Lucas, ao ouvir Maria saudar Isabel, João, ainda na fase fetal, pula de alegria no ventre da mãe deixando-a repleta do Espírito Santo. Isabel, surpresa com a visita, ainda exclama: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Como mereço que a mãe de meu Senhor me venha visitar?” (Lc 1,43) Esse episódio, mesmo que simbolicamente, já marca o papel de João Batista como precursor de Jesus, antes mesmo do nascimento de ambos.

¹¹ - Todas as passagens bíblicas citadas ao longo desse trabalho são da seguinte referência: BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução por Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 8. ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2007. Referente a passagem bíblica citada, ela também pode ser encontrada, ainda que transcrita de maneira diferente em Mc 1,3; Lc 3,4; Mt 3,3.

Ao chegar à fase adulta de sua vida, João Batista passa a caminhar pelo deserto. Mateus, em seu evangelho, relata que a veste de João era feita de pelos de camelos e em sua cintura era colocado um cinto de couro, sua comida era à base de gafanhotos e mel silvestre. Por meio da oração passou a guiar sua missão, conclamando a todos que encontrava: “Convertei-vos, pois o Reino dos Céus está próximo.” (Mt 3,2). João Batista, dessa maneira, é reconhecido pela população como profeta. “Então Jerusalém, toda Judéia e toda região do Jordão saíam à sua procura e, confessando os seus pecados, eram por ele batizados no rio Jordão.” (Mt 3,5-6) Diante dos batizados realizados é que João passa a ser chamado de João Batista, ou simplesmente Batista.

Sempre, quando questionado sobre quem realmente ele era, João dizia: “Eu não sou o Cristo, mas fui enviado a sua frente.” (Jo 3,28). Completando seu pensamento, por vezes, também dizia: “eu não sou digno de desatar as correias da sandália *(de Cristo)*.” (Jo 1,27 – grifo meu). Depois de tanto anúncio e proclamação, chega o momento em que João e seu primo Jesus se encontram. “Então Jesus veio da Galiléia para o rio Jordão, até junto de João, para ser batizado.” (Mt 3,14) Resistente em batizar Jesus, por se considerar indigno de tal atitude, João é convencido pelo primo: “Por ora, deixa, é assim que devemos cumprir toda justiça” (Mt 3,15). Logo após o batismo, como narra Mateus, um evento sobrenatural abriu o céu daquele lugar, fez com que o Espírito Santo descesse sobre Jesus e uma voz vinda do céu disse: “Este é meu Filho amado, nele está o meu agrado.” (Mt 3,17). O batismo marca o início da missão profética de Jesus.

Mais tarde, diante do seu ímpeto profético e de denunciar as injustiças, João foi preso pelo rei Herodes. O santo denunciava o caso que o rei mantinha com a amante Herodíades: “Não te é permitido ter a mulher de teu irmão.” (Mc 6,18). Herodíades era cunhada de Herodes. Diante das denúncias que João fazia, a mulher procurava alguma forma de matar o profeta. Certa vez, a filha de Herodíades, chamada Salomé, dançou em uma festa promovida por Herodes e, encantado com a beleza da moça, o rei queria agraciá-la com suas riquezas e bens: “Eu te darei qualquer coisa que me pedires, ainda que seja a metade do meu reino.” (Mc 6,23). Diante de tal oferta e influenciada pela mãe, Salomé pede a

cabeça de João Batista. Era a forma que Herodíades tinha de se livrar de quem a impedia de continuar seu caso de amor com o rei. Herodes, como havia feito a promessa publicamente, teve de cumprir, ainda que com muita tristeza, pois procurava João para se orientar. “Quando os discípulos de João ficaram sabendo, vieram e pegaram o corpo dele e o puseram numa sepultura.” (Mc 6,29).

Conquanto essa literatura bíblica e cristã não seja mencionada pelos moradores de Ipupiara, ao perceber o culto ao santo, seja nas festas, novenas e orações, trechos e menções dessa literatura são trazidas à tona. Ao falar do santo é comum escutar coisas como: “É um santo que viveu no deserto, gente, sofreu o calor, que lutou a luta do dia-a-dia, é um santo que, naquela época, viveu uma realidade igual a nossa”, afirmou uma senhora, nas “rezas” do terço perto do período da festa dedicada ao santo.

“São João também é um exemplo de como devemos anunciar Jesus. João não tinha medo de denunciar as injustiças, dizia que Jesus era maior do que qualquer poder”, relatou outra senhora mesma ocasião. Essas falas mostram que, mesmo sem uma análise maior de como a população de Ipupiara relacionava o santo com sua narrativa bíblica, as pessoas conhecem a história do santo e a relacionam com seu cotidiano.

João Batista, elevado aos altares da Igreja Católica, com o tempo torna-se um dos maiores santos juninos do Brasil, sendo cercado de devoções, diversões e simbolismos, dentre eles a fogueira, utilizada nas festas em sua homenagem. Uma polêmica central dentro da própria Igreja Católica é sobre a possível data do nascimento do santo e a liberação da confecção de fogueira em suas festas. Como nos diz Chianca (2007),

considerando as fogueiras como sobrevivência do paganismo, a Igreja retomou a distância de seis meses entre os nascimentos de Jesus Cristo e João Batista e instituiu a data de comemoração a este último de tal maneira que as festas do solstício de verão europeu com suas tradicionais fogueiras se tornaram “fogueiras de São João”. (p. 59).

Chianca (2007) lembra que existem poucas informações sobre as festas em homenagem a São João e as festas juninas na historiografia colonial brasileira. A partir da própria reflexão abordada pela autora, vale lembrar que na época colonial, os festejos e devoções portuguesas foram trazidos ao Brasil e dentre eles estava o culto a São João Batista. Com o tempo, as festas em homenagem a São João, continuando com a análise de Chianca, acabaram se tornando um evento entusiasmante no meio urbano colonial, unindo os dois elementos fundamentais da sociabilidade pública: as ruas e igreja: “Nos dias do santo, as cidades se iluminavam especialmente enquanto o chão era decorado com pétalas de flores e as janelas com tecidos e potes de flores.” (idem, p.61). Aos poucos, diante de diversos elementos que essas festas foram ganhando, elas foram se instalando e permanecendo nos hábitos locais do período colonial, chegando até a atualidade.

É provável que nesse contexto, tendo em vista a devoção do culto ao santo, que o português Gramacho tenha influenciado na edificação de uma capela ao santo nas terras da fazenda arrendada por Carlos Rodrigues de Araújo Barreto. A Igreja que lá foi edificada passou por diversas reformas, mas continua no mesmo lugar ainda hoje. Além disso, o que se sabe ao certo é que o culto a São João Batista é mantido em Ipupiara, em maior ou menor escala com o passar do tempo. Concomitante ao culto, a festa em homenagem ao santo, com o passar dos anos, ainda que não se tenha notícia de sua origem naquele território, imprime na cidade um caráter fundamental de alinhamento entre religião, política e diversão como os próximos capítulos abordarão.

CAPÍTULO II – ENTRE FESTAS: OBSERVAÇÕES, HISTÓRIAS E DIVERSÕES

[...] Pra dançar quadrilha
 No sertão é mais *mio*
 Sanfoneiro, violeiro
 Tomam conta do forró
 Não precisa orquestra
 Pra animar a festa
 No fungado da sanfona
 Vai-se até o nascer do sol [...].
 (“Piriri”, João Silva e Albuquerque, 1965)

II – I – A cidade do/como campo: inserções

No ano de 2011, já tendo ingressado no mestrado em Antropologia na UFSC, retornei a Ipupiara para participar da festa de São João. A cidade parecia se preparar para um evento magnífico. Foi aí que pude perceber realmente a importância daquela festa para a cidade. Antes mesmo de chegar àquele lugar, indícios fortes já me apontavam isso. Pedi a uma amiga, que mora na capital baiana, para comprar a passagem de Salvador a Ipupiara, uma vez que tinha que embarcar no avião em Florianópolis e, de Salvador, seguir de ônibus. Ao fazer o pedido, ela mesma me alertou: “Você já tem que comprar a passagem quando for liberada a compra, pois no período de São João, todo mundo quer ir para o interior.”

Na única empresa que leva os passageiros de Salvador a Ipupiara, a Viação Novo Horizonte, a liberação para compra das passagens se dá geralmente um mês antes da data da viagem. Este período tem sido ajustado ultimamente, mas sem uma delimitação fixa. A linha que leva os passageiros de Salvador a Ipupiara sai todos os dias da capital baiana, em apenas um horário, às 21h10min. Esta linha vai de Salvador a Rio de Contas, passando pela cidade de Seabra. Então é necessário fazer a troca de ônibus e seguir viagem a Ipupiara, chegando ao destino final entre 7 horas e 8 horas do dia seguinte. Quando o trajeto é de Ipupiara a Salvador, a questão não é muito diferente, o ônibus sai às 16 horas da cidade, único horário diário para

capital, fazendo a mesma baldeação em Seabra, para chegar ao destino final entre 3 horas e 4 horas do dia seguinte.

Minha amiga estava certa, parecia que todo mundo queria sair de Salvador e ir para as cidades do interior. A respeito disso, Amaral (1998a) já destacava que, a festa de São João no interior “adquire tal importância na vida social nordestina que não apenas é fonte de preocupação durante todo ano, como ainda move interesses políticos e econômicos que poucas vezes se imagina.” (p. 166). Uma faixa na entrada da rodoviária de Salvador, de maneira emblemática parecia me explicar o motivo de tanta aglomeração de pessoas: *Operação São João*. O ônibus em que embarquei estava lotado, inclusive foram colocados horários e ônibus extras para atender a demanda, não só pelas festas, mas por ser também o período de férias escolares na região. Diferentemente das regiões Sul e Sudeste do Brasil, em que as férias escolares da metade do ano acontecem durante o mês de julho, em boa parte do Nordeste, as férias são programadas para o mês de junho ou até início de julho, em virtude dos vários dias de festas dedicadas a Santo Antonio, São João e São Pedro, quando, geralmente, as cidades do interior já tem um santo próprio para festejar.

Após uma viagem de quase dez horas, da capital baiana até a bucólica Ipupiara, desembarquei no início da manhã de um dia extremamente quente - o que não é novidade no sertão. Minha chegada lembrava os famosos filmes de *faroeste*, aqueles que alguém não muito conhecido na cidade chega como se estivesse por desbravar aquele território, sendo observado curiosamente por seus moradores. Olhares me fitavam de várias maneiras, acredito que eram de curiosidade. Aqueles que não me conheciam e me focalizavam, poderiam pensar que talvez eu fosse mais um padre ou seminarista chegando para trabalhar naquele lugar. Digo isto, pois meu amigo, padre Cláudio, que trabalha lá, foi me receber com muito carinho e, prontamente, colocou minhas malas no carro da paróquia para poder me levar ao lugar, onde passaria alguns dias. Foi ele quem me ajudou a ajeitar e arrumar o lugar onde me hospedaria e, posteriormente, realizaria meu trabalho de campo com maior tempo.

Conheci o padre Cláudio entre os anos de 2009 e 2010, quando participei de algumas atividades promovidas pela Diocese de Barra, região eclesiástica onde Ipupiara está inserida. Tendo em vista minha grande participação nos movimentos da

Igreja Católica, desde minha infância, participei de uma viagem com pessoas da região de Florianópolis rumo a cidades da Diocese de Barra, inclusive Ipupiara, para participar de uma semana de orações e visitas as casas das pessoas, chamada Santas Missões Populares. Foi especificamente nessas ocasiões que pude realizar algumas atividades juntamente com o padre Cláudio e, a partir de então, fomos construindo uma amizade e tendo um contato mais próximo para poder chegar com mais facilidade a Ipupiara. Sobretudo, nesse primeiro momento, pois ele conhecia bem aquele lugar e seus costumes. Não esquecendo, é claro, que para mim, ele serviria como importante fonte de informações sobre a festa e a cidade.



Figura 5 - Pórtico na principal entrada de Ipupiara, no caminho vindo de Brotas de Macaúbas. No final de 2013 o pórtico foi retirado para ser realizada a pavimentação asfáltica da estrada.

Após a chegada, tratei de deixar minhas malas onde ficaria hospedado e, mesmo cansado, fui caminhar um pouco pelo centro de Ipupiara para ver o *movimento*, termo como é conhecido o transitar das pessoas entre praças, conversas, bares, lojas. Com ruas estreitas e repletas de pequenas praças,

muitas delas reformadas ou construídas, entre os anos 2000 e 2006, pelo que pude ler nas placas. Além disso, muitas casas são construídas em paredes conjuntas, ou seja, uma casa emendada na outra, sem quintal, pátio, jardim ou afins na parte da frente, as poucas casas que possuem quintal ou tem um espaço em seu terreno, são das pessoas com condições financeiras melhores.

Quase não se encontra rua sem saída no centro da cidade, quase todas, ligam-se entre si ou tem como destino uma praça. Num imaginário popular ou ainda pessoal de minha parte, muitas cidades de interior têm um centro composto da seguinte forma: uma praça grande com prefeitura, banco, correios e a igreja católica ao seu redor. No entanto, em Ipupiara, parece haver vários centros num só, pois prefeitura, banco, igreja estão separados em cada parte, cada construção localizada em uma praça. Mesmo já tendo a oportunidade de visitar a cidade outras vezes, foi como se algo diferente estivesse por acontecer ali, uma áurea diferente parecia envolver aquela cidade. Essa áurea, que assim prefiro chamar no momento, era composta de músicas em alto volume sendo tocadas por diversos carros¹², algumas barracas, destinadas a vender bebidas e comidas, já estavam montadas ao redor de algumas praças, bandeirolas eram montadas em frente da igreja, algumas pinturas eram feitas em lugares públicos, como bancos, guias, banheiros públicos.

Na igreja de São João Batista, principal templo católico no centro de Ipupiara, localizado em uma dessas diversas praças da cidade, algumas mulheres estavam organizando a limpeza, outras tratavam de ornamentar um andor onde havia a imagem de São João Batista. Flores artificiais brancas e vermelhas eram cuidadosamente colocadas aos pés da imagem do santo e sobre um arco de metal que envolvia seu andor. Aquelas mulheres, um número não maior que dez, que ali estavam, também me fitavam curiosas, sem saber ao certo quem eu era. Uma delas me reconheceu da época em que participei das Santas Missões

¹² - O ritmo tocado com mais frequência era o “arrocha”, música com letras geralmente românticas, estilo de difícil descrição, mas que considero como sendo uma mistura da música “brega”, estilo difundido especialmente pelo cantor Falcão, com forró e sertanejo. Estilos musicais que merecem um estudo mais detalhado, o que não pretendo fazer aqui.

Populares em 2009 e logo veio ao meu encontro e disse: “Você é o missionário do sul¹³?”, prontamente respondi: “Sou sim, a senhora lembra-se de mim?” “Lembro sim, moço, mas não sei seu nome, você está estudando pra padre, não tá?” “Não estou, não senhora. Meu nome é Marcel, estou pesquisando sobre a festa de São João para meu mestrado na universidade”. “Ôxe, que chique! Moço achei que você fosse seminarista, pois veio nas reza aquela vez com o povo de lá”. “Vim sim, agora vim pra outra coisa”, parecia que logo a curiosidade da moça tinha sido saciada com minha resposta.

Logo em seguida perguntei: “Vocês estão arrumando pra festa de São João?” “Isso mesmo, o novenário já começou faz três dias de ontem¹⁴. É muito bom rezar e comemorar a festa do senhor São João Batista, o precursor de Jesus”. “Que bom senhora. Vocês estão muito empenhadas aqui?” “Moço, todos os dias a gente vem pra cá ajeitar as coisas, sempre tem coisas pra ajeitar, cada dia tem uma coisa nova. Você vai ficar muito tempo?” “Até o fim da festa, mas ano que vem venho pra ficar mais tempo”. “Que coisa boa, então vem pra rezar com a gente por aqui, será bem vindo”, encerrei o diálogo agradecendo e desejando um bom trabalho.

Em seguida sentei em um dos bancos da igreja para fazer algumas orações, enquanto escutava aquela senhora que me abordou comentar com outras três: “Ele é aquele moço lá do sul que veio em 2009 aqui pra Ipupiara, com o povo missionário.” Logo outra moça perguntou: “Ele é padre? Veio ajudar padre Cláudio?” “Que nada, disse que veio fazer um estudo pra universidade”. “Que estudo?” “Diz que é sobre a festa”. “Ave Maria! Que chiqueza!”, logo interrompi minhas orações, com um breve sorriso de canto de boca, achando engraçada a forma com que aquelas senhoras e moças falavam de mim. Ao menos por

¹³ - O termo sul, para todos com quem conversei, se referia a muito mais do que a região geográfica composta pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande de Sul. O sul compreende também o estado de São Paulo. Nas conversas, as pessoas, quando queriam contar dos parentes que estavam em São Paulo, diziam: “Ele tá lá no sul, tá morando e trabalhando em São Paulo.”

¹⁴ - A expressão: *faz três dias de ontem*, fazia referência que com o dia de ontem o novenário completou três dias, sendo que o dia em que conversávamos era o quarto.

alguns minutos, eu estava tomando mais atenção nelas do que no trabalho de enfeite ao santo.

No início achava interessante, ao menos nos meus diários de campo, analisar a forma com que muitos me observavam ou o motivo pelo qual achavam que eu era ligado à Igreja, sendo um seminarista ou padre. No entanto, com o passar do tempo, não exatamente nessa minha participação na festa no ano de 2011, mas durante meu campo em 2012, as pessoas foram deixando de lado esses comentários ou essa rotulação. De fato, talvez para alguns, independente de ser pesquisador, continuei sendo em primeiro lugar o missionário do sul. Minha participação na igreja era frequente, mas não fiquei diretamente ligado ao padre somente, além de esclarecer isso para as pessoas com quem conversava e que me perguntavam se eu era padre, seminarista ou algo parecido. Essas informações que eu fornecia sobre mim, pareciam que se espalhavam por lá, pois, aos poucos, as perguntas foram sumindo e algumas pessoas na rua me paravam para dizer: “Moço, achei que você fosse seminarista, mas me disseram que você veio fazer um estudo para universidade.” Muitas dessas pessoas eu sequer conhecia.

Para mim, no início, essa confusão era ruim, queria que me tivessem somente como pesquisador, antropólogo, coisa assim, não como uma pessoa ligada à Igreja, mesmo sem nunca ter negado ser católico ou ter deixado de participar das atividades católicas de Ipujiara. Mas como minha intenção era que me observassem enquanto pesquisador eu tentava explicar em cada conversa qual minha real intenção na cidade. As perguntas sobre se eu era um agente da Igreja aos poucos deixaram de existir e eu observava que, enquanto para alguns essa negação parecia certa decepção, talvez por me acharem com certo estereótipo de religioso, para outros parecia ser um espaço para o diálogo avançar e não ter pudor em alguns comportamentos e palavras. Minha preocupação, somando-se a tudo já exposto, era de que as pessoas não me vissem como um agente institucional, ou seja, um padre ou seminarista, pois isso poderia fechar portas para alguns assuntos que me interessariam muito sobre a cidade e a festa. Em nenhum momento, porém, tive dificuldades em dialogar, sobre algum assunto, com qualquer pessoa com quem conversava. Em muitas conversas, sequer tocava nos assuntos de igreja ou festa. Eu acabava comentando naturalmente sobre minha vida e a outra pessoa sobre a vida

dela, sobre histórias que aconteceram naquele lugar, estabelecendo aos poucos a interação que eu tanto buscava naquela cidade. Não consigo afirmar, com convicção, que todos deixaram de me ver como o missionário do Sul, mas considero que essa foi uma primeira “barreira” ultrapassada.

II – II – Das ruas, dos espaços e das ações na festa e para a festa

A festa de São João, em Ipupiara, parecia se acentuar quando o assunto, também era o lugar onde os “festejantes” moravam. Nesse sentido, como lembram Elias e Scotson (2000):

estudar os aspectos de uma figuração universal no âmbito de uma pequena comunidade impõe à investigação algumas limitações óbvias. Mas também tem suas vantagens. O uso de uma pequena unidade social como foco de investigação de problemas igualmente encontráveis numa grande variedade de unidades sociais maiores e mais diferenciadas, possibilita a exploração desses problemas com uma minúcia considerável... (p.20)

Escutando as histórias que eram relatadas pelos moradores de Ipupiara, eu me surpreendia como o fator de localização das casas era um atributo de “rotulação” dos moradores. Inspirando-me em Geertz (2004), que no livro “O saber local” descreve as ruas de uma cidade marroquina como algo complexo e cheio de ligações, lembro-me do centro de Ipupiara. As ruas têm inúmeros atalhos, umas ligadas as outras, nos dias de feira - espaços onde ambulantes montam suas barracas feitas de lona azul ou, simplesmente, expõem as mercadorias sobre o chão, protegido apenas por uma pequena cobertura de papelão para não sujar – as pessoas aproveitam para sair de casa e encontrar amigos. Nesses momentos, assim como Geertz, eu estava me deparando com um cenário repleto de “uma variedade simplesmente surpreendente de seres

humanos extremamente simpáticos.” (p. 99). As relações entre os amigos muitas vezes era “consolidada”, “marcada” pela divisão entre as ruas do centro da cidade.

Mas enfim, que divisão de ruas é essa? No centro, existe um pequeno desnivelamento entre as ruas que estão mais na parte de cima e as que estão na parte de baixo. As “ruas de cima”, como popularmente eram chamada, localizadas num nível acima geograficamente das demais, são as que estão mais próximas aos órgãos administrativos, praça, bancos e lojas da cidade, sendo caracterizadas como local de residência de pessoas com maior poder aquisitivo, como lembra Maria, uma moradora da região das “ruas de baixo” do centro da cidade: “Lá nas ruas de cima, o povo é rico, tem mais dinheiro, tu até pode ver como a morada deles é mais requintada, ali pela Rua Sete¹⁵ tu já vê como o povo já é melhor de vida.” As ruas de baixo são as ruas mais afastadas do centro. Diferentemente das casas de cima, as da rua de baixo não tem o mesmo aspecto “requintado”. “Aqui nós não temos tanta coisa que nem eles, nossas casas são mais simples. Parece que eles não gostam muito da gente. Acho que, inclusive, é porque as urnas da nossa região são sempre mais importantes para decidir o prefeito”.

Joana, outra interlocutora que me relatou sobre a divisão das ruas da cidade, corroborando o que diz Maria, ressalta a importância de morar nas ruas de cima: “As pessoas aqui são mais educadas, não são tão barraqueiras, parece que se respeitam mais, não tem tanta briga. Lá do outro lado, o povo tem sempre problema com a vida”.

¹⁵ - Se referindo a Rua Sete de Setembro, praticamente situada entre a parte baixa e alta da cidade.

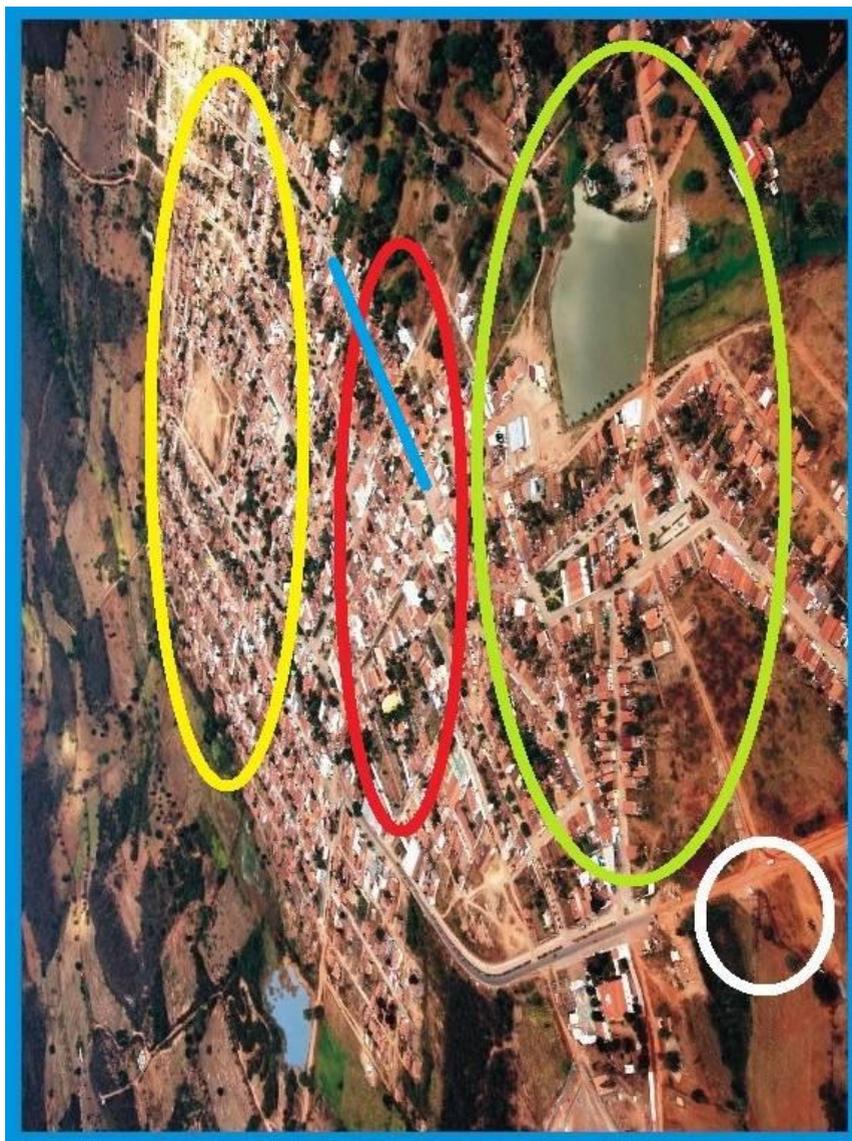


Figura 6 - Vista aérea do centro de Ipupiara. Círculo branco marca a entrada principal do centro. Círculo verde é a região das ruas de baixo. Círculo vermelho é região central. Linha azul é onde está a Rua Sete de Setembro. Círculo amarelo é região das ruas de cima.

As relações constituídas em Ipujiara, referente à divisão espacial, remontam ao que parece ser algo já histórico, um conjunto de “estigmas” de moradores para moradores, construindo aquilo que Elias e Scotson (2000) discutem como sendo a relação entre “*estabelecidos e outsiders*”, a relação de um grupo em relação a quem não faz parte dele. Essa configuração espacial, em Ipujiara, também remete ao estudo de Arantes (2000) sobre a região central da cidade de São Paulo, pois assim como sua constatação sobre aquela cidade, minhas observações sobre Ipujiara indicam que ali também “os lugares sociais assim construídos não estão simplesmente justapostos uns aos outros, como se formassem um gigantesco e harmonioso mosaico” (p. 106), eles parecem que se entrecruzam de maneira bastante complexa.

Mas o que mais me chamou atenção é que, entre os jovens, essa relação de demarcação entre as ruas, quando se trata da festa, não parece ser assim tão forte. Os jovens participantes da igreja, de maneira mais elementar os que frequentam as atividades da Pastoral da Juventude (PJ), foram os que eu tive um maior contato. Eles são os que mais transitam, mas acredito que não são os únicos, entre esses dois espaços: as ruas de cima e as de baixo.

Os jovens membros da PJ me abriram algumas possibilidades de perguntas sobre como as relações espaciais afetam a festa daquela cidade. Eles pareciam não compartilhar simplesmente com os discursos que Maria e Joana emitiram. Isso foi possível perceber na fala de Manoel, um membro da PJ: “Essas coisas das ruas de cima e de baixo são coisas que o povo ainda usa pra justificar quando não gosta de alguém. Hoje em dia, as coisas não são mais assim, ainda que se queira usar essa divisão. Um exemplo disso é pela maneira como acontece a festa de São João na nossa cidade. Todo mundo brinca. Se fosse tão dividido, o povo não vivia junto na festa”.

O discurso de Manoel me fez pensar novamente no estudo de Geertz (2004), quando o autor diz que “as pessoas não passam a vida obedecendo a regras [...], mas [agem] livremente e [utilizam] suas melhores qualidades.” (p.43). Ou seja, esses jovens, ligados a PJ, dentre outros também, parecem estar transcendendo a lógica imposta pela fala daquelas mulheres. Juntando-se a isso, cabe destacar novamente a reflexão de Arantes (2000) ao enfatizar que no espaço da cidade

“vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais” (p.106). Dessa maneira, ao passo que existe uma divisão de espaço entre as ruas que nivela e hierarquiza as relações, os jovens da PJ constroem outras fronteiras para essas relações ou simplesmente as colocam em outro plano, um plano que não necessariamente divide os espaços de Ipupiara como Maria e Joana o fazem.

Sobre essas divisões e não divisões dos espaços do centro de Ipupiara, me veio em mente uma pergunta já feita por Certeau et. al.(2003): o que é um bairro? Pensando que “o bairro é uma porta de entrada e de saída entre o espaço qualificado e o espaço quantificado” (p. 41), aos poucos pude ir entendendo a ocupação dos espaços, tanto sociais como geográficos no centro da cidade.

Nos dias que antecediam a grande festa do santo da cidade, o que Manoel havia me dito parecia se evidenciar aos meus olhos. Ao passo que as categorizações formuladas sobre as ruas de cima e de baixo, por Maria e Joana, se manifestavam, a tal ponto dos moradores de ambas não se relacionarem uns com os outros, com o advento do período da festa, parecia que isso se amenizava. Dessa maneira, o momento da festa, como argumenta Da Matta (1987), estava promovendo deslocamentos dessas categorizações – ruas de cima e de baixo – dos seus espaços normais. A exemplo disto, bastava observar como as pessoas das ruas de cima e de baixo se relacionavam logo após as missas, conversando na porta da igreja como grandes amigos. Parecia que as divisões entre as ruas não existia.

Ainda acerca dessa relação, numa das celebrações religiosas, durante o período da festa, pude observar um pouco o constrangimento de Joana e Maria. As duas interlocutoras, que poderiam ser outras, haja visto o número de histórias que escutei sobre as ruas de cima e de baixo, estavam conversando alegremente uma com a outra em um dos bancos da igreja, quando me aproximei para sentar perto delas a fim de participar da celebração. As duas me olharam espantadas e parecendo envergonhadas, e num primeiro momento não entendi o motivo daquilo. Minha chegada silenciou a conversa, que logo se transformou na oração fervorosa do rosário. Durante a oração que elas realizavam, minha mente despertou para o motivo de ambas ficarem daquela maneira com a minha chegada. Não só

as duas eram de lugares diferentes da cidade, uma da rua do alto, outra da rua de baixo, mas Maria havia me confidenciado segredos sobre o que sabia da família da Joana e vice-versa, falando mal um pouco uma da outra. Certamente as duas poderiam estar envergonhadas pelo fato de terem me confidenciado as impressões de uma sobre a outra e, agora, eu tê-las visto juntas. Na tentativa de minimizar aquele clima criado com minha presença, logo falei: “é muito bom vê-las juntas”. As duas, com uma expressão meio de surpresa, meio de alívio pelas minhas palavras, agradeceram e continuaram rezando. É claro que posso estar equivocado e o constrangimento ter sido simplesmente porque as encontrei conversando em vez de rezando, ou, talvez, que uma coisa agravasse a outra.

As histórias contadas por Joana e Maria sobre os espaços ocupados, mesmo que para alguns pudessem parecer ultrapassadas, era possível perceber também como os espaços e relações construídas pelos cidadãos se manifestavam até mesmo nas roupas que vestiam. Podemos tomar, por exemplo, o fato que, nas missas e procissões, as mulheres pouco se maquiavam, se “produziam”, mas nos bailes o estilo era outro.

A festa que acontecia na praça, onde havia bailes, estava longe de estar fora do alcance da Igreja. Ainda que o padre não usasse o altar para comentar diretamente sobre a programação dos shows organizados pela prefeitura, tecendo um comentário contra ou a favor, pude presenciá-lo, não poucas vezes, instruindo alguns jovens, com os quais ele tem uma boa relação, para se divertirem com responsabilidade. Não pude observar nenhuma fala do padre da cidade sobre o modo de se vestir das mulheres, uma vez que o estilo delas se vestirem nas missas era diferente da vestimenta da festa. Ou seja, elas faziam questão de demarcar os lugares através das roupas que vestiam: “a roupa da missa não pode ser a mesma roupa da festa”, como me lembrou Michele, uma jovem integrante da PJ, quando elogiei seu figurino durante o baile de forró que acontecia na praça de eventos da cidade. Nesta oportunidade, perguntei a ela se isso era muito comum entre as meninas dali. Ela simplesmente me afirmou: “quem não troca de roupa para vir à festa, parece que não sabe se produzir.” Muitas pessoas aproveitavam a ocasião para tirar do guarda-roupa ou mesmo comprar uma roupa nova para ir à missa. Uma roupa talvez mais “comportada”, ou seja, mais comprida, que não deixasse tantas partes do corpo visíveis.

O que vejo na fala de Michele não parecia ser uma distinção de que para a festa se arrumam mais do que para a missa, mas de que se arrumam de maneiras distintas nas duas diferentes ocasiões.

Da Matta (1987) já dizia que não é preciso especular muito para saber que os espaços são concebidos ou que existem espaços concebidos de diferentes maneiras. Não quero, porém, correr o risco de entender que, por ser a igreja um “lugar sagrado”, as roupas eram mais “recatadas” do que na festa. Em outro momento, Michele me esclareceu parte disso: “na igreja, nas missas, não é lugar para namorar ou arranjar alguém, mas na festa, além da gente querer ter uma roupa nova pra mostrar para as amigas, a gente espera encontrar um moço bonito”. Aludindo novamente ao que pensa Da Matta (1987), mas ecoando com o que encontrei em Ipupiara, “o normal é que na casa, [na igreja], rua, [baile] e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas [...e] nessa perspectiva as diferenciações que se podem encontrar são complementares....” (p. 52).

A fala de Michele traz à baila a afirmação de Certeau et. al. (2003) que “a roupa é o indicador de uma adesão ou não ao contrato implícito do bairro, pois, ao seu modo, “fala” sobre a conformidade do usuário (ou de seu desvio) àquilo que se supõe ser a “maneira correta” do bairro.” (p. 48). Diante disso, volto à ideia de Geertz (2004) referente à noção que as pessoas não estão o tempo todo obedecendo regras, mas utilizando livremente suas melhores qualidades.

Juntando-se a isso, mesmo que sem ficar extremamente preocupado com os lugares os quais eu frequentava e as pessoas com quem eu conversava, uma das gafes que cometi ao frequentar o baile de forró foi estar muito perto das garotas, conversar muito com elas. Num primeiro momento, achei muito estranho o fato de garotos e garotas ficarem longe uns dos outros, exceto quando não estavam solteiros. Os garotos, geralmente tomando cerveja, ficavam juntos em alguns espaços e as garotas em outros, a troca de olhares era frequente entre os membros desses grupos, estava evidente que o que acontecia ali era um sistema de códigos onde havia uma demonstração clara de interesse de um membro por outro, ou seja, garotos e garotas trocavam e compartilhavam gestos, olhares e palavras entre si,

na busca de criar um ambiente propício para um possível namoro ou envolvimento.

Minha presença numa roda de garotas, uma vez que tinha amizade com todas as que estavam ali, gerou um problema. O fato de estar entre elas fez com que um grupo de garotos se afastasse dali. Michele, a mesma que me falou da questão das roupas, me contou que eles estavam interpretando que eu tinha sido mais ousado e tinha conseguido “chegar” primeiro nas garotas. O termo “chegar” se referia ao momento em que um garoto se aproxima de um grupo de garotas ou mesmo de uma só e demonstra seu interesse por ela, podendo se originar dali um relacionamento. Michele só me falou disso no dia seguinte, e dessa maneira percebi o motivo da atitude de algumas garotas para comigo. Certamente elas poderiam estar interessadas em iniciar um relacionamento com alguns daqueles garotos, mas minha presença impediu a aproximação deles. Diante disso, não foram poucas as vezes que, simplesmente por dançar com algumas de minhas amigas, alguns comentários foram feitos sobre um possível namoro entre mim e alguma delas.

O homem solteiro, ao tomar iniciativa para dançar com uma moça também solteira, já é considerado como futuro namorado. A dança tinha, para alguns, sobretudo, essa função “amorosa”. Não foram poucas as perguntas feitas a mim sobre se era verdade que eu e ela estávamos noivos, pois, para alguns, o fato de eu, quase sempre, dançar com ela, estaria denotando um relacionamento entre nós. Diante disso, comecei a pensar, em alguns momentos, “até onde se vai para não ir longe demais, para manter o contato estabelecido pelo costume e, ao mesmo tempo, não cair na dependência de uma familiaridade excessivamente íntima.” (CERTEAU et. al., 2003, p. 54). Procurei observar com mais cautela minha relação com minhas amigas em Ipujiara, a fim de não prejudicá-las e com isso também não impedir minha circulação por alguns ambientes devido a má interpretação de minhas relações no campo. Ou seja, “para se manter “conveniente”, é preciso saber jogar o perde-ganha [...], o benefício aumenta quando se sabe renunciar” (idem, p. 55), tanto é que foi preciso em alguns momentos renunciar de manter relação mais frequente com alguns interlocutores para poder criar com outros.

II – III – Indicações de faces da festa

Nas minhas andanças por Ipupiara, ainda quando tinha recém chegado, em 2011, ao sair da igreja, visualizei dois tipos de cartazes que indicavam as atrações religiosas e festivas ligadas às datas próximas da comemoração ao dia de São João. Esses cartazes me chamaram atenção por diversos motivos. Enquanto um cartaz dava destaque à programação religiosa, outro destacava uma programação mais ligada aos shows de bandas de forró. Isso logo me fez pensar na ideia de que poderia haver dois tipos de festa, ou ainda uma festa com dimensões diferentes. Um cartaz era produzido pela prefeitura e outro pela paróquia, cada um ressaltava aspectos diferentes, ligados às atividades que cada uma das entidades produzia.

SÃO JOÃO 2011

IPUPIARA - BA



Programação Religiosa:
Celebrações, Lulões, Barracas e Procissões



FESTA

Dia 22/06/2011 - Tapioca com Jabá, Espalha Brasa e Gegê Almeida




Atrações

22/06
Arraiá do São João
A partir das 17:00hs

Dia 23/06/2011 - Phaphirô, Xiss da Paraíba, Banda Jordão e Raio de Sol




Dia 24/06/2011 - Tony e Ju, Zezo, Banda Jordão e Raio de Sol




Realização:



Apoio:

CÂMARA DE VEREADORES

25/06
Arraiá do São João na Gente
A partir das 17:00hs

Figura 7 - Cartaz produzido pela Prefeitura Municipal de Ipuiara em 2011.

FESTA DO PADROEIRO JUNHO DE 2011

Tema: São João Batista, o maior dos Profetas.
Disse Jesus: "Entre todos os nascidos de mulher, não há ninguém maior do que João" (Lc 7,28).

PROGRAMAÇÃO:

15 a 23 - Novenário com Santa Missa - às 19:30h



18 - Santíssima Trindade - Encontro das Comunidades - (Iniciativa)



25 - ARRAIA DA PJ - 19:00h



17 e 18 - Final de semana intensivo do Projeto Girassol



24 - Natividade de São João Batista - Missa Solene e Procissão



26 - DIA DO VAQUEIRO



C e l e b r e P a r t i c i p e F e s t e j e

Procissões Leilões Barraca Batizados Casamentos

Realização: Paróquia São João Batista - Ipujiara - Diocese de Barra-Ba

Figura 8 - Cartaz produzido pela Paróquia São João Batista em 2011.

No cartaz produzido pela paróquia, existiam três palavras escritas na vertical: celebre, participe, festeje. Esta última palavra parece fazer alusão não só à dimensão religiosa, dando a entender que o festejar estaria fora das outras dimensões, ou ainda, seria outra dimensão que estaria em conjunto com o celebrar e o participar. No cartaz da prefeitura, logo na parte de cima, há uma referência muito clara à programação e dimensão religiosa, trazendo inclusive uma foto da igreja. Na programação de cada uma é possível ver semelhanças, mas também diferenças, pois cada “produtor” gostaria de dar maior ênfase as suas atividades, mesmo porque algumas eram conjuntas.

Em 2012, quando concentrei a maior parte do meu trabalho de campo sobre a festa, foi confeccionado um cartaz só, produzido pela prefeitura. A paróquia decidiu não confeccionar nenhum cartaz, mas solicitou que fosse dado algum espaço para a programação religiosa da festa no cartaz da prefeitura.

SÃO JOÃO 2012

IUPIIARA-BA



Dia 17

Dia do Vaqueiro



Dias 20 e 21

Arraiá da Pça. das Mães
Isalino Miranda
Gêgê Almeida
Banda Jordão

Dia 22

CAÇAMBA
FOLIA
SÃO JOÃO
2012



Dia 23

Forrozeiros
Baby Mel

Na Praça da Matriz

FORROZEIROS DO NORTE

TRIO FOLIA

Dias 24 e 25

Arraiá da



Binho, Banda Jordão, Duda
Gêgê Almeida e muito mais.

Programação Religiosa:
Novenário, Leilões, Procissão e Santas Missas

Dia 23: Inauguração do Estádio Municipal de Futebol



Realização:

PREFEITURA MUNICIPAL
IUPIIARA
CADA VEZ MELHOR



Figura 9 - Cartaz produzido pela Prefeitura Municipal de Ipuíara, em 2012, para divulgar a festa.

Os cartazes produzidos para fazer a propaganda da festa me levaram a refletir sobre como, na produção dos mesmos, estão contidos alguns elementos interessantes para análise, sobretudo, a relação de agentes envolvidos na construção dessa festa. Não quero destacar a ação diferenciada de cada agente, nesse primeiro instante, pois dedicarei espaço maior para tal no capítulo seguinte, mas trago esses cartazes, pois foram eles um dos únicos meios de divulgação da festa, que me motivaram a perguntar quais seriam os outros possíveis elementos e dimensões envolvidos no evento. Através deles foi que, em 2012, procurei conversar mais sobre a produção, tanto dos cartazes quanto da festa, com Neuton, então funcionário da prefeitura e com quem já havia tido conhecimento nas minhas idas anteriores a Ipujiara. A partir das conversas que passei a ter com ele sobre a produção dos cartazes e da festa, Neuton, de um simples conhecido, passou a ser um interlocutor de fundamental importância para as informações que obtive sobre os bastidores da festa.

Neuton é morador do centro de Ipujiara, em uma das ruas próximas ao portal da cidade. Católico, ele frequenta assiduamente as atividades promovidas pela paróquia e é um dos assessores da Pastoral da Juventude (PJ),¹⁶ não só em

¹⁶ - A Pastoral da Juventude, mais conhecida pela sigla PJ, nasceu na década de 1970, ou ainda se for vista uma trajetória mais ampla, a partir da década de 1960, quando ainda a partir da Ação Católica Especializada, direcionava atividades para setores diferentes da juventude, como juventude operária, agrária, estudantil. A PJ ganhou espaço entre os jovens católicos principalmente nas décadas de 1970 e 1980, quando então, influenciada por setores políticos da Igreja Católica ligados a movimentos políticos de esquerda, principalmente a Teologia da Libertação, passa a difundir a ideia de que o jovem católico também é um agente de transformação da sociedade. Esse ideário ganhou força no Brasil nesse período, haja visto o período de repressão aplicado pelo regime militar. Com a volta do período democrático ao Brasil, em meados dos anos de 1980 e a tentativa de exclusão da Teologia da Libertação dos movimentos católicos por parte das autoridades do Vaticano, a PJ diminui seus quadros, mas passa a atuar sob uma metodologia mais focada na espiritualidade e ações de organização interna, procurando a partir disso uma forma de também atrair novos membros e inserir-se nos movimentos sociais.

Ipupiara, como em toda Diocese de Barra. Pouco antes de eu ir para a cidade, no ano de 2011, ele foi convidado pelo prefeito para trabalhar na assessoria de comunicação da prefeitura, continuando até hoje. Sua contratação pela prefeitura me ajudou também a abrir maior espaço de diálogo com o prefeito e funcionários do poder público instituído.

Quando já passei a morar em Ipupiara, no ano de 2012, um dia fui visitar Neuton em sua sala na prefeitura. Pela amizade que tinha com ele, resolvi não avisar com antecedência. Por sorte, o movimento não estava tão grande naquele dia e Neuton me recebeu com bastante solicitude. Fui focado em conversar sobre os cartazes, mas não queria ir direto ao assunto, até para não parecer que minha visita ali pudesse parecer utilitarista, mesmo o sendo de fato. Já estávamos no final do mês de maio, então dentre assuntos de futebol, trabalho e as eleições daquele ano, tentei resumir a prosa e perguntar: “Neuton, como está a confecção dos cartazes para a festa deste ano, é você quem está fazendo?” “Moço, sou eu sim, está pronto, só falta a ‘confirmação para mandar para a gráfica”. “Só falta David [prefeito] confirmar?” “Ele mesmo. Queres ver o cartaz?” “Claro!”

Neuton me mostra a proposta para o cartaz e logo me perguntou: “Gostou?” “Achei muito legal. Parabéns!”

O Cartaz que tinha visto ali naquele esboço acabou por ser o mesmo que foi publicado para a festa de 2012. Aproveitei a conversa e perguntei: “Neuton, no ano passado [2011] foi outra pessoa quem fez o cartaz?” “Foi sim. Quando cheguei aqui na prefeitura, os preparativos da festa já estavam em andamento.” “Mas você ajudou a confeccionar o cartaz da paróquia naquele ano?” “Ajudei. O padre me pediu e fiz um modelo, ele fez algumas alterações e mandamos publicar.” “Mas por que você acha que foram feitos dois cartazes?” “Moço, a festa engloba tudo, desde religião, igreja, dança, farra, mas acho que o padre quis dar um destaque à programação religiosa da festa.” “Neste ano, foi feito um cartaz só. Por que será que o padre não quis fazer outro?” “Eu não conversei muito com ele sobre isso, mas talvez pela falta de tempo, pois ele tá sempre atarefado, ou ainda porque ele conseguiu mais diálogo com o pessoal daqui [da prefeitura], do que nos outros anos. Não que nos outros anos não tivesse, mas acho que este ano teve mais.”

Esses cartazes, além de me elucidar elementos da festa, traziam, mesmo que não explicitamente, uma relação

interessantíssima de se analisar, ou seja, aquela entre o poder religioso e o poder político instituído, o da prefeitura, tema sobre o qual vou falar mais a frente. Num primeiro momento, os cartazes me mostravam que diversos elementos se misturavam numa mesma festa, novenas, leilões, bandas, barracas, procissões. Por vezes me perguntava: existem duas festas? Uma religiosa, outra não? O que realmente é considerado festa? A da Igreja ou da rua, dos bailes e banda?

Pude, com o tempo, observar que ninguém, absolutamente ninguém, e isso foi um elemento importantíssimo para entender a festa de Ipupiara, diz que uma coisa é festa e outra coisa não. Ou seja, tanto reza como baile e banda são festa. Parece que tudo são elementos de um grande acontecimento, ou ainda, tudo faz parte de um processo festivo. Ou ainda, a partir do que já destacou Duvignaud (1997), essa intersecção, pelo menos aparente, entre elementos religiosos e elementos dos bailes, músicas e danças, me fez pensar que a festa assume um caráter que poderia ultrapassar as demarcações das atrações previamente divulgadas.

Numa casa perto da que eu estava hospedado, um grupo de meninas estava sentado quando eu ia passando para participar de uma missa, que fazia parte da programação da festa e resolvi brincar com elas e perguntei: “Bóra [o mesmo que “vamos embora”] rezar um pouco, meninas?” Prontamente uma delas me disse: “Nessa parte da festa a gente não vai não”. Aquela atitude indicava que, mesmo as meninas não indo às celebrações religiosas, não negavam que aquilo fosse festa também. Isto aconteceu também, quando perguntei para um grupo que estava reunido na escada igreja, logo após a missa, composto de mulheres e homens por volta de 40 a 50 anos de idade: “Vamos dançar um pouco depois, gente?” Um senhor, de pronto, logo brincou comigo: “Ave Maria! Essa festa já não é mais pra mim, agora só participo desta”, apontou-me para a Igreja querendo insinuar que não tinha mais disposição para dançar.

Num primeiro momento, estava aparentemente entendido ou pelo menos estava indicado, que existia uma festa e várias faces, faces essas que os cartazes que encontrei, tanto no ano de 2011, como em 2012, já elucidavam. Era preciso, no entanto, compreender cada um deles. Nessa busca de compreender as dimensões da festa, Guarinello (2001) ressalta que o termo festa

é polêmico, é difícil, pois “sua definição, mexe conosco, com nossos valores, com nossa visão de mundo” (p.969). Para não classificar uma coisa como festa e a outra não, parecia ser mais fácil, então, dizer que tudo é festa, mas selecionar-se-ia de qual ou de quais elementos festivos que se quer participar. Vale, diante disso, entender então que “o termo festa rende bem para uma denominação genérica, mas cria problemas quando se trata de singularizar e conceituar” (PEREZ, 2012, p. 23), ou ainda que aquilo que se tem dela é “uma concepção quase intuitiva” (GUARINELLO, 2001, p. 969).

Entender a festa através de um estudo de caso, pode, por ora, não parecer tão complicado, mas é difícil, pois a festa pode ter vários elementos que se permeiam. A festa de 2011 não foi igual a de 2012. Assim sendo, acredito que “novas formas de viver o festejo ou a redescoberta de formas antigas para nosso mundo parece estender o poder e o significado da festa” (BRANDÃO, 2010, p.21), sobretudo, da festa em Ipupiara. Juntando-se a isso, vale lembrar que a festa em terras ipupiarienses está ligada também e, muito fortemente, à devoção de São João Batista.

No período da festa, há uma maior reunião dos indivíduos do que se tem normalmente, as pessoas tornam-se outras, como argumenta Callois (1970), na festa a sociedade se purifica e se renova, ao passo que também manifesta o jubilo da coletividade. Esta noção também rememora o que Durkheim (2003) atribui como sendo efervescência, ou seja, a festa como algo de agrupamento massivo, de exaltação coletiva. A festa também se opõe ao mundo individualizado do trabalho, das rotinas e das preocupações diárias, se tornando um verdadeiro terreno do sagrado. Ao falar de festa, também faço referência à religião, que em uma de suas etimologias, do latim religare, significa religar, a festa religa, remonta relações, ou seja, “as festas não são coletivas apenas porque uma pluralidade de indivíduos reunidos dela participa, mas porque são atividades de grupo e porque é o grupo que elas exprimem” (MAUSS, 1974, p. 295).

A religação proposta pela festa destinada a celebrar um santo mantém aberto um canal de comunicação entre o santo e os devotos, o Céu e a Terra. Parafraseando Brandes (1988), Menezes (1996) destaca que o “momento da festa de santo é considerado uma ocasião de significado especial para o grupo social que a celebra, pois ela é tida como a ocasião por

excelência de revitalização de laços (comunitários ou pessoais) com o sagrado” (p. iii). Para Zaluar (1983), as festas dedicadas aos santos católicos fazem parte de um sistema de reciprocidade entre o fiel devoto e o santo, que é construído pelos fiéis a partir de suas experiências ao longo da vida. Sanchis (1983), assim como Chianca (2007), destacam as festas dedicadas ao santo como o lugar em que os devotos se sentem livres para ressignificar o poder clerical e construírem sua forma de louvar os santos de sua devoção.

II – IV – Um pouco da festa de São João

As conversas com alguns moradores de Ipupiara e os cartazes que vi sobre a festa me azucrinaram a tal ponto de me fazer entrar em crise sobre se realmente eu queria estudar a festa e ainda me fizeram questionar o que de fato seria a festa. Dessa maneira quis entender melhor não o que era festa somente, mas o que era a festa de São João em Ipupiara e para Ipupiara, em diálogo com as discussões apresentadas nos clássicos estudos sobre as festas religiosas, com as conceitualizações sobre a festa nas ciências humanas e, em particular, com a bibliografia sobre a festa no contexto da região.

Em alguns anos, nessa década, as afiliadas da Rede Globo na região nordeste do Brasil, lançaram um comercial divulgando o “São João do Nordeste”, retratando, na região, a festividade que mais atrai turistas para o interior dos seus estados. Como lembra Chianca (2007), o São João é uma festa coletiva onde os símbolos e as ações reafirmam um pertencimento local e as redes sociais se alongam com a festa, permitindo assim o sucesso da mesma. Ainda para Chianca, esse “aspecto grupal e identitário é o elemento que permite que essa festa seja considerada por muitos migrantes residentes nas grandes cidades como a ocasião para um retorno às suas localidades de origem” (p. 4).

Longe de ser uma festa só religiosa ou só profana, categorização cuja demarcação não parece refletir a festa de São João em Ipupiara, a festa naquela cidade está abalizada por momentos de oração e diversão. Ribeiro Junior (1982) defende a idéia de que celebrar também é festar, para ele “celebrar é fazer a afirmação da vida e da alegria, a despeito do fracasso e

da morte” (p. 50). Nessa noção, a festa é o momento em que o trabalho pede uma pausa e a rotina se modifica, sendo, ainda que momentaneamente, ditada pela festa. Para isso, basta ver o período do recesso letivo do meio do ano, geralmente concedido no mês de julho, na maior parte do Brasil, em Ipupiara e na região, sempre coincide com o período da festa, a fim de que ela seja melhor aproveitada.

Há muito se vê na antropologia pesquisas sobre os santos e suas festas. No entanto, em cada contexto e grupo social, as festas têm um significado que, por mais que pareçam entre si, são peculiares para cada grupo que delas participa. Em cidades nordestinas conhecidas pelos festejos juninos, como Caruaru, Petrolina e a mais famosa delas, Campina Grande, o “São João” dá o nome à festa, mas fica quase que imperceptível entre as atrações principais, ou seja, a programação religiosa de devoção ao santo não é tão difundida como as demais atrações, fato que se torna ao menos interessante, principalmente por ser ele quem dá nome à festa e deveria ser o “dono” da folia. No caso de Ipupiara, muito mais do que celebrar a festa de São João, percebe-se o papel do santo enquanto padroeiro da cidade e em sua história, como pode ser observado nos nomes já aferidos a ela. É no período da festa, que o ipupiarense parece ter mais orgulho do seu santo: “aqui na região, nós temos o São João [se referindo ao santo] e festa animada”, como me destacou um dos moradores.

Distante de estar nos noticiários e ser um centro turístico por ocasião do São João, o que é, de acordo com o estudo de Amaral (1998) sobre as festas brasileiras, muito comum em outras cidades do nordeste, a cidade interiorana da Bahia organiza uma festa que alegra os “filhos e filhas” daquele chão, contando inclusive com a presença de deputados e prefeitos da região. Talvez se Ipupiara não tivesse São João como padroeiro, sua festa estivesse longe de ter algo também religioso ou ainda, tão fortemente marcado pelo religioso. Diante disso, o papel do catolicismo na cidade, com suas diversas faces, institucional ou popular, confirma elementos da religiosidade ligada ao santo, mas permite pensar que alguns sejam apropriados e “festados” conforme as tradições particulares de cada um, exprimindo por vezes algo solene e, por outro, informal no cotidiano e, de maneira especial, durante a festa. Por ser assim, uma festa marcada por elementos religiosos, pode ser considerada uma

festa religiosa ou ainda uma religiosidade festiva. Ou ainda, partindo da concepção de Bataille (1983), e se apropriando disso para essa questão, a festa em Ipupiara, talvez como todas as festas, exprime aquilo que é produto da fusão da vida. Perez (2012) me inspira a escrever sobre a festa, partindo do ponto de vista que é preciso pensar na ideia de festa-questão. Ou como ela mesma elucida, na “festa como estudo de caso, mas não como caso de estudo.” (p. 33)

A devoção a um santo ou a escolha em cultuá-lo, como lembra Sáez (2009), se dá por diversas razões, pode ser por ele ser “o santo de sua cidade ou profissão; ou ele costuma se ocupar de tal ou qual aflição; ou os feitos de sua vida indicam que poderia se interessar por essa aflição concreta que o devoto padece” (p. 204). Perez (2000) observa ainda que as festas religiosas, desde o Brasil Colonial, fazendo alusão aos estudos de Freyre (1984) sobre a sociedade brasileira nessa época, reuniam o conjunto da população. Dia de procissão e de festa eram dias de entusiasmo na cidade, grupos tomavam as ruas e as praças nos arredores da igreja, a cidade ficava movimentada. Frente a isso, não é possível identificar uma forma única de relacionar esses elementos ao catolicismo, tanto que

havam existido sempre pelo menos duas vertentes dele [catolicismo], desde o período colonial: um “catolicismo familiar, dos colonos portugueses” e outro “mais romano, mais universalista, das ordens religiosas, e sobretudo dos jesuítas”, como propõe Roger Bastide. Ou “catolicismo oficial” e “catolicismo popular”, como enuncia Thales de Azevedo (Queiroz, 1988, p 67).

Como salienta Chianca (2007), a devoção aos “santos juninos”, Santo Antonio, São João e São Pedro, que na região nordeste do Brasil são os santos mais festejados, mesmo sem a ocorrência de notícias sobre a origem e chegada no país, foram sendo transformadas de tal modo a gerarem tradições particulares, por vezes tendo como mentora padres católicos, com o aval da instituição, da Igreja Católica, ou simplesmente sem nenhum elemento institucional. Ainda conforme Chianca, “enquanto a festa junina se revestia de um caráter cada vez mais

lúdico, [...] a Igreja católica assistia impotente à queda de seu poder de mobilização” (idem, p.54). Nesse sentido, seus estudos ajudam a pensar na festa de São João em Ipupiara como um evento cuidadosamente preparado, onde o estandarte do santo percorre os lares, as ruas são engalanadas de bandeirolas, os fogos de artifício colorem o céu, os sinos cintilam sem parar, ou seja, se constrói uma contemplação formidável, majestosa, a qual muitos assistiam enlevados as manifestações das atividades em comemoração ao dia do santo.

Brandão (2010) é um dos que nos alerta – é claro que existem trabalhos anteriores, mas destaco este pela longa análise sobre a cultura popular e o catolicismo - para a noção de que quem faz parte de determinado contexto onde as manifestações religiosas se revelam, sejam esses personagens devotos ou apenas “festejantes”, acaba por exercer um papel de transmissor de uma tradição que com o tempo se transforma em popular. Nesse sentido, Brandão desenvolve a ideia de que “primeiro nas tradições populares e, depois, na própria doutrina, pelo menos das frentes mais avançadas da Igreja¹⁷, o catolicismo é uma religião “entre todos”” (p.9). Ao falar de uma religião entre todos, Brandão está longe de conceber um catolicismo “para todos”, mas alumbra uma religião que é permeada por muitos “teólogos”, desde os ligados às crenças e dogmas oficiais aos mais populares, do trabalho e da vida cotidiana, todos eles tendo uma maneira de classificar, identificar sua “catolicidade”, religiosidade, conforme suas práticas cotidianas, independente, muitas vezes, das diretrizes oficiais da igreja.

Nesse sentido, para Sáez (2009), o termo religiosidade, “que poderia ser paralelo de socialidade, sofre com a vizinhança da religião popular” (p. 210). Sáez critica, com isto, o uso do termo religiosidade para contrastar com religião ou, simplesmente, como algo não institucional, oficial. Para ele o termo parece estar condenado a ser subalterno e, para se “auto-afirmar”, muita vezes se passa a falar de religião do povo e não

¹⁷ - Ao usar o termo “frentes mais avançadas da Igreja”, Brandão se remete aos setores liberais da Igreja Católica, aqueles sem muita ligação a conservação literal dos dogmas simplesmente, como é o caso de padres ligados à Teologia da Libertação, que se opõem a práticas da hierarquia da Igreja. Ou ainda, se refere aos padres ligados as classes mais populares da sociedade.

religiosidade. Dessa maneira, a religiosidade seria assim, de forma sucinta, produto da manifestação e interação dos fiéis e devotos com os santos e a maneira pela qual cada um interpreta sua relação com o sagrado, com o divino, com a religião. Ainda conforme Sáez, a religiosidade seria uma espécie de parte da religião e não algo para além ou fora dela. Os santos, diante disso podem

contribuir à redefinição de um campo religioso em que os agentes não sejam mais as igrejas instituídas (nem, diga-se de passagem, os indivíduos empíricos), mas todos esses objetos ativos que povoam nossas descrições do que entendemos por religião, em que a atividade religiosa não seja mais um epifenômeno ideológico da sua luta pela legitimidade, mas o conjunto de tudo aquilo que os nativos envolvem na sua ação religiosa (idem, p.211-212)¹⁸.

Dessa maneira, podemos dizer que a atividade religiosa de culto ao santo não está separada de sua festa, ela é algo público - afinal, ainda que se tenha uma relação íntima com o santo, o mesmo não é propriedade exclusiva. Para Duvignaud (1983), a festa por sua vez, deixa semente, agita os espíritos e “sacode” a vida diária e manifesta a própria vida coletiva. Assim percebemos também, “multidões de homens, de forças móveis, flutuando em seu meio e em seus sentimentos” (MAUSS, 1974, p.131). O estudo da festa, além de tudo, permite ampliar a discussão sobre vínculo social, pois a festa é, sobretudo, vivida por aqueles que dela compartilham como manifestação de vida e assim, como uma espécie de vida nova, completa de contemporaneidade, de novidade, de protrusão. Afinal, para

¹⁸ - Marc Piauxt (2003) diz que religiosidade designa um campo que busca dar conta das atitudes, práticas e das expectativas ao invés de nos limitarmos a um domínio previamente circunscrito — o domínio consagrado que chamávamos de “religioso”. Para Piauxt religiosidade parece ter o sentido que Sáez quer dar ao religioso — ou seja, ambos se deslocam do institucional como definidor da religião.

“quem participa dela, a festa não tem idade, é sempre atual” (PEREZ, 2002, p. 53).

Nesse sentido, a festa religiosa não poderia ser pensada somente como um produto da vida social, muito menos como simples fator de imitação da ordem constituída pelo caminho da inversão. Como argumenta Perez (2002) “a festa instaura e constitui um outro mundo, uma forma de experienciar a vida social” (p.19). Nesse sentido, acredito que as festas também criam “situações de trocas entre pessoas através de símbolos e sentidos, que a vida sabe, a fé relembra, a cultura escreve e a festa canta e diz a quem venha ver e ouvir” (BRANDÃO, 2010, p. 28). Juntando-se a isso parece que a festa dedicada ao santo “revela-se [também] um lugar estratégico para formular questões sobre as relações entre religião, cultura e sociedade” (MENEZES, 2009, p. 111)

II - V- Que venha mais da festa e suas relações

Geertz (2004) dizia que “entender a forma e a força da vida interior de nativos [...] parece-se mais com compreender o sentido de um provérbio, captar uma alusão, entender uma piada” Essas palavras definem de forma ímpar algumas situações que eu estava vivendo naquele momento de trabalho de campo em Ipupiara. Para Da Matta (1987), é estudando o espaço social que se pode traçar reflexões importantes sobre algumas dinâmicas que se manifestam. Este capítulo esteve longe de tentar supervalorizar categorias nativas e muito mesmo transformar minhas observações em grandes reflexões teóricas das dinâmicas espaciais e sociais naquela cidade. Mas partindo do meu grande objeto, que é a festa, passei a compreender algumas relações e dinâmicas, que me faziam perceber nas conversas e comportamentos, que “parece que em tudo há uma dimensão que pode ser vivida como festa” (BRANDÃO, 2010, p. 19), ainda que a festa seja difícil de transcrever.

Minha conclusão a cada conversa que compartilhava, se é que se pode ser traçada alguma já nesse momento, é que muito mais do que um observador—pesquisador, preocupado com os métodos e técnicas de pesquisa me coube, assim como a Arantes (2000), “recorrer a conversas fragmentadas e a certa

flanêrie etnográfica.” (p. 128). Sendo assim, as observações aqui compartilhadas exprimem parte de experiências variadas frente a um contexto vivido por parte de uma cidade, num dado momento de seu cotidiano, marcado por diversas articulações e experiências, tanto individuais como coletivas, sendo aos poucos compartilhadas com o antropólogo. Essas experiências que, a cada momento, me faziam ir fundo na festa, também estavam por me revelar bastidores, tensões e muita diversão. Conhecendo a cidade e sua dinâmica a cada dia, podia, aos poucos, ir penetrando nas relações que construía a festa e a tornavam tão importante, compreendendo quais eram seus elementos, suas histórias, suas manifestações, suas tensões, sua política e sua manifestação religiosa, como poderemos ver no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III – DIVERSÃO E ORAÇÃO: POLÍTICA E IGREJA, RELAÇÕES NA FESTA

[..] A seca fez eu desertar da minha terra
 Mas felizmente Deus agora se lembrou
 De mandar chuva
 Pr'esse sertão sofredor
 Sertão das muié séria
 Dos homes trabaiador [...]
 (“A volta da Asa Branca”, Zé Dantas e Luiz Gonzaga, 1950)

Como nos diz Roberto Cardoso de Oliveira, a “questão do método sempre acompanhou a busca da verdade.” (2006, p. 73) Cardoso de Oliveira aponta aqui que, num sentido mais amplo, não existe um único método de construir a verdade, e talvez a própria verdade possa ser contestada por outro método e o método ser questionado por outro. Na antropologia, métodos e abordagens de pesquisa são intensamente debatidos, discutidos e rediscutidos. Diante disto, este capítulo, não quer, pois, discutir os métodos de como foi realizada esta pesquisa, mas, como o fazer antropológico, num sentido amplo do termo, interage com as pessoas e vai descobrindo elementos da diversão, da oração, da política e, como tudo isso, ajuda a formar e transformar a festa de São João em Ipupiara. Além disso, este capítulo reflete um pouco como os fatores inesperados mudam o rumo de uma pesquisa, fornecendo elementos para torná-la ainda mais interessante para o antropólogo que se depara com o “inesperado”.

III – I – Uma festa: uma lembrança

“Tudo de bom que existia não existe mais!”, foi com estas palavras que Seu Joaquim, um morador já idoso e autodidata de Ipupiara, começou sua conversa comigo, numa manhã, na varanda de sua casa no centro da cidade. Neuton certa vez indicou que procurasse Seu Joaquim para que ele contasse algumas histórias da cidade, de religião, enfim, segundo Neuton,

ele tinha muita coisa que poderia me interessar: “Marcel, esse homem, tá um pouco doente, já bem idoso, mas acho que vai gostar de conversar com você, ele adora contar as coisas daqui.”

Neuton não foi o único que me indicou Seu Joaquim, e quando eu perguntava o porquê dessa indicação, dentre as respostas que chegavam algumas diziam: “Ele guarda coisas da história da cidade.” “Ele lê muito, tem um bocado de história, gosta de uma prosa boa, vale a pena o moço ir lá”.

Até no botequim, os ébrios, faziam referência a Seu Joaquim. Tanto é que ele foi às minhas vistas apresentado quando parei num bar para tomar uma água. Na oportunidade, um senhor que estava se embriagando com seu incontável número de doses etílicas, resolveu iniciar uma conversa. De pronto, imaginei que dali não sairia coisa muito boa, mas acho que estava enganado. Logo de início ele me perguntou: “Moço, tu tá fazendo pesquisa por aqui, né?” “Estou sim, senhor. Você me conhece?” “Conheço não, mas na rua já me apontaram de tu, por isso sei. É pesquisa de quê?” “É sobre a festa de São João, a história da cidade e tudo mais”, respondi genericamente para não dar muita prosa.

Parece que a pouca prosa, no entanto, aconteceu na hora certa. Após o gole final do seu copo de “limãozinho”- uma mistura de cachaça com suco de limão- aquele senhor me disse: “Tu tá vendo aquele velho passando ali, pois é, ele que sabe das *coisa* tudo aqui, tá meio variado agora, acho que da idade, mas vai *falá* com ele que tu colhe as *coisa a*”. “Mas quem é ele?”, perguntei curioso e com um tom de desconfiança, pensando que aquele homem pudesse estar me indicando qualquer pessoa, tendo a intenção de eu deixá-lo tranquilo para usufruir de seu ofício etílico. “Moço, esse aí é o Joaquim. Sabido das *coisa* aqui. Tem prosa boa. Vai falar com ele”, claro que não obedeci ao imperativo daquele senhor de imediato, mas foi espontaneamente, numa prosa de bar, que minhas vistas conheceram Seu Joaquim, Agradei aquele senhor que estava no bar, de quem sequer fiquei sabendo o nome e nem o vi mais na cidade. Paguei a garrafa de água mineral que havia comprado, aproveitei a oportunidade para pagar mais um “limãozinho” àquele senhor, o qual me retribuiu dizendo: “Ave Maria, moço! Deus lhe pague!”

Seu Joaquim já beirava os 80 (oitenta) anos de idade, sempre vestido de calça social, com camisa bem alinhada e

sandálias aos pés. Usava óculos e sempre fitava as pessoas com um olhar, às vezes desconfiado, às vezes arregalado, com empolgação ao falar de sua cidade. Quem de fato fez a transação para que eu tivesse meu primeiro contato com Seu Joaquim foi Neuton. Neuton trabalhava com a filha dele na prefeitura e fez toda “negociação” para que eu pudesse entrevistar Seu Joaquim. Preferi recorrer a Neuton por medo de que aquele senhor não fosse me receber de imediato, afinal nem me conhecia. Demorou quase um mês para que, depois de ver aquele senhor pela primeira vez, pudéssemos finalmente conversar.

Era de manhã, quando o sol castigava quem se atrevesse a ficar muito tempo sob sua irradiação, quando pedi a Neuton para me levar até lá e assim ele fez. Chamamos várias vezes por Seu Joaquim, até que ele, calmamente, veio nos atender, um pouco arcado já por sua idade. Ele me fitou com um jeito que me fez logo desviar o olhar dele.

“Seu Joaquim, aqui o moço que pedi pra sua filha lhe dizer, é um moço do Sul que quer falar com o senhor”, disse Neuton como forma de me apresentar. “Entre aí, pode esperar que já trago uns tamboretetes¹⁹ para o senhor”, respondeu Seu Joaquim já passando pela porta com o intuito de cumprir sua afirmativa. Pouco tempo depois, volta ele a passos lentos, com um tamborete em cada mão. Faço questão de ajudá-lo a trazer até o local que ele havia pedido para eu ficar. Era uma pequena área, que dava de frente para rua, onde pessoas passavam e o cumprimentavam sistematicamente. De início achei que aquele não seria o melhor lugar para conversar, mas não podia exigir nada daquele senhor que, de muito, aceitou conversar comigo. “Diga o que você quer moço”, foram logo as primeiras palavras que teve comigo, mostrando certa desconfiança.

Após me apresentar como pesquisador da UFSC, logo ele arregalou os olhos e disse: “Puxa vida, universidade? E lá se pesquisa sobre isso?”, sua desconfiança foi sendo substituída por um novo interesse neste pesquisador desconhecido. Nesse momento, ele passou a falar sobre a vida universitária e sua trajetória de estudos, que não chegou a universidade. Logo após, me fez um panorama complexo e, às vezes, difícil de entender

¹⁹ - Espécie de pequeno banco sem encosto, usado simplesmente para poder sentar.

sobre como ele via a situação da educação no Brasil. O assunto ia se estendendo, e aos poucos ele ia abrindo espaço com sua fala para a interlocução que eu buscava, tanto que num dado momento ele começa a falar da história da cidade e aproveito o ensejo para perguntar: “Seu Joaquim, qual a relação de Ipupiara com São João?” “O senhor quer saber isso?”, parecia uma decepção para ele, pois acredito que ele fosse querer traçar um panorama da história da cidade e não adentrar num ponto específico como o que eu estava interessado, ou seja, da religiosidade ou mesmo da festa.

“Se o senhor puder me esclarecer”, pedi generosamente a ele. “Claro que posso. Essa cidade pertencia a Brotas....”, em vez de falar da festa ou da relação com o santo, ele resolve narrar a história da cidade. Em seguida, contou-me praticamente o que eu já sabia sobre a cidade, pelo que tinha lido em alguns livros, tanto é que, no meio da conversa, ele me trouxe alguns livros para que eu pudesse ver. Eram exatamente os livros que já tinha tido acesso, inclusive, acabei ganhando dele, um exemplar que eu ainda não tinha. Foi nesse momento que resolvi dar um tiro de misericórdia, após quase duas horas de conversa, tendo sempre ele falando muito, para ver se conseguia sair dali com algo sobre a festa.

“Mas Seu Joaquim, aqui sempre teve festa de São João?” “Moço, já viu cidade da Bahia sem festa? Aqui desde que me conheço e escuto falar sobre festa, é que existe festa de São João”. “Quanto tempo mais ou menos o senhor acha que isso ocorre?”, ele fez uns cálculos mentalmente e de pronto me respondeu: “Com certeza, há pelos menos mais de oitenta anos, porque oitenta eu já tenho e de pequeno já ouvia falar disso”. “Isso tudo antes de Ipupiara ser emancipada?” “Com certeza, pelo próprio nome do que isso daqui já foi chamado, São João e alguns festejos já eram feitos”. “Como eram esses festejos?”, seu Joaquim, ao responder essa pergunta, me deixou confuso, pois fez um roteiro cronológico, citando vários anos, que iam e voltavam, a tal ponto de me confundir com o que vinha antes e depois.

Destas acontecimentos ficaram marcadas alguns que ele destacou: “No ano de 1947, me lembro que o povo todo teve que pagar para um padre vir de Xique-Xique para cá celebrar a missa da festa, não tinha padre aqui, isso era raro. Ele veio de avião, me lembro que o povo penou pra pagar, a festa não podia ficar

sem padre”. Em outro momento ele falou: “A praça da Igreja Matriz ficava sempre lotada no dia de festa, vinha gente das cidades daqui da região como Gentio do Ouro, Morpará, Brotas de Macaúbas e de mais longe. Antes disso, mesmo quando o padre não tava aqui, existia sempre umas novenas e cada noite alguém era responsável”.

“O dia da festa, Seu Joaquim, era um dia só?”, perguntei. “Moço, perto do dia 24 de junho, alguns dias antes, mais ou menos uns dois dias antes, já tinha muita movimentação, mas o dia da festa mesmo era dia 23, à noite, era uma grande alegria naquela praça”. “O senhor me disse que cada noite alguém era responsável, mas era uma pessoa só? Isso era só na parte religiosa?” “Funcionava assim, quem gostava de rezar e tudo mais, que era participante frequente, se reunia um bom tempo antes da festa, mais ou menos um mês, um mês e meio antes e decidiam como iriam fazer o novenário, os nove dias de reza antes da festa. Em cada noite dessas, uma pessoa se responsabilizava, organizava e chamava as outras para ajudar. Por exemplo, tinha a noite dos rapazes, eu participei. Nessa noite, um moço ficava responsável e chamava outros rapazes para o ajudarem. Apesar de ser aberto para todos participarem, geralmente, os rapazes eram quem mais participavam. Assim funcionava com os outros grupos, a noite das moças, dos comerciantes e outros grupos.”

Quando ele falou dessa questão das moças e rapazes, logo me veio em mente perguntar para ele como ele via a participação dos jovens na época de sua juventude e atualmente: “Como senhor via a participação dos jovens na sua época, é igual hoje?” Seu Joaquim estava com as pernas cruzadas e com o corpo um pouco arcado no tamborete, em sinal de atenção ao que ele mesmo dizia. No momento em que fiz esta pergunta, ele descruzou as pernas, levantou a cabeça, me fitou como se tivesse me encarando pelo que eu acabara de dizer, levantou o dedo e me questionou, dessa vez me chamando de senhor: “O senhor acha que o jovem de ontem é igual ao de hoje?” Sem mesmo deixar que eu respondesse, ele continuou: “Claro que não é. Os jovens participavam indistintamente, não se tinha grupo, todos os jovens eram convidados, quem não participava eram os jovens de outras igrejas [religiões], mas hoje também é assim”. “A prefeitura ajudava nos custos?” “Moço, sempre fomos pobres, nossa cidade tem muita riqueza, mas pouco dinheiro,

mas a prefeitura, pelo que me lembre passou a ajudar na festa mais ou menos em 1977. Antes e até um tempo depois que a prefeitura passou a ajudar, as famílias faziam uns bailes nas suas próprias casas, daí convidavam as pessoas para dançar”.

Aquela conversa se seguiu por alguns minutos, recebi alguns panfletos de Seu Joaquim sobre a cidade e ele logo fez questão de encerrar a conversa. Fui para casa com o turbilhão de coisas que Seu Joaquim havia me dito. Suas palavras, quando pensei em transcrevê-las nesta pesquisa, me lembraram do estudo de Amaral (1998a) sobre festa, pois segundo ela, é na festa que o povo traduz “muitas de suas experiências, expectativas de futuro e imagens sociais” (p.7). O fazer a festa, como Seu Joaquim revelava, mostrava ações e manifestações além da devoção e alegria. Ou seja, a festa, na fala dele, se construía a partir do momento em que a própria sociedade se modificava. Quando aquele senhor, de maneira enfática, me perguntou se os jovens de antigamente eram iguais aos de hoje, me fez perceber que os jovens da época dele faziam a festa diferentemente dos jovens de hoje. Talvez não tenha mudado totalmente como ele mesmo alertava, mas talvez tenha se readaptado, “incorporando novos laços e anseios” (AMARAL, 1998b, p.114) de jovens que, assim como a sociedade, têm se modificado como a própria festa da época de Seu Joaquim.

III – II – Entre a diversão e a oração

Desde que realmente passei a morar em Ipupiara, no ano de 2012, Neuton foi um grande interlocutor de minha pesquisa. Não somente pela amizade que tínhamos, tendo em vista nosso vínculo religioso, uma vez que nos conhecemos em encontros e atividades da Igreja, mas pelo fato de que ele podia e estava disposto a me ajudar. Neuton é comunicador, envolvido com questões de divulgação de eventos, fotografias, filmagens, basicamente desenvolvendo esse trabalho para a Prefeitura de Ipupiara, e desde quando cheguei, em 2012, montou uma pequena empresa de cobertura e divulgação de eventos. Sua participação na Igreja começou basicamente no grupo de jovens, na PJ, mais ou menos em 2003, quando padre Claudio chegou à

cidade e passou a agir tentando atrair os jovens para a Igreja e suas atividades.

De 2003 até agora, ele nunca deixou de participar da PJ. Antes de minhas conversas mais frequentes com Neuton acerca do meu trabalho, frequentei algumas vezes reuniões e encontros da PJ e, dentre todos os grupos ligados à paróquia, foi o que tive maior contato. Neuton passa a ser um interlocutor privilegiado para mim. Era com ele que eu conseguia transitar mais facilmente em muitos espaços. Ironicamente, ele passa a ser o antropólogo do antropólogo, pois para mim, parecia que Neuton era um antropólogo de Ipupiara. Muitas dessas relações aqui descobertas, era ele quem sutilmente me indicava por onde ir ou com quem falar. Com ele também, mesmo com a amizade que eu já tinha com padre Claudio, é que participo e converso sobre assuntos da PJ.

A PJ se consolidou em Ipupiara, basicamente com a chegada do padre Claudio. Ela já tinha uma presença por lá, mas havia sido ativada e desativada algumas vezes. Padre Claudio Nogueira, que mora na cidade desde 2002, atua desde jovem nos movimentos juvenis da igreja e, a partir de sua ordenação como padre, intensificou o trabalho com os jovens nos lugares onde atuou. Completando dez anos de permanência em Ipupiara, desde o início, ele trabalhou para articular a PJ nas diversas regiões da cidade. Na região central de Ipupiara, muitos jovens participam desses diversos grupos de PJ. Esses grupos organizam os adolescentes e jovens por idade, desde grupos com adolescentes de 13 a 14 anos a grupos de jovens entre 25 e 30 anos.

Entre os objetivos da PJ, contidos em suas diretrizes oficiais, disponíveis em seu site oficial²⁰, está a construção de uma sociedade mais justa por meio dos exemplos da vida de Jesus Cristo, tendo o jovem como protagonista das ações dessa construção. Apesar de estarem formalmente divididos em diversos grupos, organizados por idades, como me foi informado por alguns dos integrantes da PJ, a maioria das reuniões e encontros que aconteceram naquele período em que tive contato, foram com membros de vários grupos. Não tive informação se algum grupo se reunia com periodicidade apenas com seus membros.

²⁰ - www.pj.org.br – Acesso em 23 mai. 2013.

À medida que Neuton e eu nos reuníamos para conversar sobre a PJ, pude entender também como alguns jovens entendiam e manifestavam sua religiosidade, como participavam das festas na cidade e como participavam da festa de São João, que era meu maior objetivo. Diferentemente da ideia que Seu Joaquim colocava para mim, ou seja, de que a festa do passado não é mais a mesma de atualmente, os jovens que participavam da PJ não pareciam se preocupar com o que havia do passado, muito menos como seria o futuro das festas, queriam mesmo é aproveitá-la. Em nenhum momento parecia haver um proselitismo dos jovens da PJ para com aqueles que não queriam participar das atividades da Igreja e preferiam frequentar somente as festas. Os jovens da PJ faziam questão de frequentar as celebrações dos novenários e outras atividades promovidas pela Igreja. Ainda que não soubessem, pareciam que, adaptado ao tempo, reviviam a noite de reza promovida pelos moços e moças da época de Seu Joaquim.

O que observei na PJ me fez pensar numa ideia de que eles poderiam estar construindo uma dimensão da festa, e envolvendo nisso também os agentes da paróquia e da prefeitura. Essa ideia surgiu quando, ao saber da programação da festa, aquela que era divulgada pela prefeitura através dos seus cartazes, observei que dentre as atrações estava um dia destinado para algo chamado “Arraiá da PJ”. Não bastando isso, esse evento era o que encerrava a programação oficial da festa em que a prefeitura organizava. Esse “Arraiá” tinha a coordenação dos jovens da PJ e demais membros da diretoria da paróquia, inclusive o padre, mas entrava como parte “oficial” da festa dos agentes políticos ligados à prefeitura. Nesse momento em que percebo as articulações para a construção do “Arraiá da PJ”, é que passei a traçar as primeiras observações de que em Iupuiara parecia não haver uma rivalidade entre profano e sagrado, ou ainda, para não cair nessa dicotomia rasa, uma disputa entre o poder religioso e o poder da prefeitura. Percebi isso, sobretudo, pela maneira com que via os jovens da PJ “transitarem” nos espaços da prefeitura e da igreja, sem delimitar de maneira exata qual momento era religioso e qual momento era da prefeitura.

“Tudo é uma festa só, a festa de São João”, alertou Neuton ao ver minha preocupação em saber o que cada instituição, Igreja e Prefeitura, fazia na festa e como os jovens seriam

enquadrados em cada uma delas. Pensar nessa situação é ver que também fora do período festivo do São João, os jovens estão também frequentemente transitando entre o espaço religioso e não religioso. Pensando assim, mesmo que não procurando uma divagação analítica, é possível entender, como Valeri (1979, apud LANNA,1995), que existe uma “complementaridade” entre o mundo diário e o festivo, ou ainda, a festa representa uma “recriação” da vida normal cotidiana. Ou seja, a festa recria, cria, faz e refaz, numa espécie de relação constante entre a festa e o cotidiano, entre o secular e o religioso, cuja manifestação em Ipupiara tem sido o foco desse trabalho desde o início.

III – III – A política dos políticos participa e “faz” a festa

Na medida em que o tempo passava e mais eu ficava em Ipupiara, podia identificar quem era quem na política da cidade, quem era oposição e quem era situação ao governo municipal naquele momento. O atual grupo político que comanda a cidade tem com principal líder o ex-prefeito Ascir Leite Santos, que governou a cidade entre os anos 2001 e 2004, sendo reeleito com quase 70% dos votos válidos para o período 2005-2008²¹. Sua vida político administrativa começou cedo e, no primeiro ano de mandato na cidade, ele tinha 32 anos. Antes disso, Ascir, filho de uma família voltada ao comércio e de alguns irmãos que buscaram a carreira pública fora do território ipupiarense, já era líder na cidade do sertão da Bahia, foi fundador da AJI (Associação dos Jovens de Ipupiara), entidade que o tornou ainda mais conhecido na cidade, e dali um pretense candidato a prefeito.

Ascir esteve ligado e apoiou setores dominantes da história política da Bahia, como Antonio Carlos Magalhães, Antonio Carlos Magalhães Neto. Por um tempo apoiou Paulo Souto, com quem “rachou” depois, pois o mesmo não asfaltou a estrada de Brotas de Macaúbas a Ipupiara. É ferrenho opositor ao PT

²¹ - Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) – Disponível em <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2004/resultado-da-eleicao-2004> - Acesso em 26 nov. 2012.

(Partido dos Trabalhadores) e, conseqüentemente, a Lula e Dilma. Já foi filiado a partidos como PTB, PFL (atual DEM, que se dividiu para formar o PSD) e atualmente está no PR (antigo PL).

Na política, conseguiu eleger seu sucessor e secretário em seus dois governos, David Ribeiro, filiado ao pequeno PRB, partido que, apesar de ocupar ministérios no governo federal, detém apenas três prefeituras em todo estado da Bahia. Questões de filiações partidárias à parte, David não só foi eleito em 2008, como conquistou sua reeleição em 2012, tendo Ascir como vice. Um vice que, para muitos, decidiu a eleição, vencida com folga, cerca de mil votos de vantagem²², o que é bastante para uma cidade com pouco mais de sete mil eleitores.

O papel de Ascir não se limita a política, sendo empresário do ramo de comércio de móveis, tendo diversas lojas localizadas em municípios vizinhos de Ipupiara e até um pouco mais distante, porém todas localizadas no sertão baiano. Com um perfil bastante populista de fazer festa com o povo, não ficar em seu gabinete, de patrocinar festas para seus eleitores e demais munícipes, é bem provável que assim tenha angariado a simpatia eleitoral de muitos ipupiarense, e também a revolta de muitos outros eleitores, sobretudo simpatizantes e filiados ao PT na cidade.

Foi na sua administração que a festa de São João em Ipupiara ganhou proporções maiores e, quando digo isto, me refiro às atrações que foram levadas à cidade no ano em que Ascir era prefeito e ainda antes disso. Levar atrações como o cantor Frank Aguiar, cantor de forró e atual vice-prefeito de São Bernardo do Campo, região do chamado ABC paulista, no interior do estado de São Paulo, conhecido nacionalmente por suas inúmeras aparições nas grandes redes de televisão do Brasil, foi sua primeira grande cartada para “inovar” a festa numa cidade do interior do nordeste brasileiro que talvez não imaginasse receber atração assim. Em 2006, já em segundo mandato de prefeito, levou a dupla sertaneja Gian e Giovani, que já era reconhecida nacionalmente.

Investir na festa de São João em Ipupiara não foi um pioneirismo de Ascir e, tampouco, foi ele o único a investir na festa da cidade, como ele mesmo reconhece. Adepto das

²² - idem nota 20.

famosas redes sociais online, como o *Facebook*, sempre o via transitar no centro de Ipupiara com um carro bastante luxuoso para o padrão e custo de vida da cidade. Não tive coragem de me aproximar pessoalmente para fazer o primeiro contato, foi assim que resolvi utilizar do mesmo *Facebook* para fazer meu primeiro contato, deixando uma mensagem que, em questão de horas, foi respondida. Apresentei-me e pedi para marcar um horário para conversarmos. Prontamente fui atendido e na semana seguinte ficou marcado um encontro.

No dia marcado, fui à casa de Ascir, localizada na mesma propriedade de sua loja de móveis e eletrodomésticos. Apertei o botão do interfone, fui atendido de imediato, o próprio Ascir me recebeu e liberou o portão para mim. Usar o interfone para pedir permissão para entrar em alguma casa em Ipupiara já podia ser considerado um instrumento de diferenciação social, uma vez que, na grande maioria das casas, a porta de entrada já se abria praticamente para as calçadas, quando se tinha calçada. Assim que aquele portão alto se abriu, me impressionei, não só com o tamanho da propriedade, bem como com o grande número de carros estacionados, a maioria deles identificados com a logomarca da empresa e, o seu luxuoso carro, com qual circulava na cidade, também estacionado próximo deles.

Fui recebido direto no escritório particular do ex-prefeito, lá ele fez questão de logo ligar um computador, me avisando que dali ele poderia me mostrar coisas que pudessem me interessar. Não muito surpreso com minha presença naquela entrevista, o próprio Ascir fez questão de me dizer: “Já faz tempo que você está aqui em Ipupiara, não é mesmo? Já lhe vi várias vezes. Algumas pessoas comentaram sobre você.” Foi inicialmente uma surpresa escutar aquilo logo de uma pessoa como ele, que imaginei que fosse impor algumas questões para me receber, como querer entender mais sobre o que eu buscava “fazer” em Ipupiara.

Para interagir na pergunta que me foi feita, parecendo convidar-me a um diálogo, ironicamente perguntei a ele: “Comentaram bem ou mal?” “O que você acha?”, fiquei meio perturbado com a retomada pergunta, feito em tom jocoso, mas respondi com certo ar de ingenuidade: “Acho que um pouco dos dois”. “Não pense assim, é muito bom saber que alguém de tão longe resolveu buscar em nossa cidade algo para pesquisar. Não

estranhe que o povo comente de sua presença aqui, afinal, estamos em cidade pequena e daí você já deve saber como é.”

Logo percebi, no momento em que ele enfatizou que achava bom ter alguém pesquisando algo em Ipupiara, que ele poderia ter algum interesse naquela conversa, interesse que eu também tinha. Minha hipótese de que esse interesse por parte dele existiu, nunca pude confirmar, mas o meu tem se concretizado nesse trabalho. Fiz questão de ir direto ao assunto, como ele já sabia o que me levava ali, entendi que não precisava explicar muita coisa: “Ascir, dizem que as festas organizadas por você e sua administração foram bastante significativas pra cidade”. “Não é bem assim. Até mais ou menos na década de 80 [1980] a festa era muito tímida em Ipupiara. Sempre existiu, mas não tinha as proporções de hoje. Com Gildásio²³ a festa ganhou outras proporções, proporções maiores”. “Como assim proporções maiores?”, perguntei desconfiado do que ele queria dizer com aquilo.

“As festas ganharam outras atrações, diferentes daquelas que sempre se apresentavam. Isso passou a trazer um pouco mais de gente”. “Mas as suas festas não foram assim também?” “Foram, mas não posso dizer que só eu fiz isso e ninguém mais fez antes de mim. Talvez não tenham feito igual, mas fizeram. Inclusive tenho que lembrar das festas que o José Luciano, o Zequinha²⁴, que você já deve ter ouvido falar, fez na cidade. As festas que ele organizou também foram muito boas”. A fala do ex-prefeito percorria festas e casos superficiais acerca de festas da região e de outras gestões. Até que chegou o momento em que ele permitiu que eu perguntasse, uma vez que parou de falar um tempo.

Fiz questão de ser mais enfático, pois até o momento ele não havia me relatado como havia organizado as festas de sua gestão: “Por que as tuas festas eram tão famosas?” “As festas nunca foram minhas, ou para me promover. Sempre fizeram parte da história dessa cidade. O que nossa gestão fez, foi tentar dar outra cara pra tudo, resgatando tradição e novas atrações”.

²³ - Gildásio Martins Sodré – Prefeito Municipal de Ipupiara entre 1989 a 1992.

²⁴ - Jose Luciano Novais (Zequinha) foi prefeito de Ipupiara entre 1997 a 2000, sendo ele o candidato que Ascir derrotou quando conquistou sua primeira vitória eleitoral a prefeito.

“Como vocês procuraram fazer isso de resgatar a tradição e trazer novas atrações então?” “Desde quando ajudei a fundar e fui presidente da AJI, promovíamos algumas festas e lá buscávamos sempre valorizar o forró pé de serra e atrair um público de todas as idades”.

A AJI, que, por alguns anos, por volta de 2000, ficou sem funcionar ativamente, voltou a ser reativada em 2012. Sua sede funciona um pouco afastada das praças da cidade. A associação conta com um espaço grande, como se fosse um clube privado, com direito à piscina e quadra aberta para prática de esportes. A estrutura da sede estava em reforma, tendo em vista o tempo que o lugar ficou fechado, utilizado para abrigar máquinas de uma empreiteira que prestou serviço para a CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento do Vale do Rio São Francisco). Ascir se orgulhava de falar da AJI, parecia ser seu “pupilo” como fez questão de ressaltar, fugindo um pouco do assunto “festa”, e que a entidade sempre promoveu encontros e reuniões entre os jovens da cidade. “Os jovens sempre se reuniam lá na associação, lá brincávamos e conversávamos sobre a cidade”, destacou.

Não é de se estranhar todo esse carinho pela associação, pois ela mesma foi responsável por torná-lo ainda mais conhecido na cidade, juntamente com sua loja, fundada também três anos antes de ser eleito prefeito pela primeira vez. “Mas você até agora não contou como as festas que tua gestão organizou se tornaram assim comentadas”, perguntei tentando trazê-lo para falar sobre a festa de novo. “Acho que o que fizemos foi escutar e procurar atender o que o povo pedia. Afinal, a festa era para o povo”. “De que forma procuravam atender?” “Durante um tempo nós tivemos uma rádio comunitária na cidade, através da qual a gente percebia o estilo de música que o pessoal gostava e procurávamos trazer atrações que fossem desse estilo. Inclusive foi trazida uma atração nacional, coisa grandiosa para nossa cidade”, ele se referia a quando conseguiu levar a dupla Gian e Giovanni para se apresentar na cidade.

Essa mesma rádio comunitária, que funcionou durante a gestão de Ascir, foi pleiteada por ele para que estivesse em funcionamento. No entanto, histórias dão conta de que um grupo de oposição a Ascir levou um deputado estadual para ser entrevistado na emissora local, mas que o mesmo foi barrado por questões políticas. Como resultado disso, o mesmo deputado

denunciou a emissora para órgãos fiscalizadores, que foram à cidade e tiraram do ar o veículo de comunicação por volta do ano de 2010. Durante esse período, Ascir, mesmo não sendo mais prefeito da cidade, buscou os recursos necessários e a legalização para que a emissora, na época chamada *Rádio Fortaleza de São João*, voltasse a funcionar em 2013, agora sendo chamada de *Rádio Diamantina FM*.

“Ascir, na sua gestão a festa mudou de lugar, ou seja, saiu da praça em frente a igreja, como já vinha acontecendo há muitos anos, e passou para um outro lugar. Qual o motivo disso?” “Isso mesmo, até 2005 a festa sempre aconteceu na praça da Matriz, mas em 2006 resolvemos mudar de local, pois houve um pedido do bispo para que fosse mudado, pois atrapalhava muito as atividades religiosas que aconteciam ali”. Essa mudança ainda gera muita polêmica na cidade, pois em função disso, a prefeitura construiu o que chamou de Praça de Eventos, distante cerca de 300 metros da praça da igreja. A construção, basicamente foi de um palco com camarim, para que as atrações das festas e demais eventos pudessem se apresentar.

Ascir valoriza muito a construção, como sendo algo importante para a cidade, destacando, inclusive, como uma de suas principais obras: “A Praça de Eventos nos ajudou inclusive a economizar com a festa, pois sempre tínhamos que contratar um palco e tudo mais. A partir da construção, tínhamos um espaço próprio para festas e eventos que não era só usado no São João, mas para qualquer evento”, ressaltou o ex-prefeito em tom de orgulho.



Figura 10 – Na primeira foto está o palco da Praça de Eventos, na foto abaixo está o espaço logo a frente do palco, lotado, no dia 23 de junho de 2011, num dos dias da Festa de São João²⁵.

²⁵ - Foto retirada do site da Prefeitura Municipal de Ipuíara – www.ipuipara.ba.io.gov.br – acesso em 14 de junho de 2013.

Essa construção destinada à festa pareceu uma demarcação da própria festa, ou seja, o que acontecia com o espaço da festa era um deslocamento, pois o espaço de antes e o construído na gestão de Ascir para os festantes não era o mesmo. Demarcava-se lugares diferenciados, antes da construção e depois dela, mas a festa acontecia independente disso. Quando falo que a construção gerou polêmica para algumas pessoas, é pelo fato de que algumas delas diziam que a festa no palco era: “muito ruim, pois o povo parecia que agora tinha espaço fixo pra festejar” ou que o novo espaço “ficou um pouco longe de tudo.”

“Não dá pra agradar a todos, mas o povo ganhou um espaço bom para eventos na cidade. Mas a festa ganhou muito, não só com isso. Pra ti ter uma ideia, desde 2008, nossas festas de tão grandiosas que ficaram, passaram a ser organizadas desde janeiro, o que nos anos anteriores não era feito com tanta antecedência. Mesmo sendo meu último ano de governo, demos uma estrutura para o que é feito hoje”, justificou. “Ascir, uma coisa me chamou atenção, não parece existir aqui uma festa da prefeitura e uma festa da Igreja. Percebi isso, pois o “Arraiá da PJ” esteve presente ano passado no cartaz publicado pela prefeitura. Mas como foi na tua gestão?” “Nós nunca buscamos separar a festa do caráter religioso, inclusive se não tivesse a devoção a São João, nossa história e a história da festa seriam fracas. O “Arraiá da PJ” foi abraçado, desde o início, por nossa gestão e continua sendo pela gestão atual. Acredito que ele já entrou para o calendário oficial de nossa festa. A iniciativa não é da prefeitura, mas não podemos deixar de incentivar tal atividade. Tanto é que, em um determinado ano, trouxemos o show do Frei Jurandir²⁶ para animar a noite do “Arraiá da PJ” e conseguimos agradar a todos”.

A conversa seguiu por mais ou menos duas horas, Ascir como bom político, fazia questão de valorizar a festas que sua administração organizou, mas também, talvez com um discurso habilidoso de político, valorizava a participação popular nas festas. Ao falar da relação com a Igreja, também usou um

²⁶ - Clérigo católico famoso no meio religioso por músicas que envolvem questões sociais, espirituais e que inclusive trazem até um pouco de forró em algumas delas.

discurso de integração, que de fato até aquele momento assim parecia realmente acontecer.

Talvez essa relação entre elementos religiosos e administrativos da prefeitura, quando se fala do “Arraiá da PJ” deem a entender, observando num primeiro momento, o que os membros da PJ falavam, e agora com toda história que Ascir trazia, que toda articulação se tornou benéfica para ambas as partes. A PJ e a Igreja tinham respaldo de estrutura da prefeitura para desenvolver suas atividades e a prefeitura conseguia, com um investimento menor do que com as outras atrações, colocar o “Arraiá da PJ” dentro de sua programação. A conversa com Ascir me fez pensar, sobretudo, quando voltou à baila a questão do “Arraiá da PJ”, a ver um pouco como se dava a relação política e religiosa na cidade e na festa. Eu transitava nesses espaços, político e religioso, procurando entender as relações do “fazer a festa”. Essa minha relação com os “terrenos” e “objetos” de minha pesquisa me tornava cada vez mais semelhante ao que Nunes (2002, p. 330) chama de “testemunha articulada”,

uma testemunha de processos e acontecimentos posicionados num terreno, contraposta à concepção convencional do pesquisador como observador ou etnógrafo, produtor de um conhecimento (ainda que reflexivo, multivocal ou dialógico), posicionado ou não, de um terreno.

Atuando como tal testemunha, pude perceber através desse trânsito de histórias, que por meio de uma mobilização, sobretudo a partir de meados de 1980, os recursos financeiros para a festa aumentaram cada vez mais e a prefeitura passou a ser uma das principais, senão a principal, mantenedora da festa de São João de Ipujiara. E nesse sentido, ela parece tentar manter também, desde a época de Ascir até agora, certa unificação simbólica da festa, ou seja, unir na programação oficial da festa, aquela que a prefeitura divulga como sendo organizadora, elementos religiosos e promovidos por iniciativas particulares. Prova disso é que diversos eventos, em dias diferentes, são anunciados e financiados também pela prefeitura, como outros “arraiás”. Esses “arraiás”, no entanto, mesmo sendo promovidos de forma independente, ou seja, sem acontecer

normalmente em anos consecutivos, eram de grupos ligados ao prefeito, por isso acabaram sendo patrocinados de alguma forma pela instituição e entravam assim no roteiro da programação do São João.

III – IV – Quando a festa quase “secou”: por uma economia da festa

Logo antes da gestão de Ascir na prefeitura de Ipupiara, depois dela e, sobretudo durante sua gestão, foi o período em que a festa mais se estruturou, principalmente no tocante a intervenção da prefeitura e maior organização por parte dela, principalmente na liberação de verba. Nisso também, poderia ser percebido o caráter eleitoral das festas, não só na esfera municipal.

“Quando é ano eleitoral, com certeza, tem mais recursos pra festa, principalmente quando a eleição é a nível estadual e federal, os ministérios mandam mais recursos”, ressaltou Ascir, dando claramente a entender que a festa tem seu cunho eleitoral e político partidário também. Não obstante a isso, a festa era uma oportunidade de “mostrar” o potencial da cidade para os que vinham de outros lugares e para os “filhos da terra”, ou seja, os ipupiarienses que estavam morando em outros lugares e economizavam para passar os dias de festa na cidade.

Como lembra Amaral (1998a), nessa época de São João, “muitos nordestinos que se encontram fora dos seus estados [ou até mesmo que estão nos seus estados, mas só que próximos da capital] costumam economizar dinheiro, presente, e voltar com eles para sua cidade natal” (p.165). Além disso, como a própria Amaral também destaca, o mês de junho parece refazer o ciclo migratório, construindo uma espécie de refluxo, que, num primeiro momento, se reflete nas próprias empresas de transporte que levam as pessoas das grandes cidades para o interior do nordeste. “Nessa época de festa, é importante cuidarmos bem da cidade. Vem muita gente de fora, gente da nossa terra que está fora e algumas pessoas de outras cidades. A festa vira um ponto de união e também, porque não dizer, de turismo. É uma época em que os políticos de outras cidades e de nosso estado vem pra cá também”, destacou Ascir, revelando como a cidade se mostra na festa e para festa.

Esse roteiro político das festas, ou bem dizendo, que os políticos fazem nas festas, já foi observado por Amaral (idem), quando em 1993, os deputados de estados do nordeste brasileiro, se concentravam mais em se programar para as festas juninas no nordeste do que para as votações no Congresso Nacional. O deputado federal baiano José Carlos Aleluia (DEM, na época filiado ao PFL) chegou a afirmar nessa época: “Viajo na quarta-feira pela manhã para Bahia, passo o São João no carro, visito arraiais e quadrilhas em cerca de dez municípios distribuídos por cerca de 2000 km [...] se eu não for, não me reelejo.” (Folha de São Paulo, 21/06/1993, apud. AMARAL, 1998a, p. 167).

Nesse mesmo clima de visita política, Ipupiara parece entrar na rota também. Com presença marcada em praticamente todas as festas, há pelos menos cinco anos, está o deputado federal Claudio Cajado (DEM), que desde algumas eleições tem sido apoiado pelo grupo de Ascir. Cajado participa das festas, sobe nos palcos, abraça eleitores, tira fotos e, é claro que não podia deixar de fazer, profere discursos efusivos, parabenizando o povo pela festa e promovendo os políticos de seu grupo na cidade. Outra presença na festa, em grau de participação menor, mas nem por isso deixando de ser apoiada pelo grupo de Ascir, é o deputado estadual Nelson Leal (PSL).

Essa participação dos políticos regionais e nacionais na festa, como também nos aponta Amaral (idem), parece mostrar que a política se transfere nesse período para a própria festa, muito mais do que para a atuação nos plenários de suas casas legislativas. Ou seja, a política oficial (a do Estado), dá espaço nesse período para a política paralela (da festa), uma vez que é nessa política paralela que o deputado, conseguirá se manter na política oficial, senão não se reelegerá. Dessa maneira, a política nacional e a estadual são ofuscadas, quando se fala de festa de São João, pela política da festa local.

Em Ipupiara, como a festa na rua era organizada pela prefeitura, era preciso que a cada ano a instituição estimasse os recursos e fosse buscar, nas diversas esferas governamentais, apoios para que ela se realizasse. Mas essa busca passou a ficar cada vez mais complicada com o passar dos anos. Desde quando passei a residir em Ipupiara, a chuva parecia ter sumido ainda mais do que o convencional naquela região. Quando ela caía era por poucos minutos, se tornando insuficiente para

muitas atividades. Já era início do mês de abril de 2012 e a chuva teimava em não aparecer. Para se ter uma ideia, de janeiro a final de abril, choveu uma única vez e por pouco minutos. A preocupação de que a festa fosse afetada por isso, dividia espaço no assunto do povo que também já se preocupava pelo fato de muitos produtos, advindos da agricultura, subirem de preço.

Cheguei a pensar que, com a falta da chuva na região, minha pesquisa estaria ameaçada também, pois o povo na rua já começava a comentar que, em algumas cidades da Bahia, as prefeituras já confirmavam o cancelamento das festas juninas. Minha preocupação se tornou ainda maior quando, além da chuva não chegar, dois documentos oficiais, um do Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia e outro do Governo do Estado da Bahia, foram expedidos.

O documento do Tribunal de Contas, publicado no dia 26 de abril de 2012, intitulado *Ordem de Serviço nº 014/2012*, deixava claro que os municípios atingidos pela seca em todo o Estado da Bahia, seriam submetidos a constante fiscalização por parte daquele tribunal, a fim de que não fosse dispensado dinheiro vultoso para festividades juninas. Até então, não me preocupei muito com o documento, pois Ipupiara não tinha sido enquadrado como município atingido pela seca. Tive acesso ao documento, assim que ele foi divulgado, pois Neuton me entregou uma cópia dizendo que chegou na prefeitura no mesmo dia da publicação. Minha esperança se esvaiu quando, no dia seguinte a publicação do documento do Tribunal, o governador da Bahia, Jaques Wagner, publica o *Decreto 13963/12*, estabelecendo estado de emergência em cinquenta e uma cidades do estado, devido a falta de chuva, e dentre elas estava Ipupiara. Com este decreto, Ipupiara passava a ser incluída no conteúdo do documento do Tribunal de Contas.

Com aquilo, achei que literalmente a festa em Ipupiara fosse “secar”, assim como a terra com a falta de chuva. Se não tem chuva, não tem plantação e, assim, se não tem dinheiro, não tem festa. Minha primeira atitude, depois de saber de tudo isso, foi procurar o prefeito para conversar, pois de imediato me veio o pensamento de que se não tem festa, minha pesquisa sobre festa em Ipupiara acabaria também. Meu desespero antropológico egoísta pensava assim naquele instante, muito

mais do que pensar nas consequências daquela seca para a população.

Pedi para Neuton tentar marcar uma reunião com o prefeito David Ribeiro para que eu pudesse conversar mais sobre a situação, uma vez que a festa já estava “batendo à porta” e, se de fato a prefeitura iria organizá-la ou cancelá-la. A entrevista só se concretizou duas semanas mais tarde, numa manhã bastante quente e, para não variar, com o céu totalmente aberto, sem nenhum indício de chuva. Fui à prefeitura no horário em que Neuton havia articulado, onze horas da manhã. Só consegui ser atendido perto do meio dia. Não porque o prefeito tenha atrasado de propósito, mas pelo fato, acredito eu, da fila na porta de seu gabinete estar com diversas pessoas esperando atendimento, muitas até com exames e cartões do Bolsa Família²⁷, talvez na esperança de que o “homem”, como era chamado de maneira irônica o prefeito, pudesse ajudá-los em uma possível reivindicação.

Entrei em seu gabinete e percebi que era totalmente diferente das outras repartições públicas da prefeitura, com quadros e fotos na parede, com as paredes bem pintadas, sofás confortáveis e um espaço bastante amplo. Atrás de uma mesa cheia de papéis, David Ribeiro, um homem de baixa estatura, assim como Ascir, me recebeu com um forte aperto de mão, pedindo para que me sentasse.

A entrevista foi acompanhada por Neuton, que fez questão de tirar algumas fotos, e Francelino, um dos principais assessores do prefeito, que eu já conhecia devido sua participação em atividades da Igreja. Ficou um breve silêncio na sala, não quis atrapalhá-lo nas diversas promissórias que ele assinava enquanto um homem, que fiquei sabendo depois, que se tratava do secretário de finanças da cidade, o esperava. O secretário saiu e Francelino, parecendo um anfitrião preocupado que eu fosse bem atendido, chamou a atenção de David: “Diga aí, prefeito, como é bom ter esse moço aqui [apontando pra mim]”. “Com certeza é bom ter sua presença aqui”, David falou em minha direção, olhando em meu rosto pela primeira vez desde que tinha entrado naquela sala. “Muito obrigado, prefeito.” “Está gostando de Ipupiara? Como está sua pesquisa?”, me questionou. “Tenho gostado muito desde que cheguei aqui.

²⁷ - Programa social do Governo Federal.

Agora, quanto a pesquisa, estou com medo dela nem acontecer, pois a seca está forte”.

“Moço não se preocupe não, vamos ter festa na cidade. Nem se preocupe. Se essa era a preocupação, fique tranquilo”, David fez questão de me aliviar naquele instante, tendo em vista minha preocupação de que a prefeitura não organizasse a festa na rua, pois eu sabia que a Igreja, independente de seca promoveria suas atividades. “Bom saber, prefeito, mas como está a situação de que foi proibido gastar muito na festa?” “Estamos passando por uma situação bastante difícil, estamos com pouco dinheiro, a seca só está se agravando, mas entendemos que a festa é algo muito importante na nossa cidade, sendo assim garantimos que ela vai ser feita, mas menor do que outros anos.” “O que significa que ela será menor?”, curiosamente perguntei.

“Não teremos tantos dias de festa como nos outros anos e as atrações serão mais baratas. Tudo não só pela seca, mas como você lembrou, fomos determinados a fazer isso pelo Tribunal de Contas. Fomos notificados pelos inspetores de que só poderíamos gastar um terço do que foi gasto no ano anterior com a Festa de São João. Tivemos, inclusive, que mandar o orçamento dos gastos da festa para o Tribunal. Pra você ter uma ideia, em algumas cidades, isso se tornou tão inviável que as festas foram canceladas, por terem seus recursos limitados. Entendemos essa determinação, mas não deixaremos de festejar junto com nosso povo algo tão importante. Muitos não entendem e reclamam disso, mas pior seria se eu nem fizesse nada e cancelasse.”, enfatizou o prefeito.

“Algumas pessoas dizem que, se o senhor diminuir a festa, pode até perder votos, isso não lhe preocupa?” “Nossa preocupação não é a questão dos votos, até porque a festa não faz ninguém ganhar eleição. Estamos preocupados em garantir uma tradição em nossa cidade que é a festa de São João, sendo ela menor do que outros anos ou não. Inclusive, para conseguir fazer a festa um pouco melhor, estamos pleiteando uma possível verba do Governo Federal através de um convênio”. “Mas como funcionava em outros anos, pelo fato da festa ser maior do que será este ano?” “Independente do ano, ao menos na minha gestão e nas que trabalhei, sempre tivemos dificuldade de conseguir arrumar verba para a festa, mas ainda dessa maneira, a gente conseguia fazer uma festa grande, agora a situação complicou um pouco mais”.

“Em outros anos, as atrações eram maiores e tinha mais dias de festas. Independente dos recursos, não poderia trazer atrações menores e manter a mesma quantidade de dias?, perguntei. “Acho que o povo, com certeza, não iria gostar. Então foi melhor tentar trazer atrações regionais e diminuir os dias”. “Mas ouvi dizer que, mesmo assim, as atrações não são tão conhecidas, o senhor concorda com isso?” “Sempre é difícil trazer grandes atrações. Você deve saber que o São João se espalha pelo interior do Nordeste. Sendo assim, não temos como competir com cidades maiores e trazer atrações mais caras e famosas. Mesmo assim, conversamos com o empresário que tem o contato das bandas para o São João em nossa cidade e ele tenta negociar algumas atrações boas, como são as desse ano”.

“O senhor falou de um possível recurso do governo federal, mas o governo do estado não ajuda?” “Nunca tivemos nenhum centavo do governador, nem do governo federal. O que estamos tentando é uma ajuda pela primeira vez. O governador nunca ajudou nossa festa ser maior do que sempre foi, basta ver a estrada que liga a gente a Brotas [de Macaúbas]. Se já estivesse asfaltada, seria bem melhor”, nesse momento, ele já aproveitou a oportunidade para fazer sua crítica ao governador, filiado ao PT, partido que é oposição ao seu governo na cidade. “Voltando a falar dos dias, como fica a programação desse ano na cidade?” “Os cartazes estão quase prontos, o Neuton pode te mostrar depois. Nós, da prefeitura, vamos oportunizar um dia grande de festa, vamos apoiar o Bloco Caçamba em outro dia, uma festa na Praça das Mães em dois dias, e algo que é inédito neste ano, o “Arraiá da PJ” será em dois dias. Então vamos apoiar e organizar. Independente de qualquer coisa vai ter seis dias de festa. A prefeitura apoiará e disponibilizará algum tipo de recurso. Em termos de dias, mesmo com atrações menores, você pode até notar que tem mais do que no ano passado.”

No ano anterior, 2011, a programação que a prefeitura apoiou e organizou teve quatro dias, pois o “Arraiá da PJ” aconteceu em apenas um dia e, neste ano a festa na Praça das Mães acontecerá em dois. Essa festa, na Praça das Mães, aconteceu também em 2011, mas não entrou no programa oficial da prefeitura. Esse evento foi idealizado por um vereador, que mora na região onde está a praça, ligado ao grupo de David e Ascir. Muitos acusavam o vereador de estar promovendo o

evento pensando nas eleições ou como forma de agradar seus eleitores. Independentemente disso, ele não só ganhou o apoio de seus aliados políticos, como colocou a festa na programação oficial, conseguindo, inclusive, recursos para isso.

Quanto a programação que mudou um pouco, referente ao ano anterior, aparecia o Bloco Caçamba, tradicional bloco da cidade, parecido com um bloco de axé music, que parecia transformar o São João em carnaval junino. O bloco vendia camisetas, conhecidas por abadás, e pediu ajuda da prefeitura para trazer o trio elétrico e a banda. Durante alguns anos, o bloco se apresentou durante os dias que antecederam o São João, e no ano anterior o bloco se apresentou em outra época do ano também.

Das atrações da festa, o que mais me chamou atenção foi o fato do “Arraiá da PJ” acontecer em dois dias. Não só por isso, pois o “Arraiá na Praça das Mães” aconteceria também em dois dias, mas pelo fato de um grupo ligado à Igreja ter dois dias na programação oficial. Inclusive Davi destacou essa questão na entrevista: “O “Arraiá da PJ” é uma honra para todos nós, não só para a prefeitura, como para a cidade inteira. Não só é uma honra, mas é um dever ajudar um ato tão importante. É um evento que resgata as famílias para a rua, mesmo quem não gosta de festa participa. O padre Cláudio trouxe esse caráter de união das famílias com o “Arraiá da PJ” para nossa festa”.

O que David fala, traz uma dimensão importante para a festa, pois ele mesmo ressalta a figura do padre como alguém bastante importante dentro da organização dos festejos, ainda que ele estivesse mais preocupado em articular, como prefeito, os eventos da Igreja dentro da festa. Essa ideia, porém, do prefeito controlar as atividades da Igreja na programação da prefeitura, caiu por terra, quando percebi cada vez mais o estilo de engajamento social que padre Claudio tinha dentro das atividades políticas e sociais da cidade.

A conversa com David se encerrou, pois já era quase uma hora da tarde. Sua secretária nos interrompeu, perguntando se iríamos demorar, para que outras pessoas fossem dispensadas e não precisassem ficar esperando e voltassem em outro momento. Mas não quis interromper a rotina do prefeito e fiz questão de desejar bom trabalho e bons festejos para ele, que me respondeu de pronto: “Que seja uma boa festa para todos nós e para sua pesquisa”.

Neuton fez questão de me acompanhar até o lugar onde iríamos almoçar e, não para minha surpresa, estávamos combinados naquele dia de almoçar junto com o padre. Parecia que naquele dia, um assunto levaria ao outro. O que David destacou em toda conversa parecia levar para uma situação que, na conversa com Ascir, já havia observado, ou seja, com a participação e responsabilidade da prefeitura “[...] a festa assume um contorno diferente, ela passa a ser a expressão da administração municipal, é o prefeito quem constrói e a torna um fato concreto, real, um evento sem precedentes na e para história do município” (LIMA, 2002, p.61). No entanto, em Ipupiara, muito mais do que o prefeito, o padre também parecia contribuir para parte dessa festa, não só na parte religiosa, mas traçando diretrizes e observações para essa mesma festa organizada pelo prefeito.

III – V – O padre como agente político, social e religioso da festa

Padre Claudio, residente há cerca de dez anos na cidade, e bastante engajado nas discussões sobre os problemas e projetos de Ipupiara, é natural de Xique-Xique, cidade a cerca de 120 quilômetros de Ipupiara. Ele cresceu na cidade da Barra, vizinha de Xique-Xique, dividida apenas pelo Rio São Francisco. Desde jovem, engajou-se nos movimentos eclesiais. Quando foi ordenado padre, trabalhou por alguns poucos anos na cidade da Barra, como padre auxiliar e depois foi transferido para Ipupiara, em 2002. Desde que chegou na cidade, sempre buscou desenvolver atividades que, segundo ele, pudessem resgatar jovens de situações, que ele considerava de risco, como drogas, violência e a falta de participação social. Ele encontrou nos grupos da PJ uma forma de conscientizar os jovens e também movimentar a população para outros problemas sociais, tendo em vista que esses mesmo jovens, segundo ele, poderiam expandir uma conscientização de diversos problemas para a sociedade toda.

Nunca fiz nenhuma entrevista formal com o padre, mas sempre que o visitava procurava iniciar algum assunto referente a minha pesquisa, ou ainda sobre outras questões. Não que eu

não quisesse fazer uma entrevista com padre Claudio, mas ele nunca me deu oportunidade para algo assim, me dizendo, de maneira jocosa ou séria, tendo em vista que nunca consegui distinguir: “ Moço, tô corrido, você tem que correr pra poder conversar comigo, aproveite todos os minutos e momentos que está aqui comigo, não vou dar nenhuma entrevista formal não”, tomei como tom jocoso a fala dele, pelo fato dele sempre conversar comigo, mesmo em momentos rápidos, sobre a festa, a participação da Igreja e os próprios eventos da Igreja no que dizia respeito a festa de São João.

Muitas informações, referentes à posição e a opinião dele, são baseadas no que ouvia quando participava das missas e celebrações que ele presidia e das reuniões em que ele me convidava. Nessas reuniões, eu percebi como ele instigava o prefeito e os políticos da cidade a fazerem da festa algo não simplesmente festivo, mas que promovesse o que ele descrevia como a “união das famílias”, ou seja, um “ambiente familiar”. Apesar do prefeito usar um termo parecido com isso, o padre fazia questão também de dizer que ambiente familiar e de respeito é onde todos podem ir e participar de tudo, sem que uma atividade atrapalhe a outra. Com isso ele cutucava a prefeitura, pois ele dizia que enquanto havia atividades da Igreja, funcionários ou contratados, em anos anteriores, realizavam atividades que atrapalhavam o andamento das celebrações.

Quando fui convidado a participar de uma reunião, ainda no mês de abril do ano 2012, já percebia como o padre chamava a atenção dos membros da sua comunidade religiosa para o fato de que a prefeitura tinha o dever de promover uma festa para todos os cidadãos da cidade, não simplesmente uma festa qualquer, mas uma festa onde o povo pudesse participar, dançar e se encontrar. Nesse sentido, ele destacava que essa festa aconteceria não pelas atrações que seriam trazidas, mas pelo ambiente construído. Falava isso se referindo às barracas que eram montadas próximas à igreja durante o período da festa e aos carros que colocavam música em volume alto demais. Não só as atividades da prefeitura atrapalhavam.

“É muito importante que nosso povo festeje, é um direito. Agora, é preciso observar uma coisa, os ambientes construídos ao redor da festa podem prejudicar muito o clima. Muitas barracas ficam vendendo bebidas e, sobretudo os carros com som alto estragam o clima que deveria ser familiar. Essa questão

o prefeito precisa observar com muito cuidado, inclusive, vou conversar com ele sobre o assunto. – ressaltou o padre em uma reunião”. O padre parecia se preocupar não só com o lado religioso da festa, mas com a estrutura que a mesma ofereceria àqueles que queriam aproveitar os shows e as demais atrações da programação. Ir conversar com o prefeito, mostrava também que o padre queria ser um agente organizador da festa, ou parte dela, até mesmo porque o “Arraiá da PJ”, tendo como base a iniciativa do padre e dos jovens da PJ, faria parte da programação oficial.

Essa participação do padre como agente, representando a Igreja Católica, tornava-se também uma forma dele poder criticar, elogiar e conquistar determinadas ações da prefeitura na festa. Quando ainda surgiam boatos de que a festa sofreria um grande revés por causa da seca que assolava Ipupiara, o padre logo interrompeu alguém que, na reunião, se queixava desta situação da festa ser fraca naquele ano:

“Não podemos deixar que a seca seja um motivo para que os políticos e a prefeitura deixem de construir uma festa para seu povo. Sou a favor da festa. Entendo que nesse ano estamos com muitas dificuldades, mas se consegue dinheiro e se investe em tanta coisa que às vezes não tem necessidade. Agora quando podemos promover uma forma das famílias se divertirem e terem um pouco de lazer diante dessa situação, se arranja algumas desculpas. Não podemos nos deixar levar por qualquer discurso!”

Esse discurso do padre fazia desmoronar uma coisa muito comum em alguns trabalhos sobre festa e religiosidades, o fato de os eventos religiosos e dos shows e demais atrações serem abordados separados, ou ainda, o fato do agente religioso e do poder público instituído estarem desvinculados um do outro na pesquisa. Talvez o campo em que alguns desses trabalhos estejam inseridos realmente leve à conclusões como essas, no entanto, em Ipupiara, isso não parecia ocorrer, até mesmo pelo fato do padre ser enfático: “Sou a favor da festa”. Nesse caso, a afirmativa do padre dizia respeito a toda a festa e não só dos elementos que a paróquia organizava, tais como as celebrações ou leilões.

Nesse pensamento do padre, não quer dizer que ele concordasse com tudo que a prefeitura organizava e proporcionava, mas que entendia a mesma como uma forma de união e promoção das relações de amizade e companheirismo e,

para tanto, entendia também que algumas ações não colaboravam para isso. O padre como principal agente religioso, chamava atenção das autoridades para que promovessem uma festa de união familiar e de amigos, num clima que ele descrevia como “fraternal”. A compreensão do padre, que tinha a festa como necessária, mas também a entendendo como importante forma de sociabilidade, vai ao encontro da forma como Duvignaud (1983) entende a festa, ou seja, como um componente importante na vida social, em que pesem seus contornos e peculiaridades.

Ao saber que a prefeitura diminuiria os dias de festa e que tradicionalmente o “Arraiá da PJ” acontece dentre esses dias, o padre logo marcou uma reunião de emergência com o prefeito para tratar de uma pauta muito clara: “a programação da festa e os recursos para a Igreja”, segundo o padre mesmo informou. Conversando pessoalmente com padre Claudio sobre a reunião, alguns dias depois, ele fez questão de me dizer em primeira mão: “Propus ao prefeito que a PJ ficasse com dois dias de festa”. “Como assim, padre?” “Não conta pra ninguém por enquanto, quero conversar com o pessoal da PJ e demais lideranças da paróquia sobre isso. Mas quero que tenhamos dois dias de “Arraiá da PJ” esse ano. Não podemos deixar que a festa fique mal organizada só porque a prefeitura diz que não tem recursos. Vamos participar e fazer a nossa parte”. “Mas eles são obrigados a economizar. Como que o senhor propôs isso?”

“Propus sim, afinal, com o pagamento de uma atração da festa desse ano, mesmo com o pouco recurso que se tem, dá pra pagar os custos com os dois dias do “arraiaí” e ainda sobra muito”, destacou o padre. “Quanto o senhor pediu de dinheiro para organização do “arraiaí”?” “Não falamos em valores no momento, mas ele ficou de pensar. Ele gostou muito da ideia, pois sabe que no fundo temos muito a contribuir ampliando o “Arraiá da PJ”.

O fato do padre conversar com o prefeito, de ambos trocarem opiniões sobre a festa, demonstrava que a festa dedicada ao santo, revela um campo de articulações que é discutido por muitas figuras e, nesse caso, transferindo para Iupuiara, o padre e o prefeito aparecem como centrais. Só que, as articulações que apareciam, não revelavam, porém, uma “disputa” pelo controle da festa entre esses agentes, mas demonstravam muito mais uma inter-relação de instituições que,

com seus interesses, buscavam proporcionar diversos elementos para a festa. Visto assim, o padre não entendia a festa como restrita ao âmbito religioso ou político e, o prefeito da mesma maneira. Isto, então, proporcionava num primeiro momento, uma construção da festa aonde esses agentes, responsáveis por determinadas partes, construía e respeitavam as atribuições de cada um, ainda que uma se imbricasse com a outra.

Assim, a Festa de São João de Ipupiara, seria por assim dizer, um momento privilegiado de construção e estabelecimento de laços entre o religioso e o político, e como lembra Menezes (1996), se podemos adaptar seu argumento à realidade de Ipupiara, essa relação “política-religião” se dá em forma de encontro, “pois vemos que em todos os momentos, ou melhor, em todos os espaços da festa, ambos estão presentes” (p.113).

O padre, então, “faz” a festa junto com o prefeito, pensando em alguns aspectos, como por exemplo, o “Arraiá da PJ”. O padre quer construir parte da festa e dar a ela uma face religiosa, de valores cristãos, como já, abertamente, defendido por ele. Dessa maneira, a configuração da festa poderia ser entendida, como lembra Menezes (idem), num primeiro momento, nos seus bastidores e na sua organização, como resultante de distintas interpretações sobre a relação religioso/festivo, ou político/religioso, as quais são postas em contato o tempo todo e, interagindo, criam uma feição própria da festa de Ipupiara a partir do momento em que a mesma vai se revelando, na concretização de sua programação.

CAPÍTULO IV – VÁRIOS “VIVAS”, UMA FESTA

Ô laiá vem ver
 Ô laiá vem cá
 Vem ver coisa bonita
 São João no arraiá
 Vem ver quanta fogueira
 No terreiro embandeirado
 Foguetes e balões
 Sobre o céu todo estrelado...
 (“São João no arraiá”, Zé Dantas, 1960)

O que faz da festa uma festa? Essa é uma das principais perguntas de quem estuda as festas e suas relações. Além disso, são as atrações, a programação da festa que também a tornam um maravilhoso campo de observação. Divertir-se não pode ser reduzido a mera alegria. Divertir é também unir, e a festa une, renova e mostra que muitos esperam por ela como um fato grandioso. Esse capítulo abordará elementos e atrações reproduzidos na festa, sua dimensão de espetáculo para Ipupiara e, por fim, o que a festa “deixa” para a cidade.

IV – I – Começando pelo fim: O “Arraiá da PJ” e a Igreja encerrando a festa

“É, moço, parece que o padre vai salvar a festa esse ano!”. Escutei essa frase quando estava no cabeleireiro onde geralmente cortava meu cabelo em Ipupiara. Lá era um bom lugar, enquanto esperava para ser atendido, até mesmo quando cortava meu cabelo, para escutar conversas e fofocas da cidade. O cabeleireiro conversa com os clientes e os mesmos conversavam entre si. Ao ouvir aquilo de um cliente que conversava com o Tarcísio, dono do estabelecimento, logo me fiz de rogado enquanto esperava minha vez de cortar o cabelo e perguntei: “Mas por que vocês acham isso, gente? A festa vai acontecer normalmente, não vai?” ““Vixe” moço, até parece que você não sabe que esse prefeito é mole pra fazer festa”, respondeu-me um senhor, já idoso, da porta do estabelecimento,

sentado com as pernas cruzadas em um tamborete, enquanto fumava um cigarro feito de palha – um palheiro - e se protegia do sol com um chapéu de palha envolto com uma fita azul.

“Mas mesmo assim, por qual motivo o senhor acha que o padre vai salvar a festa?”, perguntei de pronto. “O povo gosta desses bailes e desse arraiaí que ele faz todo ano. É uma festa que todo mundo vai. Tem gente de todas as idades, Além do mais, esse ano vai ser dois dias”, entrevistou Tarcísio, antes mesmo daquele senhor me responder, o qual concordou balançando a cabeça em sinal afirmativo.

A conversa aconteceu em metade de maio, as pessoas já não tinham mais o medo de que a festa deixasse de acontecer por causa da seca na região. O que se via naquele lugar era basicamente que a programação da festa, antes mesmo de ser divulgada oficialmente, pois os cartazes de divulgação não haviam sido distribuídos, já era anunciada nas rodas de conversa pela cidade e que, além disso, algumas pessoas viam na intervenção do padre sobre a festa, uma forma de resgatar ou dar também uma “face” a festa que o prefeito programava fazer.

Essa noção da festa que o povo comentava na rua era reconhecida pelo padre, quando em uma reunião com os membros da PJ (Pastoral da Juventude), disse: “Vocês andam na rua, sabem o que o povo está comentando por aí. Estão dizendo: “o padre vai salvar a festa”. Isso não é bom, nunca tive essa intenção, nem quero que vocês comentem isto na rua. Essas coisas só fazem crescer a inveja de quem não gosta da gente. Queremos fazer uma festa pra toda comunidade e nunca nessa noção de que vamos salvar alguma coisa”. “Mas é verdade mesmo, padre. O povo fala isso e eu concordo. O prefeito tá aí fazendo a festa só pra não passar em branco”, uma moça, integrante do grupo, que estava na reunião, interrompeu o padre.

“Independente disso, entendo que precisamos respeitá-lo. Eu mesmo conversei com ele para manter a festa e para ajudá-lo e ajudar nosso povo. Além disso, para promover a PJ e nossa paróquia, é que resolvi propor a ele que assumíssemos mais um dia da festa, desde que ele ajudasse com os recursos também, já que não temos nada em caixa, respondeu o padre num tom um pouco desconfortável com os comentários que circulavam na rua sobre o “Arraiaí da PJ”. Entendi o comentário do padre mais como um tom de modéstia do que uma

preocupação meramente dita. A fala acontecia não dentro de uma reunião qualquer, mas numa reunião marcada para preparar e organizar o “Arraiá da PJ”. Os jovens foram comunicados da reunião dentro de uma missa dominical da paróquia.

Essa reunião sobre o “Arraiá” aconteceu, após o padre ter conversado com o prefeito para discutir alguns pontos da festa e propor que o “Arraiá da PJ” acontecesse em dois dias, ao invés de um só. Como descrito no capítulo anterior, o “Arraiá da PJ”, celebração da Pastoral da Juventude, acontece há alguns anos durante os festejos de São João na cidade. Como encaminhamento da reunião, ficou decidido que o prefeito iria se reunir com sua equipe de governo para planejar e ver o que poderia ser fornecido à Igreja para que ela pudesse organizar o evento.

A reunião, então, com os jovens da PJ para articular um pouco do evento, ficou confirmada para duas semanas após o encontro do prefeito e do padre. Neuton, funcionário da prefeitura e membro da PJ, ficou responsável de informar ao padre com o que o prefeito estaria disposto a ajudar. A abertura da reunião da PJ, após essas duas semanas, contou com a presença de quase vinte e cinco jovens e aconteceu numa sala do centro paroquial.

No início, realizou-se uma oração preparada por uma jovem que era a secretária geral da PJ na paróquia. Após essa oração, o padre que conduziu a reunião toda, fez questão de passar a palavra para o Neuton que apresentou a proposta da prefeitura: “David [prefeito de Ipupiara] entende que pode ajudar na estrutura, com mais ou menos cinco mil reais, além de poder contratar uma atração regional, não muito cara. Assim, pediu que o grupo decidisse como quisesse. Quanto a atração, eu sugiro para vocês um cantor de Barro Alto [cidade também do interior da Bahia].”

Imediatamente o padre entrevistou dizendo: “Acho que devemos aproveitar que ele se propôs a pagar uma atração regional para investir e valorizar os artistas de Ipupiara. Temos bons cantores de forró e de outros estilos aqui, que o povo gosta muito, como o Gegê, Binho, Duda, a Banda Jordão e assim vai. Além disso, é preciso que entendamos que não temos mais tantos jovens como nos anos anteriores para a organização desse “arraiá”, pois muitos foram embora de Ipupiara, então vamos envolver, de maneira ainda maior, os membros de outras equipes da paróquia.”

Terminando de emitir sua opinião, o padre retirou um papel de sua agenda e disparou a falar: “Ó, eu pensei em fazer o “arraiaí” da seguinte forma...”, nesse momento ele foi falando, destrinchando o seu projeto para o evento. Após a fala ele recebeu algumas poucas sugestões e já fecharam a programação do “Arraiá da PJ” em uma reunião que durou por volta de uma hora. Assim sendo, a programação dos dois dias ficou basicamente assim dividida: no dia 24 de junho, os membros da PJ se encarregariam de arrumar a praça em frente a igreja, montar algumas barracas para venda de doces e demais guloseimas. Na mesma noite do dia 24, ao encerrar as atrações, a praça deveria ser desmontada para que não prejudicasse a feira livre que aconteceria naquele espaço no dia seguinte. No dia 25, no final da feira, por volta das duas horas da tarde, os grupos viriam para ornamentar a praça de novo, e como atração principal, além dos cantores que o padre listou e que também se apresentariam no dia anterior, haveria a presença de um grupo de quadrilha²⁸ *Filomena Forrozera*, da cidade de Buritirama, cerca de 290 quilômetros de Iupuiara.

Desde que foi realizado pela primeira vez, por volta de 2003, o “Arraiá da PJ” sempre acontecia no dia seguinte ao último em que a prefeitura tinha alguma atração na programação da festa. Desde o final do primeiro mandato de Ascir, o “Arraiá da PJ” passou a ser integrado ao calendário oficial da Prefeitura. Porém, independente de estar incluída na programação oficial da prefeitura, ele já fazia parte da programação da Igreja para esses dias festivos.

O “arraiaí” parecia, novamente, fundir dimensões diferentes: a religiosa e a política, da prefeitura. Muito mais do que isso, algo interessante é que a Igreja já tinha uma programação bastante intensa que se estendia muito antes dos dias de festa organizados pela prefeitura e encerrava todos os festejos na cidade, na frente da Igreja, em um espaço preparado por seus integrantes. Outra ironia, no tocante ao “Arraiá da PJ”, é que a expressão “arraial”, por volta dos anos 1943, conforme

²⁸ - Conforme lembra Chianca (2001), a quadrilha é uma dança típica da festa junina que envolve diversos casais que dançam a passos marcados reproduzindo uma espécie de história de casamento rural. Na dança, os casais são coordenados por uma pessoa (o puxador) que dirige a sequência dos passos.

lembra Chianca (2006), “passou a designar os lugares “selvagens” e domesticados periodicamente por ocasião da festa; espaços convencionais de alegrias coletivas, onde se dança, como e bebe.” (p.48). No sentido etimológico, acredito então, que o evento da Igreja em Ipujiara tinha um pouco essa função de domesticar a festa, ou melhor, os *festantes*, para que dentro de uma série de regras pudessem se divertir.

O “Arraiá da PJ” coloca algumas regras a seus participantes, a primeira delas era basicamente o horário para terminar e para começar. O início marcado para, entre sete e meia e oito horas da noite, tinha algum atraso; o encerramento programado para a meia-noite, sempre se esticava, tendo em vista que o público era bastante grande, até por volta de uma hora da madrugada, não mais do que isso.

Outra regra que parecia ser seguida por um grande número de pessoas, mas que não era tão rígida entre seus participantes, era a caracterização de “caipira”. Esse caipira, ao longo da história, sempre esteve ligado a uma construção de um estereótipo do homem “rural”, ligado ao “campo”. É claro que essa caracterização do homem do campo como caipira é bastante ambígua. Cândido (1987, apud Chianca, 2006), entendia o caipira como portador de uma cultura rústica, que não deveria ser entendida como “rude”, mas que levou o homem do campo a ser moldado pelos interesses do colonizador português. Chianca (2006), ao falar do homem caipira, entende que essa construção cultural do “homem do campo” “se imortalizou na figura do matuto e de seu homólogo caipira, num misto de orgulho e humor depreciativo” (p.50). Para se traçar uma linha um pouco histórica, o estereótipo da vestimenta e caracterização desse “ser caipira” se instituiu, sobremaneira, no Brasil, através do ator Mazzaropi, que protagonizou filmes populares em meados de 1950 a 1970, reproduzindo vestimentas, linguagens e hábitos “caipiras”.

Voltando ao “arraiá”, outra regra de regulação, fundamental da festa promovida pela Igreja, foi a proibição da venda de bebidas alcoólicas. Para inibir, o padre, na reunião, propôs uma medida, que foi aprovada por todos de que, dentro do espaço onde acontecia o “Arraiá da PJ”, não poderiam ser instaladas barracas que não fossem ligadas a grupos da Igreja, ou seja, não poderiam ser montadas barracas que não tivessem como responsáveis membros de grupos da Igreja e que

representassem os mesmos. Não poderia, assim, alguém, mesmo sendo de um grupo da Igreja, montar uma barraca para fins lucrativos pessoais. Dessa maneira quem quisesse vender outros produtos, como bebidas alcoólicas, deveria se instalar fora dessas imediações.

Nesse contexto, é que se apresentava o “Arraiá da PJ”, organizado pelos jovens da Igreja, que tinha como principal objetivo “convocar as famílias para uma festa de todos”, como lembrou padre Claudio em sua abertura. A adoção desse modelo, de levar a parte da festa religiosa, ou melhor, promovida por agentes religiosos, ainda mais para a rua, no formato em que se apresentou, permitiu que a paróquia, então, entrasse um pouco nesse sentido comercial e lucrativo também da festa, mesmo que com certas regras impostas à forma de fazer a festa.

IV – II – “Ô de casa, ô de fora”: visitas, convites e um roteiro da festa

Junho chegou! Era o primeiro dia de um mês que prometia. Acordei cinco horas da manhã e, pelo que observava na cidade, padre, médico, prefeito e antropólogo, não tinham hora de trabalho, podiam exercer o ofício em qualquer hora do dia, a qualquer momento. Cerca de vinte pessoas, juntamente com os tocadores, faziam a alvorada junina. Foguetes pareciam que falavam estridentemente: “Estamos em Junho!” Um grupo formado somente por homens, muitos deles sequer frequentavam as atividades da Igreja, mas estavam na rua tocando músicas, soltando foguetes e levantando a população para acordar para o mês de São João.

A alvorada, como era conhecida essa iniciativa, acontecia no primeiro dia de junho, fazia parte, talvez, de uma programação informal da festa. Na semana anterior à alvorada, escutei padre Claudio dizer que alguns homens estavam pensando em se juntar para fazê-la pelas ruas da cidade. Não tive contato com quem organizou para saber como estava preparada, até mesmo porque, pelo que vi, acredito que não houve uma preparação tão antecipada no sentido de prever um trajeto e a forma como iria se desenrolar cada momento. Acordei e fui direto circular pelas ruas do centro de Ipupiara para ver se

conseguia encontrar alguém. Cheguei bem em frente à igreja e vi um grupo de cinco homens, com sanfona, saxofone, triângulo, pandeiro e foguete na mão se preparando para sair. Percebi que não tinha uma organização fixa para o evento, quando o saxofonista falou: “Moço, eu avisei ontem um povo aí, pra vir pra cá, pra gente sair cedo, vocês eu avisei semana passada. Mas já passa uns quinze minutos das cinco horas, acho que vamos seguir”. “Bóra, senão daqui a pouco fica tarde e a gente tem que trabalhar ainda”, respondeu o homem que guardava os foguetes, enquanto preparava para soltar mais um.

Dessa maneira, aqueles homens seguiram, tocando músicas na sua grande maioria antigas, sem nenhum cunho religioso. Outros homens foram se juntando ao grupo na medida em que os músicos passavam em frente a casa deles. Algumas pessoas abriam a janela ou a porta das casas, conforme o grupo ia passando, algumas faziam questão de acenar, outras cruzavam os braços devido ao frio brando que fazia no sertão antes do sol nascer, mas cumprimentavam o grupo com um sorriso ou movimento com a cabeça. A única música religiosa que se repetiu por várias vezes foi o hino a São João Batista. Era a única música também que boa parte do grupo fazia questão de cantar, pois as outras eram apenas instrumentais e não eram vocalizadas por ninguém:

*Um dia na Galiléia
Um homem chamado João
Falava com ternura
De amor aos seus irmãos
Seu rosto resplandecia
A paz que ele trazia
“Fazei penitência”
Sempre, sempre João dizia
Viva João Batista
Viva o precursor
Porque João Batista
Anunciava o Salvador
Às margens do Jordão
João batizava o povo
Dizendo que Deus viria
Instaurar o reino novo
Às vezes João se zangava*

*Com duros de coração
Dizendo que já estava
Muito perto a salvação.*²⁹

Não foi possível completar o circuito de visitas a todas as ruas do centro da cidade, o grupo não tinha uma noção exata para onde seguir, dava-se prioridade que fossem visitadas as ruas dos músicos e a casa do padre, que por sinal recebeu com alegria cada um dos músicos, que fizeram questão de parar e cantar, acompanhados dos instrumentos, o hino de São João.

Já passava das sete horas da manhã, quando o grupo chegou novamente ao ponto em que tinha começado o trajeto. Ali tocaram mais algumas músicas até que o saxofonista, que parecia ser um pouco o líder daquele processo disse: “Foi muito bom, minha gente, mesmo sem combinar muito, deu certo. Muito obrigado a todos vocês que participaram. Foi uma alegria ter vocês aqui. Que tenhamos um bom mês pela frente, um mês abençoado e de alegria”, como uma ordem, após a fala todos se despediram e seguiram para seus rumos, inclusive eu.

²⁹ - A letra do hino é atribuída ao Pe. Geraldo Carlos da Silva. O padre não é conhecido da região, e seu nome foi encontrado em uma busca que fiz sobre o autor do hino. Não se tem uma noção exata de quando a letra foi gravada, até mesmo porque ela sofreu algumas alterações posteriormente, a depender da região em que é entoada.



Figura 11 – Grupo realizador da Alvorada tocando em frente a uma casa.

A alvorada, no entanto, não era a única forma de anunciar o mês de junho e suas atividades. Ainda nesse ritmo de trajeto, de passagem em frente a casa das pessoas, já no início do mês de maio, o padre havia feito questão de reunir um grupo na igreja para conversar sobre a organização dos reisados. Os reisados eram formados por grupos de pessoas que, acompanhadas de um sanfoneiro mais alguém que tocava o triângulo e outra pessoa que tocava tambor, se encarregavam de visitar todas as casas do centro da cidade para convidar as pessoas para se prepararem para o novenário, que se iniciaria no dia quinze do mês de junho. Portando uma bandeira com a imagem de São João Batista, os grupos de reisados foram divididos em quatro para que a maioria das casas fosse visitada. No tocante à

bandeira, vale ressaltar que, “presentes no Brasil nas procissões e festas religiosas desde o século XVI, as bandeiras e estandartes valorizam as imagens dos santos” (CHIANCA, 2007, p.66).

Nessas visitas, que aconteciam sempre na parte da noite, os visitantes, geralmente portando um chapéu na cabeça, entoavam o canto do reisado. Esse canto, e o próprio nome reisado, tem influência da antiga tradição portuguesa dos “ternos de reis”, aonde um grupo saía às casas entoando hinos e pedindo doações, num período logo depois do Natal, até o dia de Santos Reis, comemorado pela Igreja Católica no dia 06 de janeiro.

Os componentes do grupo, conhecidos por reiseiros, não pediam licença em cada casa, a música já era entoada e à medida que se desenrolava, quem quisesse receber, abria a porta da casa e deixava o grupo entrar, enquanto eles cantavam:

Ô de casa, ô de fora, venham vê que animação, são os cantadores de reis, festejando São João, pedindo uma caridade, para sempre construir.

São João também cantou, para sempre construir, a Casa divina e santa, onde a benção recebi.

Um dia na Galiléia, um homem chamado João, falava com ternura de amor aos seus irmãos, a grandeza que trazia era Deus no coração.

Tudo que ele avistava, às margens do Rio Jordão, de Deus ele falava só queria união, arrependam dos pecados, pra ganhar a salvação.

João se emocionava, mesmo falando de amor, de um Homem que viria pra nos livrar desta dor, João Batista anunciava a vinda do Salvador.

Nós vivemos nesta terra, com muita tribulação, com fé em nosso Deus Vivo aprendemos a lição, lição essa que foi dada pelo nosso São João.

Obrigado pela oferta, que nos deste com amor, que o Divino ilumine sua casa com amor.

Cada hino era entoado muitas vezes durante a noite. Durante a última parte do hino, aonde se agradecia pela oferta, a pessoa que era visitada doava alguma quantia em dinheiro que era depositada num pequeno saco. Logo depois de terminar essa última parte, alguém gritava com toda força: “Viva São João

Batista e o dono da casa!”. Todos com aplausos e as mãos elevadas respondiam: “Viva!”

Em cada visita o grupo ia aumentando, pois uma vez recebida a visita, algumas pessoas tinham vontade de seguir o grupo e visitar outras casas, tanto é que, em algumas visitas, o grupo sequer conseguia entrar todo dentro da casa visitada. O número de crianças que acompanhava o grupo era sempre grande, muitas delas faziam gestos enquanto a música era entoada. Em cada casa alguém ficava responsável por convidar o dono e sua família para participar da festa que se iniciava com o novenário. O dinheiro arrecadado era destinado à paróquia para que ela cobrisse suas despesas e, também, fosse enfeitada e preparada a igreja para o novenário. Quando um grupo terminasse as ruas a ele destinado, fazia questão de ajudar o outro grupo, tudo para que se conseguisse visitar mais casas. O percurso, previamente delimitado pelo padre, para cada grupo terminou uma semana antes do início do novenário, até mesmo pelo fato que a pessoa que não estava quando o grupo de reiseiros passasse, não tinha o direito de uma nova visita.



Figura 12 - Grupo de reisado na visita em uma casa

A visita dos membros da Igreja na casa dos moradores do centro de Ipupiara fazia com que o santo, representado pela sua bandeira e pelos reiseiros, convidasse para a sua festa, entendida como tendo início não com a programação da prefeitura, mas com o novenário dedicado a São João. Isso também demonstrava como a paróquia utilizava essas visitas também para dar início aos rituais de devoção durante os poucos dias que antecediam o dia de São João, que culminava com as celebrações do novenário e a missa do dia 24 de junho, dia do santo.

Quando falo do início dos rituais de devoção, penso no sentido de Turner (2005), ou seja, em comportamentos formais codificados, separados da vida rotineira. Os reisados seguem uma sequência de atos e códigos que não fazem parte da vida cotidiana daqueles moradores, uma vez que não acontecem todos os dias, mas os remete a uma devoção do santo. As visitas

dos reiseiros representava algo de intimidade com o santo, sem que fosse algo litúrgico ou meramente eclesial. O santo, através da visita, ia ao encontro das pessoas de Ipupiara. Assim sendo, o reisado ia além de um controle demarcadamente espacial, era possível cultivar, rezar e cantar para São João sem que houvesse um controle institucional, ainda que os reiseiros fossem representantes da Igreja, da paróquia. Cada morador podia abrir a porta ou não para receber, cantar, contribuir e homenagear o santo a sua maneira.

IV – III – Novenário e leilões: participação, doação e dádiva

Dentre todas as atividades relacionadas à festa de São João em Ipupiara, sem dúvida a que mais envolveu um aspecto ritual totalmente pré-estabelecido, demarcado, previsível, foi o novenário em honra ao santo. Esse novenário tinha um roteiro próprio, montado pelo padre juntamente com a equipe paroquial responsável pelos atos litúrgicos dos demais períodos, e com um grupo de freiras, que já atua na cidade desde antes mesmo da chegada de padre Cláudio. Apesar dessa descrição da organização, como tendo sido montada pelo padre com sua equipe, poder levar a pensar em algo bastante democrático, não podemos esquecer que é o padre quem delega, manda, distribui e preside as reuniões. Pensando no lado humano das atividades religiosas, sem, no entanto, destoar do sentido espiritual, centralizado na devoção e culto ao santo, o padre seria o “dono” das atividades religiosas.

“Como é sabido, as novenas [que formam o novenário] são rezas coletivas diárias que ocorrem nos nove dias que antecedem o dia de um santo” (LANNA, 1995, p. 189). Tive acesso ao roteiro das novenas que tinham como tema central para o ciclo de nove dias de celebrações, entre os dias 15 e 23 de junho, o tema: “Consagrados e ungidos pelo Senhor, proclamemos e celebremos o ano da Graça.” A frase era baseada em duas passagens bíblicas, dos livros de Isaías e do evangelho de Lucas e, ao falar de “ano da Graça”, faz referência aos 25 anos de criação da paróquia São João Batista, que tinha como sede a capela edificada ao orago no centro da cidade.

Cada dia um subtema era trabalhado, o qual deveria ser relacionado ao tema central pelo pregador. Os subtemas da novena daquele ano foram: Sagrado Coração de Jesus; Imaculado Coração de Maria; “e haverá um só rebanho e um só Pastor.”³⁰; Que a saúde se difunda sobre a Terra³¹; Bíblia: Palavra de Salvação gerando vida; Com São João Batista construindo a Igreja Viva – CEB’s³²; Eucaristia: comunhão com Cristo e entre nós³³; “Enviai Senhor o vosso Espírito... e renovareis a face da terra”³⁴; Com São João Batista celebrando a vida e a missão.

As novenas são compostas de nove dias de celebrações que antecedem o dia dedicado ao santo. Isso não é somente para São João. Em todas as comunidades católicas, realizam-se essas novenas como forma dos fiéis se prepararem, refletirem e se inspirarem nos atos do santo durante sua vida.

Os pregadores tinham por objetivo fazer o povo refletir, não só sobre uma ligação do subtema ao tema central, mas tentar relacioná-lo à vida de São João Batista. A tarefa me pareceu bastante árdua para os pregadores, tanto é que nenhum conseguiu fazer essa ligação diretamente, mas sim falaram de cada coisa separadamente, ou seja, comentavam o tema central, o subtema e a vida de São João Batista, sem conectar cada uma dessas coisas diretamente.

Os pregadores eram, geralmente, padres de paróquias e cidades da região, de municípios vizinhos, como Brotas de Macaúbas, Oliveira dos Brejinhos e Gentio do Ouro. Nas últimas noites, o bispo, Dom Luiz Cappio era quem presidia as celebrações, inclusive a missa do dia 24 de junho, dia do padroeiro São João Batista. E, diferentemente do que Lanna (1995) observa com seu trabalho acerca da vida ritual no nordeste, em Ipupiara, o bispo procurava interagir com a população, atendia o povo que o procurava para uma benção,

³⁰ - Retirado do livro de João, 10,16

³¹ - Tema da Campanha da Fraternidade da Igreja Católica no ano de 2012.

³² - Comunidades Eclesiais de Base

³³ - Tema do 50º Congresso Eucarístico Internacional – Evento da Igreja Católica que estava acontecendo de 10 a 17 de junho daquele ano na Irlanda.

³⁴ - Trecho da oração ao Espírito Santo

visitava algumas casas de pessoas doentes e, muito mais do que isso, desde o tempo em que estive na cidade, o período do novenário não o foi o único em que ele esteve por lá, pois ele visitou a paróquia e a cidade também em alguns dias antes da Páscoa. Não que Ipupiara tivesse uma importância dentro do episcopado daquela diocese para que o bispo fosse visitar com mais frequência, mas talvez pelo fato da diocese não ser tão grande em número de paróquias, o que facilitava, a meu ver, que o bispo visitasse mais vezes as paróquias de sua circunscrição, o que também aconteceu em outras comunidades.

Voltando à ideia de Lanna (*idem*), ele bem observava que “de acordo com a tradição nordestina, a festa do padroeiro é o momento ideal para fazer o batismo de uma criança.” (p.190). Em Ipupiara não foi diferente, na manhã do dia 22 de junho, dia em que o bispo chegou à cidade, aconteceu o batizado de oito crianças, cujas famílias esperaram um tempo para que a cerimônia de iniciação à vida católica acontecesse justamente nesse período. Lanna salientava que a Igreja no Nordeste brasileiro tentava dissuadir dessa ideia, pois poderia cair numa “superstição”. Não atentos à essa ideia, o padre e até mesmo o bispo incentivavam tais celebrações e, além delas, ainda aconteceram celebrações de primeira eucaristia e crisma, essa última presidida pelo próprio bispo.

Além desses aspectos previstos dentro do roteiro, havia dias em que alguns grupos ligados às atividades da Igreja eram responsáveis por organizar os cantos, as leituras bíblicas ou alguma apresentação ou encenação que viesse a acontecer dentro da celebração de cada dia. Cada dia o padre escalava, se é que podemos dizer assim, pois ele as encaixava no roteiro para depois informar essas pessoas, algumas comunidades da paróquia para participar, bem como entidades, comerciantes, políticos e classes de trabalhadores. Esses grupos de pessoas eram classificados pelo padre como comunidades convidadas e entidades convidadas. De fato, em cada noite que era destinada a cada grupo, as pessoas a eles ligadas, bem como as comunidades convidadas, faziam questão de participar ou enviar representantes. Inclusive, o padre, ao final da missa, fazia questão de anunciá-los e chamá-los até a frente do altar da igreja para uma bênção especial.

Essa noção de que cada noite da novena estaria sob responsabilidade de grupos distintos, reedita aquilo que Seu

Joaquim, no segundo capítulo, lembrava em sua conversa sobre festa, quando lembrava que havia diversos grupos responsáveis pelas rezas, como a “noite dos rapazes”, a “noite das moças”. Esse sentido religioso da festa é evidenciado de maneira especial pelas rezas na igreja e pelas demais atividades promovidas unicamente pela paróquia. É claro que o modo como se celebrava na época de Seu Joaquim não é igual ao modo como Ipupiara celebra atualmente, mas os modos do passado são lembrados e reeditados para o contexto social vigente.



Figura 13 - Igreja durante a celebração de um dos dias do novenário.

Algo interessante dentro da programação do novenário e que faz parte do roteiro programado pelo padre, está na presença de uma barraca bem em frente a igreja. Na barraca,

segundo o roteiro do novenário, cada grupo da Igreja fica responsável por vender comidas que são trazidas por moradores das ruas do centro da cidade. As comidas eram trazidas conforme uma escala montada também pelo padre, onde cada família trazia e doava ao santo, sendo que a renda era revertida para a paróquia. O povo parecia entender como sendo legítimo o fato do padre organizar a montagem da barraca para vender as comidas. Por outro lado, o padre condenava algumas barracas que vendiam bebidas e faziam barulho nas imediações da praça da igreja. Nesse sentido, o povo poderia considerar legítima a barraca do padre, pois o lucro obtido com a venda dos produtos dessas barracas seria destinado à “igreja do santo”, enquanto as demais barracas não tinham essa função.



Figura 14 - Barraca montada e coordenada por pessoas envolvidas em atividades da paróquia.

Numa brincadeira que fiz com o padre, durante uma das noites do novenário, disse a ele que durante esse período de festa ele poderia dispensar a empregada, pois ganhava muita

comida. Algumas dessas comidas derivavam do que sobrava da barraca, mas a grande maioria era sobra dos leilões que aconteciam ao final de cada noite de celebração. Mesas eram dispostas em frente à igreja, perto da barraca, adornadas com toalhas, onde cada morador de algumas ruas, já estabelecidas pelo padre no roteiro do novenário, oferecia alguma “prenda”, como era conhecida a doação feita para o leilão.

O leilão lembra o ritual do *potlach*, dos índios do nordeste dos Estados Unidos, abordado nos estudos de Mauss (1974), onde presentes são trocados entre seus chefes, num sentido de competição de dádivas, a fim de saber quem dava mais ao outro. Comparando ainda o *potlach* ao leilão, como também faz Lanna (1995) no estudo sobre a patronagem no sertão nordestino, no primeiro há uma troca de dádivas entre chefes rituais, na segunda, porém, uma dádiva ao santo, aonde quem doa mais, parece ter mais prestígio do ponto de vista dos moradores, mas também quem arremata mais prendas, adquire esse prestígio de ter ajudado o santo e sua igreja. Pensando, ainda nesse sentido de troca e dádiva, existe uma ritualização das trocas no leilão, onde alguém pode dar um lance para determinado produto e oferecê-lo a alguma pessoa e essa, por sua vez, pode aceitar e retribuir, dando uma oferta maior a quem a ofereceu ou ainda a outra pessoa. Dessa forma, tanto na doação da prenda, como em seu arremate, existem dádivas envolvidas. Quando, por exemplo, o sujeito não tinha alguém específico para quem arrematar a prenda, a fazia para o padre, como forma de agradecê-lo pela condução da festa, ou ainda, como forma de, em oferecendo a ele, oferecer à Igreja e ao santo.

No leilão, o papel do leiloeiro é bastante interessante, “o leiloeiro tem por regra assumir uma posição jocosa, provocando com brincadeiras maliciosas aqueles que [...] acabam não gastando muito” (LANNA, 1995, p. 179). Não bastando isso, o leiloeiro era um pouco o “termômetro” do leilão, quando as brincadeiras eram mais frequentes, maiores eram os lances em determinada prenda. Muitos também ofereciam o arremate da prenda ao leiloeiro, que, com medo e com tom de brincadeira, tratava logo de fechar o lance e ficar para consigo a prenda que alguém lhe presenteava. A cada prenda que era arrematada, um grupo de homens sentados em uma pequena escadaria na igreja tocava um breve forró em sinal de gratidão a pessoa que arrematou determinada prenda.



Figura 15 - Leilão realizado logo após as celebrações do novenário.

Geralmente o leiloeiro apresentava cada prenda dizendo: “Aqui vai mais uma prenda em homenagem ao nosso senhor São João Batista no valor de...”, ali então ele mesmo dava um lance inicial, ou pedia para o padre fazer o lance, ou mesmo alguém espontaneamente lançava um preço inicial. Quando, muito raro, alguém não dava lance nenhum depois daquele inicial fixado pelo padre ou o leiloeiro, esse último pagava pela prenda o preço afixado. Nas vezes em que parecia que o leiloeiro iria concluir o arremate de determinada prenda ele mesmo gritava, instigando para aumentar o preço: “Dou-lhe uma, dou-lhe duas e uma mais *pequeninha* minha gente, o preço tá baixo...”

O lance dado em cada prenda só não podia ser feito por crianças. Enquanto não havia, em Ipujiara, uma distinção se quem fazia o lance era um homem ou uma mulher, quando uma mulher fazia um lance de valor alto, muitos comentavam e a

olhavam espantados. Era bastante claro como algumas representações sociais hierárquicas se escancaravam nos leilões, não só pelo fato de que quem geralmente arrematava mais e pelos maiores preços era quem tinha mais poder aquisitivo, mas porque ali era possível identificar relações de amizades e reciprocidades políticas, comerciais, amorosas e religiosas.

Nesse sentido festivo que envolve o novenário, a barraca e os leilões promovidos pelo padre e pela paróquia em Ipupiara, é possível entender esse lado festivo promovido pelo religioso em dois polos: o da cerimônia, do ritual propriamente dito, das celebrações, do novenário; e o da festividade, sendo este o momento das brincadeiras, risadas, conversas e músicas, todavia ressaltando que os polos não deixam de ter afinidades entre si.

IV – IV – A festa dos vaqueiros

“O estado da Bahia, muitos desconhecem, é o detentor do maior território sertanejo dentre os estados nordestinos [...], é mais ou menos equivalente à soma [dos sertões] dos outros oito estados do Nordeste.” (QUEIROZ, 2013, p.1)

Como figura clássica do aspecto sertanejo, ou simplesmente do sertão, está o vaqueiro. Em Ipupiara, eles ainda resistem ao trajeto da história, que impõe ao sertão e suas cidades o “progresso”, caracterizados pelas motocicletas³⁵, os “cavalos motorizados.” Entre os mais jovens é difícil encontrar algum vaqueiro naquela cidade, a não ser alguém que tenha algum cavalo em sua propriedade, mas não exerce propriamente o dito “ofício” de vaqueiro, utilizando o animal apenas como forma de lazer.

Ao vaqueiro cabe “cuidar, dominar e proteger o gado [...] em cima do seu cavalo e acompanhado por um inseparável

³⁵ - Sobre a presença das motocicletas como forma de substituir os animais como meio de transporte, ver reportagem do Jornal do Brasil, de 12/06/1988, 1º caderno, p.16.

cachorro” (QUEIROZ, 2013, p.6). Mas ainda resistindo ao progresso, muitos em Ipupiara fazem questão de dizer que são vaqueiros, ofício que se observa quase que em toda sua totalidade nas comunidades do interior do seu território. Nesse ofício é que encontrei o maior número de “linguagens” incompreensíveis a meu entendimento, palavras próprias do ofício, que revelavam um símbolo, uma figura do sertão. O vaqueiro em Ipupiara era considerado o homem que possuía ao menos um cavalo, mas que, além disso, o conseguia domar ou tinha dinheiro para mantê-lo em alguma cocheira. Esses por sua vez seriam os vaqueiros de “hobby”, ou seja, aqueles que não utilizam o “ofício de vaqueiro” para sobrevivência. Aqueles vaqueiros que possuíam seus cavalos como forma de transporte e forma de trabalhar com o gado, seja de sua propriedade ou de terceiros, seriam os “vaqueiros de profissão”, que juntamente com esse ofício, tinham na plantação alguma forma de obter sustento.

Entre os vaqueiros, porém, independente de ser de “ofício” ou de “hobby”, se observava também uma série de códigos de posturas em determinados lugares. Ao passarem em frente às igrejas, muitos tiravam seus chapéus e espalhavam o sinal da cruz na face. Quando alguns vaqueiros viam o padre, de pronto pediam a benção. Esse lado religioso e devoto do vaqueiro foi contemplado pela festa quando padre Claudio decidiu incluir, desde o ano de 2010, o “dia do vaqueiro” como parte da programação da festa que a paróquia produzia. No ano seguinte, já em 2011, a atividade foi agregada pela prefeitura como parte de sua programação oficial, tendo em vista o grande número de pessoas participantes do ano anterior e a repercussão que teve na cidade.

Padre Claudio, quando teve a ideia de fazer o dia do vaqueiro pela primeira vez, estava muito mais preocupado com o lado social do que com o religioso: “O vaqueiro é uma figura que precisa ser valorizada, não podemos deixar que morra essa tradição. A modernização chega e tudo vai se perdendo. Essa cidade passa pela história desses homens guerreiros. Nossa intenção é homenagear e valorizar esse trabalho que eles prestam - destacou o padre numa missa em que convidava a população para participar desse dia do vaqueiro”.

Quando percebi a articulação do padre em organizar esse evento, logo pensei que esse seria mais um evento em que ele

seria o “dono”, mas confesso que me enganei e percebi sua intenção de sugerir alguma coisa para os vaqueiros, incentivando, também os homens mais novos, mesmo sem mais utilizar os cavalos e as vestimentas como instrumentos de trabalho, para que não deixassem morrer a prática e continuassem a difundir o ofício em cavalgadas e eventos em que participavam. Houve duas reuniões para que se organizasse a programação e as atividades que aconteceriam no dia do vaqueiro.

A maior preocupação entre os participantes no ano de 2012 era a seca, que a cada dia se tornava mais forte e, sobretudo, prejudicava a criação dos animais. Cogitou-se cancelar as atividades, num primeiro momento, mas os próprios vaqueiros entendiam que era necessário realizar o evento: “A gente sabe que a situação está difícil, mas se o “dia do vaqueiro” não acontecer é pior, não vamos ter nenhuma alegria. Vamos, nesse dia, inclusive pedir a Deus que mande chuva pra gente. Não pudemo arriá agora não, padre”, falou esperançoso um homem, que sobre a cabeça portava um chapéu de borracha branco, enquanto olhava para os outros participantes da reunião, como querendo que sua lamentação, ou pedido, fosse corroborado pelos demais.

A fala do homem surtiu efeito. Assim que ele terminou de falar, alguns logo disseram: “é isso mesmo, não pode desistir não”. O padre, então, como mediador, pediu para que levantasse a mão quem queria que o “dia do vaqueiro” acontecesse. Imediatamente todos que estavam ali levantaram a mão. Com isso, a programação continuou a ser debatida. O padre, porém, conduziu o roteiro religioso do dia, ou seja, as atividades de que ele e a paróquia se encarregariam. Os vaqueiros presentes na reunião davam sugestões no tocante ao trajeto que os cavalos iriam percorrer, onde iriam acomodar os animais e faziam sugestões para o leilão que aconteceria naquele dia. O leilão, diferentemente dos demais dias do novenário, seria composto de doação de animais vivos, como cabra, cabrito, garrotes, boi e galinha. Além desse diferencial, nesse dia, a missa em homenagem aos vaqueiros, que faria parte do novenário, não aconteceria durante a noite, como se dá com as demais novenas daquele ciclo, mas pela manhã.

Era uma manhã de muito calor, no dia 17 de junho de 2012, quando alguns vaqueiros se concentravam na porta do

centro paroquial, que fica distante cerca de quinhentos metros da igreja, por volta das seis horas da manhã. Alguns vinham portando peças do vestuário típico do vaqueiro, conforme havia pedido o padre na reunião, procurando que os mesmos estivessem representando seu ofício, muito mais do que só participando do evento. Conforme Queiroz (2013), algumas peças da indumentária do vaqueiro seriam chapéu, peitoral, gibão, perneira e sapatos de couro com espora de metal. Algumas mulheres jovens também chegavam à concentração, um número não superior a seis, que montadas nos cavalos, vestiam calça jeans, camisa social mais justa ao corpo, chapéu com detalhes coloridos, ou mesmo de alguma cor diferente dos chapéus tradicionais, e não se esqueceram da maquiagem e do batom.

Ainda nas reuniões de preparação, o padre havia alertado que não seria bom que as mulheres que não tivessem condicionamento físico participassem desse dia, pois seria complicado atender qualquer eventual transtorno. Mesmo assim, algumas mulheres se arriscaram, todas acostumadas a cavalgar, a participar, montadas em seus cavalos. O padre entendia que o sol forte e o fato de muitas mulheres não serem acostumadas a cavalgar e a conduzir um cavalo, seria um fator de risco para que elas não fossem convidadas. Mas algumas, como mencionado, acostumadas com esse ofício, aprendido do pai ou familiares, se prepararam para o trajeto. Já passava das sete e meia quando as mulheres, empunhando as bandeiras do Brasil, da Bahia, de Ipupiara e de São João Batista, seguiam em procissão até a porta da igreja, onde já estava montado um espaço destinado para o padre celebrar a missa daquele dia.

A procissão era conduzida por dois carros de som, um que ia à frente dos cavalos e outro atrás, tocando música que os participantes intitulavam como “músicas de vaquejada”. Chegando na frente da igreja, um grupo já os esperava e tudo estava pronto para iniciar a missa. Os cerca de oitenta cavaleiros chegaram e ficaram montados nos cavalos, para assim participarem da celebração. Durante a missa, o padre deu a bênção aos animais. Em alguns momentos foi lembrado o ofício do vaqueiro como instrumento de Deus, que possibilita aos homens cuidarem das obras de sua criação. Em outros instantes, os vaqueiros tiravam seus chapéus para, em sinal de respeito, participarem dos atos que o padre conduzia. Terminada a

celebração, o padre convidou um vaqueiro para entoar uns “versos”. O vaqueiro desceu do seu cavalo e, pegou o microfone, atendeu o apelo do padre e improvisou algumas palavras ritmadas e rimadas umas às outras, procurando falar da vida do interior, da criação do gado e da religião.



Figura 16 - Vaqueiros e seus cavalos em frente a igreja onde foi celebrada a missa.

Depois da bênção dos cavalos e dos vaqueiros, a procissão foi novamente organizada, da mesma maneira como chegou à Igreja, e foi em direção a Ibipetum, uma vila, juridicamente reconhecida como um distrito de Ipupiara, distante cerca de seis quilômetros do centro da cidade. Lá, um grupo de mulheres esperava os vaqueiros com alguns “avoador”, uma espécie de biscoito feito a base de água, sal e ovo; e alguns refrescos feitos a base de algumas frutas que ainda conseguiam

sobreviver à seca. Todos foram recepcionados no salão de festas da Associação dos Moradores de Ibipetum (AMIBI), que durante muitos momentos era utilizado pela igreja da comunidade para realizar suas atividades, sendo que o salão ficava nos fundos da mesma.

Ibipetum era uma espécie de “sub-centro” de Ipupiara, pois além de estar geograficamente não tão distante do centro do município, possui inúmeros estabelecimentos comerciais, ficando dependente da sede do município apenas por causa das repartições públicas e pelo pequeno hospital lá localizado. Ibipetum detém cerca de 30% da população do município de Ipupiara e, somando-se ao centro do município, os territórios abrigam em torno de 70% dos cidadãos ipupiarienses. A escolha de Ibipetum como destino principal dos cavalos, se deu por dois motivos: o primeiro pelo fato de ser o único distrito do município, e o segundo por estar perto, sendo um trajeto curto para não sobrecarregar os cavalos e não cansar muito os vaqueiros.

Em Ibipetum, enquanto os cavalos descansavam, amarrados nas “sempre verde”, árvore conhecida no sertão por nunca secar, devido as suas raízes muito profundas que sugam a água a muita distância, os vaqueiros comiam, bebiam e dançavam ao sons da sanfona, da zabumba e do triângulo que alguns moradores dali da comunidade tocavam para recepcionar todos que participavam daquele encontro. Muitos dos moradores de Ibipetum também integravam a procissão, bem como inúmeros homens dos vilarejos do interior do município.

Retornando para o centro de Ipupiara, os cavalos foram novamente enfileirados e seguiram seu trajeto, sendo homenageados pelos moradores de Ibipetum com palmas e foguetes, que foram soltos um pouco distante de onde estavam os cavalos para não assustá-los. Ao chegar novamente ao centro paroquial, de onde haviam saído pela manhã, os vaqueiros foram logo tratando de se ajeitar para o almoço. Alguns vaqueiros preferiram almoçar na casa de parentes que moravam no centro de Ipupiara. Como alguns eram das regiões rurais da cidade ou mesmo de municípios vizinhos da região, aproveitaram para visitar aqueles que não viam há algum tempo.

Durante a tarde, o cansaço bateu em praticamente todos, e logo depois do almoço alguns trataram logo de deitar no chão mesmo do centro paroquial, tratando apenas de cobrir o rosto com o chapéu. O padre, que seguiu todo o percurso, fez o

mesmo. Poucos minutos depois, alguns já estavam de pé e, para não “afrouxar para o cansaço”, um vaqueiro, que também era sanfoneiro, fez questão de chamar mais alguns para lhe ajudar e começou a tocar um forró. Quem estava dormindo acordou e as poucas mulheres que estavam presentes, aquelas que participavam e as que também ajudavam no trabalho da cozinha preparando o almoço dos vaqueiros, foram logo tiradas para dançar.

O relógio marcava duas e meia da tarde, quando os vaqueiros se dirigiram em cortejo para a porta da igreja novamente, onde aconteceu um leilão de animais, doados pelos próprios vaqueiros e um sorteio de brindes doados por alguns comerciantes. Em muitos casos dos leilões, o próprio doador do animal era quem o arrematava, com a intenção de “dar ao santo” e a Igreja sua contribuição, mas de também readquirir seu bem, só que desta vez pagando por isso.

Via-se nesse leilão um nivelamento hierárquico também, ainda mais que, diferente dos outros leilões, composto geralmente por comidas, o que se via agora era a doação de bens de suas propriedades. No sentido da doação, todos pareciam se igualar, pois estavam dando ao santo, mas quanto ao que se doava podia se observar que determinado vaqueiro era mais próspero do que outro. Não se viu nenhum arremate naquele dia ser feito por quem não era vaqueiro ou que não fosse dono de roça. Assim, muito mais do que o bem doado, muitos faziam questão de arrematar a própria doação como forma de impor aos demais o status de comando sobre o animal doado.

O prefeito, por exemplo, que participou de todo o evento, havia doado um boi gordo, um dos melhores de sua propriedade, no entanto, no sentido de generosidade, fez questão de não arrematar sua doação, que foi feita pelo dono de um restaurante dali mesmo de Ipupiara. A retribuição do santo às doações recebidas era entendida, por muitos, como sendo a benção que o padre concedia e, segundo a esperança, de que naquele ano as chuvas não tardariam.

A esperança era depositada no próprio fato de que, mesmo diante das questões climáticas e da difícil superação da seca, os vaqueiros doavam o que mantinham com muito esforço. Muito mais do que a obtenção do dinheiro arrecadado naquele dia, era unânime entre os vaqueiros, o padre e o prefeito, que aquele dia

representava uma forma de acalantar o que vinha se apresentando na vida de cada um, acalantar a seca, irrigar a esperança, e demonstrar a fé ao santo e à Igreja.

IV – V – Cenários, bandas, show e forró

Um grupo de dez homens esforçava-se para carregar uma barra de ferro que estava toda coberta por um papel de seda colorido, com um ícone de São João Batista pintado em uma das extremidades. Era dia 23 de junho de 2012, o último dia do novenário dedicado ao santo, para muitos de Ipupiara era o dia mais importante de celebração, mais importante inclusive que o próprio dia 24 de junho, dia de São João Batista. Um grupo de homens com instrumentos de sopro, vindo de Sodrelândia, bairro de Ipupiara, se encarregava de ensaiar alguns tons para dar início à procissão.

O mastro, representado naquela barra de ferro, seria levado até a igreja para a celebração da missa. “Os mastros podem ser erigidos para todos os santos, mas é, sobretudo, nas festas de São João e Santo Antônio que eles são presentes.” (CHIANCA, 2007, p. 66). Poucos dias antes do início do novenário, o padre havia comunicado durante a missa que as pessoas envolvidas nas atividades da Igreja e que tivessem interesse de participar de uma reunião, para tratar de assuntos ligados ao novenário, ficassem depois da missa. Muitas pessoas ficaram para a reunião. Na ocasião, dentre outros assuntos, o padre solicitou que um casal ficasse responsável por serem os padrinhos do mastro, e espontaneamente um casal, que atua sempre nas atividades da paróquia, se prontificou para apadrinhar.

Os padrinhos do mastro nada mais são do que as pessoas responsáveis por arrumar o mastro, enfeitá-lo e deixá-lo próximo de sua casa para que siga em procissão até a igreja e o local onde será fixado. A estrutura metálica do mastro sempre fica guardada no centro paroquial esperando a época de ser enfeitada. O mastro em Ipupiara, dado sua estrutura metálica, mais resistente ao vento e que poderia ser utilizada em vários anos, é diferente dos que Chianca (2007) descreve em sua pesquisa como sendo “tronco de árvore retirado da mata,

subtraído de galhos e ramificações e fixado ao solo, o qual é decorado com muito cuidado; se possível com pinturas, papel e bandeiras coloridas” (p.67). A única semelhança seria, portanto, no fato de que, em Ipupiara, o mastro também era enfeitado com papel picado, colado ao longo da estrutura.

A procissão com mastro seguiu, juntamente com o padre, o bispo, os tocadores e demais pessoas que acompanhavam. Ao chegar em frente à Igreja, o mastro foi benzido, mais algumas músicas foram tocadas, de maneira especial o hino de São João Batista, e sob aplausos e muitos foguetes, o mastro foi fixado na parte à direita, em frente à Igreja, perto das bandeiras que já enfeitavam a praça. Parafusos grandes foram usados para fixar ao chão, numa estrutura já montada para receber sua afixação, o mastro que media cerca de uns cinco metros. Com este ato, estava declarado simbolicamente que aquele território tinha “dono”, era terra de São João.



Figura 17 - Erguimento do mastro de São João Batista.

Não bastando o mastro, aquela “terra de São João” tinha mais um elemento: a fogueira, que estava próxima da igreja também. Ao final da missa, a fogueira foi acesa a pedido do padre. No seu sentido mais histórico, é possível entender a presença das fogueiras pelas festas de São João, no Brasil, como um instrumento que a própria Igreja introduziu nessas festas:

considerando as fogueiras como sobrevivência do paganismo, a Igreja retomou a distância de seis meses entre os nascimentos de Jesus Cristo e João Batista instituiu a data de comemoração a este último de tal maneira que as festas do solstício europeu com as suas tradicionais fogueiras se tornaram “fogueiras de São João.” (idem, p. 59)

Essa historiografia da fogueira não era sequer comentada em Ipujiara, mas a fogueira foi difundida na cidade, assim como em todo Brasil, como um elemento “típico” de festa de São João, até mesmo como forma de homenagear o santo.

Um primeiro cenário estava montado na praça da igreja, já tinha mastro e fogueira. Além desse cenário, algumas pessoas esperavam ansiosas a oportunidade de dançarem e se divertirem um pouco mais, sendo que as celebrações enquadravam o que liturgicamente teria que, obrigatoriamente, ser feito em cada momento. No que diz respeito à festa, não tem outro ritmo mais apropriado para essa diversão do que o forró. No documentário *Viva São João* (2003), o músico Targino Gondim é categórico: “forró é animação, diversão, bagunça [...], é nele que o povo nordestino tem uma forma de expressar sua alegria.”

Para o forró acontecer, um cenário foi montado e, por incrível que pareça, foi montado bem no território do mastro, onde a Igreja ergueu um símbolo de seu santo. Mas, diferente de parecer um conflito, essa situação foi bem recebida por todos, inclusive o padre, que em nenhum momento se opôs que os shows e o forró acontecessem ali na praça da igreja. Quem poderia não gostar seria o bispo, que já em outra ocasião, segundo Ascir, ex-prefeito, teria inclusive pedido a ele que

transferisse essas atividades de espaço. A respeito disso, como já havia nos dito Ascir, o próprio administrador municipal na época, construiu a Praça de Eventos para atender a demanda do bispo.

Há quem diga que o motivo de construir a Praça de Eventos não tem nenhuma de relação com o pedido do bispo. Eu nunca conversei com o Bispo sobre isso, mas mais interessante do que dar a ver a verdadeira causa, é perceber o jogo de interesses que se expressa tanto na construção da Praça quanto nos comentários sobre ela. De qualquer forma, o próprio bispo naquele ano, em nenhum momento, fez questão de se contrapor à estrutura montada na praça da igreja para realização dos shows daquela noite.

A estrutura foi praticamente móvel, pois, como no dia 22 havia acontecido shows com o trio elétrico, que conduziu o “Bloco Caçamba de Sábado”, o proprietário do trio havia também montado a infraestrutura na praça. A prefeitura, que tinha os recursos reduzidos para organizar uma estrutura com luzes, som e ornamentação do palco na praça de eventos, preferiu pagar uma quantia extra ao proprietário do trio elétrico para que ele ficasse mais um dia na cidade e fornecesse a estrutura dos shows. A decisão dividiu as opiniões na cidade, tendo em vista que para alguns, São João não combinaria com o forró em cima do trio, tanto que o bloco que promoveu a festa no dia anterior contratou uma banda estilo “axé music” para tocar. Outras pessoas gostaram da ideia, pois os shows teriam uma estrutura melhor para acontecer. Independente disso, o que praticamente agradou muitas pessoas, foi a realização dos shows, da dança e do forró, na praça da igreja, lugar onde as “festas de antigamente” sempre eram boas, conforme alguns, que circulavam pela festa comentaram o retorno ao modelo antigo da festa.

Duas bandas com estilo totalmente diferentes se apresentaram naquele ano, a “Forrozeiros do Norte” e “Forroção Baby Mel”. Quando digo estilos diferentes, não me remeto a gêneros diferentes, mas estilos diferentes dentro do mesmo gênero, ou seja, o forró. A “Forrozeiros do Norte”, primeira banda a se apresentar naquela noite, me inspirando na classificação de forró feita por Chianca (2006), seria enquadrada como “pé de serra”. Essa linha do forró seria como a

expressão sinônima de “sertão”, ou de “interior” em algumas localidades do Nordeste. Fazer a música “pé de serra” significa resgatar e preservar uma ligação com esse lugar originário, através da fidelidade a um estilo musical “típico”, tal como fazem Trio Nordestino e Marinês há mais de meio século. O “pé de serra” constitui uma pesquisa das tradições musicais regionais interioranas, nas quais se inscrevem outros ritmos, tais como ciranda, o coco e o maracatu. (p.138).

A “Forrozeiros do Norte” era uma banda da região de Feira de Santana e fazia naquele ano uma homenagem a Luiz Gonzaga, um dos mestres do forró no Brasil, no ano do centenário do seu nascimento. Vestidos com chapéu de palha, camisa xadrez, o trio Dudu, Anisio e Jackson se apresentou empolgado. Eles estão desde 2000 circulando por cidades do nordeste para, conforme informações do site da banda, mostrar o “autêntico” forró. Era perceptível que durante o show da banda, os casais mais velhos aproveitavam mais do que jovens. Os mais velhos curtiam mais por dois motivos principais, um por ser um estilo musical mais antigo, mais “tradicional”, outro motivo, seria pelo fato dos mais jovens demorarem um pouco mais para dançarem, alguns, muitas vezes, procurando ainda a moça ou o rapaz com quem dançar durante a noite e, talvez namorar.

Depois desse “pé de serra”, a banda seguinte veio com um estilo de forró “elétrico”, assim chamado por causa das transformações musicais, cenográficas impostas ao forró desde sua origem:

além dos instrumentos acústicos tradicionais de um grupo de forró, os elétricos recorrem maciçamente não apenas aos metais e instrumentos elétricos, mas também aos sintetizadores eletrônicos: até a sanfona é amplificada. O resultado sonoro é um forró mais rápido reproduzido com mais volume de som. (CHIANCA, 2006, p.139)

A banda “Forrozão Baby Mel”, da cidade de São Bento, interior da Paraíba, diferente da “Forrozeiros do Norte”, tinha uma estilo de apresentação que utilizava dançarinas. Não bastando isso, o traje das dançarinas lembrava muito os do “axé music”, ou seja, roupas curtas que deixavam a mostra partes do corpo, principalmente as pernas. Esse estilo “elétrico” foi inaugurado pela banda “Mastruz com Leite”, originária do Ceará, no início dos anos 1990. O estilo se espalhou pelo Nordeste, ganhou inclusive o gosto das grandes gravadoras do Brasil, como a Som Livre, ligada às organizações Globo, que tornou conhecida as bandas “Aviões do Forró”, “Garota Safada” e “Cangaia de Jegue”, todas enquadradas nesse estilo de “forró elétrico”. Ainda dentro desse estilo de forró, como bem lembra Chianca (2006), “os grupos se especializam em forró, contando [através de suas letras] histórias de amor infelizes ou de difícil solução. Essa subdivisão do forró elétrico é conhecida por “forró romântico”” (p.141), subdivisão essa, em que se enquadra a “Forrozão Baby Mel”, segundo a descrição em seu site oficial³⁶.

Estilos à parte, vale destacar, que o “forró” esteve muito longe de ser socialmente difundido e tão popular nas diversas classes sociais do Brasil em muitos momentos ao longo de seu percurso histórico. O cantor e compositor Sivuca, no documentário *Viva São João* (2002), foi um dos que bem se lembram da posição socialmente subalterna do forró por volta dos anos 1940, quando, segundo ele, “ninguém ousava a chamar numa casa de família o baile, de forró. Se o tocador dissesse dentro da casa que estava tocando forró, ele era posto pra fora da casa a socos e pontapés, porque era uma palavra obscena.” Talvez essa acepção que muitos tinham do forró, vinha desde sua etimologia. Norte (1948) descrevia o forró como aquilo que significava baile da roça, barulho, conflito. Para Cascudo (1988) e Andrade (1989), o termo vem um pouco da bagunça, do amontoado de gente dançando, do *forrobodó*, termo tipicamente do Nordeste. Dessa maneira, estaria criado o termo forró, como contração de forrobodó. Há quem diga e acredite também, que a versão correta da etimologia estaria na música “*For all para todos*” de Geraldo Azevedo & Capinam, lançada no ano de 1982, que “fala da presença da Great Western of Brasil Railway Co. no

³⁶ - www.forrozaobabymel.com.br

Nordeste, empresa encarregada da construção das ferrovias brasileiras no início do século XX.” (CHIANCA, 2006, p. 87).

Impasses etimológicos e históricos acerca do forró à parte, o que é sabido é a grande difusão que o gênero teve no Brasil, sobretudo com Luiz Gonzaga, o grande nordestino que o levou país afora. O estilo musical que ele levou se tornou ícone não só do nordeste, mas como bem lembra Chianca (2006) e como também aponteí, das festas de São João, como o próprio Luiz Gonzaga imortalizou em algumas músicas: “a fogueira tá queimando, em homenagem a São João, o forró já começou, vamos, gente, arrastar pé nesse salão.”³⁷ Ainda assim, de acordo com Vieira (2000), pode-se dizer que o forró, tratou de expandir um sertão “cartão postal”, que acaba encerrando certas reproduções de valores.

Na medida em que o forró ia se difundindo no país, ia também ganhando nuances, como as que foram vistas, de estilos diferentes, escancarados no São João de Ipupiara, com as bandas que se apresentaram. Juntando-se a isso, cabe destacar que o forró é uma dança que é permeada também por uma esfera de conquista, onde “música e a ingestão de bebidas favorecem certas liberações propriamente sexuais.” (TROTТА, 2009, p.137). Ou ainda, que é uma dança que “se dança colado, estimulando o namoro, acoitando e celebrando o contato erótico dos corpos, [...] é o paraíso da paquera, a ocasião ideal para se permitir [...] um pecadilho, um jeito sonso e manhoso de se mover e tocar.” (MATOS, 2007, p.431).

O jeito mais colocado e “performático” de dançar o forró, estava mais ligado ao estilo “elétrico”, estilo que imprimiu ao forró aquilo que também foi visto quando a “Forrozão Baby Mel” tocou em Ipupiara, ou seja, “uma atmosfera jovem e urbana ao gênero, utilizando como estratégia discursiva a apresentação explícita de temáticas sexuais.” (TROTТА, 2009, p. 140).

O estilo “elétrico” foi o que mais chamou atenção, sendo mais “aceito” do que o “pé de serra” em Ipupiara. Quando digo aceito, me refiro ao fato de que as músicas desse estilo foram mais dançadas do que as outras. E, muito mais do que isso, o estilo “elétrico”, quando era tocado, era o momento dos jovens tentarem engatar algum tipo de relacionamento com quem se estava querendo paquerar, ou ainda, o momento dos namorados,

³⁷ - Composição de Ze Danta e Luiz Gonzaga - 1952

ao som das músicas, românticas e também sexuais, trocaram beijos e carícias em público.

Por fim, como salienta Trotta (2009) ao se remeter teoricamente aos estilos “pé de serra” e “elétrico”, que o autor chama de “eletrônico” e, como observei em Ipupiara, a relação entre esse estilo de forró aponta muito mais para enfrentamentos de comportamentos, aparentemente contrários entre si, conduzidos talvez pelas letras e “batidas” de cada um. No entanto, longe de querer entrar numa discussão acerca das questões de gênero e sexualidade dentro do forró, ambos os estilos “partem de uma mesma posição conservadora em relação à sexualidade, fundada numa rígida divisão de funções, papéis e estereótipos masculinos e femininos,” (idem, p.144), que na festa de São João em Ipupiara apenas se confirmavam, ou seja, somente os homens tiravam a mulher para dançar, seja qual for sua intenção, e cabia a ela aceitar ou não, bem como se submeter ao “encaixe” do parceiro e à batida da música que entrava madrugada adentro no sertão.

IV – VI – Uma avaliação da festa

Os festejos terminaram, estávamos todos cansados, mas em êxtase com as danças, conversas, sorrisos e alegria. Após seu término, muita coisa sobra, ficam lembranças e se sonha com um próximo ano. Pensando no que aconteceu, participei de uma reunião, promovida pelo padre, para conversar com as pessoas que coordenam as atividades na igreja matriz da cidade. A reunião tinha como pauta central uma avaliação da festa de São João. Chamou muito minha atenção esse fato, não por ser uma mera avaliação, mas o fato do padre convocar as principais lideranças da igreja, para que dessem sua opinião sobre o que tinham percebido do que aconteceu naqueles dias, desde os reisados até o “Arraiá da PJ”. A convocação dessa reunião me abriu a ideia para pensar que o padre, como “dono” da festa, estaria disposto a já pensar em sugestões para a festa do próximo ano, colhendo os “frutos” da avaliação deste ano.

Além disso, soma-se o fato de eu não ter sabido se a prefeitura tinha tido a mesma iniciativa de avaliar com os principais organizadores da festa e o prefeito, os dias de festa. A

reunião, promovida pelo padre, contava com cerca de trinta pessoas e aconteceu durante uma noite no centro paroquial, dez dias depois do segundo dia do “Arraiá da PJ”. Para início de conversa, padre Cláudio, em tom bastante agitado, como sempre lhe foi peculiar, pede para os participantes: “Gente, pra começar, vamos ter claro uma coisa: não vamos ficar “rasgando seda” para o padre, nem ficar sendo pessimistas vendo só os pontos negativos.”

Após a fala do padre, que conduziu toda reunião, cada participante foi lançando sua opinião sobre a festa, começando numa primeira parte onde todos destacaram “o que não valeu”, ou seja, aquilo que não foi bom, posteriormente, passou-se a discutir “o que foi bom” e, por fim, algumas sugestões para o ano de 2013 foram também discutidas, a partir dos pontos já mencionados. O debate de maneira geral circulou muito mais sobre a questão da estrutura da festa, sobre aquilo que poderia ter sido construído ou não na barraca, alimento ou bebida que poderia ter ou não ter sido comercializado, alguns membros e moradores que se comprometeram a doar alguma coisa e não o fizeram, do que sobre pensar nos elementos da festa que foram bem executados conforme havia sido pensada a programação.

Ninguém, por exemplo, quis comentar o conteúdo do novenário, se estava dentro da temática proposta, se os reisados foram bem executados dentro do previsto. No quesito “o que não valeu”, por exemplo, a discussão girou um bom tempo em torno da barraca, no sentido de que se ela tivesse sido mais “explorada” a paróquia poderia ter obtido mais dinheiro. “As novenas a gente já sabe como fazer, é tranquilo, mas se não aproveitarmos a barraca, fornecermos atrações e termos bastante pessoas para ajudar e trabalhar lá, o nosso lucro vai ser pouco. Precisamos pensar nisso. Porque assim daí, a festa vai ser fraca, pois o pessoal que participa das novenas quer ajudar comprando coisa da nossa barraca também”, destacou uma senhora que vi ajudando todos os dias na barraca.

Com isso então, pensando a festa e analisando-a da ótica de que ela exprime a vivência cotidiana, o objetivo principal da barraca, para muitos, seria o lucro sim. Não é possível, no entanto, tomar “lucro” aqui no sentido de acúmulo, no sentido de mercado propriamente dito, pois não seria um lucro da exploração do outro. Pensando desse ponto de vista, ainda do lucro, há quem mencionasse que a barraca deveria ter vinho ou

quentão, bebidas alcoólicas que o padre havia proibido para que a barraca da Igreja não fosse igual as outras e não primasse em ganhar dinheiro vendendo qualquer coisa.

Outro fator que foi lembrado como importante diz respeito à participação ou não das pessoas. O fato dos membros de outras religiões participarem das atividades promovidas pela Igreja Católica foi destacado como positivo para os participantes da reunião, por outro lado, o fato de algumas pessoas, naturais de Ipupiara, não terem conseguido participar da festa, foi visto como negativo, tendo como principal motivo, de acordo com muitos que ali participavam, a falta de infraestrutura das estradas que dão acesso à cidade.

Acredito a partir do que foi colhido naquela hora e meia de reunião e pelo que nos diz Amaral (1998b), sobre as festas como um todo, que elas “mais que ser “contra” ou “a favor” da sociedade tal como se encontra organizada, [...] podem também ser o modo próprio da identidade de um dado grupo ou mesmo instrumento político deste.” (p.112)

Foi numa avaliação de parte da festa que consegui, junto com aqueles membros da Igreja, observar e rememorar coisas que até então não tinha percebido. Dessa maneira a festa serviu também para eu lembrar histórias diárias que eu escutava em cada canto que circulava naquela cidade, histórias essas que busquei apresentar aqui nessa pesquisa. Vale destacar que uma possível obrigatoriedade da festa, imposta pela tradição, não parecia ser um peso para aquelas pessoas, mas levava a um desejo de querer organizar questões internas da Igreja e também da sociedade como um todo. Nesse sentido, como bem lembra Perez (2002), é preciso entender, que a “festa não é um mero produto da vida social, muito menos um simples fator de reprodução da ordem estabelecida pela via da inversão. Tal como o princípio da reciprocidade, [...] a festa é o ato mesmo de produção da vida” (p.53).

Em Ipupiara a vida passa pela festa, que é esperada ano a ano. A cidade não pode ficar sem sua festa, tanto que na avaliação, entre as sugestões para o próximo ano, estão pautados dois princípios centrais: como manter a tradição e como melhorar a organização e estrutura. A festa, mesmo que eu só tenha ouvido o que os membros ligados à Igreja tinham a falar sobre ela naquele ano, servia para quem nela pensava e a debatia como uma forma de superar as dificuldades para sua

realização, principalmente nesse ano específico de 2012 no tocante à seca.

Toda festa, porém, ainda que planejada, montada, acontecida e vivida, precisa terminar para começar de novo. Mas, como a fogueira de São João, a festa do santo, em Ipupiara, pode diminuir o fogo quando seu ciclo termina, mas é só colocar uma lenha nova, juntar com ao fogo existente para que tudo acenda e recomece na vida, na história e na lembrança naquele pedaço humano de sertão, para que, ano após ano, possamos gritar: Viva a festa! Viva São João! Viva o povo de Ipupiara!

CONCLUSÃO

Examinados o olhar, ouvir e escrever, a que conclusões podemos chegar?
(CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 31)

Traçar grandes conclusões sobre as histórias aqui apresentadas, sobre as relações manifestadas, pode parecer forçado quando se buscou o tempo todo interpretar a visão do outro. No entanto, há quem diga que qualquer interpretação não foge totalmente de ser, por si só, conclusões sobre algo. Por meios dos elementos que os próprios interlocutores iam fornecendo é que essa pesquisa foi sendo direcionada. Em muitos estudos sociológicos, e até mesmo antropológicos, diversos outros elementos são abordados, só que aqui fui conduzido o tempo todo pelas histórias que ia ouvindo e vivenciando. Aquilo que se tornou importante para a análise foi, de certa forma, pautado pelos próprios interlocutores deste trabalho etnográfico, desenvolvido em um contexto social particular.

Cada história e cada elemento que via, ouvia ou vivia abria portas para que essa pesquisa fosse adentrando e descobrindo elementos muito mais contundentes do que se fossem realizadas meras entrevistas formais. Estar presente na vida dos pesquisados e durante um período dela fazer parte, conversar, estar à mesa nas refeições com eles, escutar cada palavra que surgia sem que fosse necessário fazer perguntas o tempo todo, foi um processo que aos poucos foi transformando o “informante” em “interlocutor”. Como lembra Cardoso de Oliveira (2006), é dessa maneira que um novo relacionamento é construído entre o antropólogo e seus interlocutores. Um relacionamento que não é simplesmente um diálogo em busca de respostas pontuais. O que procurei fazer o tempo todo, era mergulhar em Ipujiara, nas suas relações cotidianas, nas orações ao santo, nas relações políticas e a partir daí “ver” a festa em suas diversas faces.

A intervenção - ou seja, o recorte, a escolha etc. - é inevitável não só no campo, mas também no momento da escrita. Afinal, “o escrever etnografia é uma continuação do confronto” (CRAPANZANO, 1977, apud CARDOSO DE

OLIVEIRA, 2006, p. 33), confronto entre diferentes estilos culturais que se inter-relacionam com o observador e seu objeto de estudo. Foram inúmeras folhas de anotações, de coletas das histórias que aqui, como já no próprio campo, tiveram a intervenção do pesquisador no sentido de delimitar o escopo, para que o trabalho não perdesse o seu objetivo principal, de compreender a construção da festa de São João em Ipupiara e como ela interfere no cotidiano da cidade.

O campo também me permitiu a presença em atividades das quais jamais poderia imaginar participar, como reisados, o “Arraiá da PJ”, e dançar ao som de uma banda de forró ao vivo. Ali pude perceber também que para muitos moradores essas atividades são momentos onde eles podem fazer coisas que em outros espaços possivelmente não fariam. Compreender a forma como acontecia a festa, num primeiro momento parece mais com compreender uma metáfora, captar uma insinuação. Essa compreensão define um pouco minha permanência em campo na cidade de Ipupiara. Ou ainda, como lembra Da Matta (1987), pode ser estudando o espaço social que se pode traçar reflexões importante sobre algumas dinâmicas que se manifestam na vida social. Esse esboço ensaístico esteve longe de tentar supervalorizar categorias nativas e muito menos transformar minhas observações em grandes reflexões teóricas sobre as dinâmicas espaciais e sociais naquela cidade.

Acredito que após as muitas observações que foram feitas, cabe tomar mais uma reflexão de Cardoso de Oliveira (2006), quando este pergunta: “examinados o olhar, o ouvir e o escrever, a que conclusões podemos chegar?” (p. 31). Minha conclusão sobre o próprio trabalho etnográfico, se é que pode ser traçada alguma, é que muito mais do que um observador, um pesquisador preocupado com os métodos e técnicas de pesquisa, me coube sim recorrer a conversas, fragmentos de histórias, e relações estabelecidas com sujeitos em campo. Sendo assim, as observações aqui compiladas exprimem parte de experiências variadas frente a um contexto vivido por parte do moradores de uma cidade, marcados por diversas articulações e experiências, tanto individuais, como coletivas, sendo essas experiências aos poucos compartilhadas com o antropólogo em campo. Diante disso pude perceber que a festa de São João em Ipupiara exprime e produz parte da vida naquela cidade. Ou ainda, mais do que isso, a festa, e nesse caso em Ipupiara,

resume e simboliza o dia-a-dia, sintetiza histórias, trajetórias e vivências de fé.

Enquanto foi possível identificar o fazer da festa em seus bastidores, a festa, coisa pública, aconteceu sem que houvesse um único elemento motivador ou dominado. O estudo da festa me permitiu transitar entre espaços sociais distintos e assim pude perceber que a cidade, sobretudo, não é só o lugar da vida social, mas é o lugar da vida festiva. Para os moradores do centro de Ipupiara, conquanto os bastidores da festa sejam importantes, e os moradores estão atentos a eles, eles não interferem nela, pois o importante é viver a festa. É evidente que a festa estabelece um período de mudança no cotidiano, ela, além disso, reforça laços, afinidades, reencontros, ações, que em outros momentos seria mais difícil.

Um dos pontos principais na observação da festa foi a relação central entre agentes da prefeitura e da paróquia, focada nas minhas análises nesse trabalho através das figuras do padre e do prefeito. Ambos os agentes, representando suas instituições, elaboravam a festa, por vez contando com a colaboração um do outro, por vezes não, mas ambos construindo um única festa com diferentes atrações, ritos e manifestações. Para quem dela participava, a festa parecia ser uma única coisa, onde se escolhia de que eventos ou momentos participar. Isso pois, muito mais do que se delimitar exclusivamente o que era religioso, ou o que não era, ambos os agentes estavam preocupados num fim último, ou seja, através dos elementos específicos de sua responsabilidade, criar elementos que propiciassem a constituição da própria sociabilidade entre as pessoas da cidade.

A festa, contudo, é uma presença constante na vida dos ipupiarienses. Ela é geradora de imagens, de histórias, ela constrói elementos sociais, faz agentes se relacionarem em momentos que talvez isso não acontece. Ou seja, a festa tem uma dinâmica própria que afeta o cotidiano, não só o alterando, pois sua programação torna os dias “um pouco diferente” dos demais, mas determinando também esse cotidiano. Foi essa dinâmica própria da festa que a tornou importante para todo esse trabalho.

Na festa os indivíduos vivem um tempo de emoções distintas de outros momentos, quando talvez não consigam vivê-las, tanto que, em uma avaliação da festa, foi possível identificar

que se vive recordando uma festa, já pensando na outra. Isso não apareceu somente na avaliação, mas em quase todas as histórias contadas pelos ipupiarense estava presente a lembrança de algum elemento de uma festa de São João do passado e a tentativa de transposição para a festa atual de vivências passadas. Diante disso, a festa liga e religa, não só pessoas, mas sentimentos, histórias, lembranças, gestos que são externados em momentos que só a festa de São João pode proporcionar naquela cidade.

Nesse momento das considerações finais, porém, alguém de conclusivas, quero falar do privilégio de ter estudado a festa de São João em Ipupiara, não simplesmente num sentido ufanista da cidade, mas porque foi por meio da festa e através dela, que as imagens da vida social da cidade, da sua história se apresentaram para mim. Se a pesquisa tivesse sido somente sobre a cidade de Ipupiara, talvez não tivesse conseguido tantas e tão ricas histórias e informações quanto obtive pesquisando a maior festa da cidade. Além disso, esse trabalho procurou não enxergar a sociedade de Ipupiara como um todo coerente, organizado, no qual a festa acontece. Enquanto pesquisador, tentei transitar, deixar-me fluir ou ainda, inspirado no que Brandão(2010) diz brilhantemente, ser um etnógrafo que “erra entre identidades, entre sistemas identitários de ciência, de religião, de arte, de ética e de política. Viver de buscas e circular entre adesões efêmeras, amores passageiros, [...] teologias provisórias e teorias mutáveis” (p.13).

Creio também que muitas são as indagações que surgiram e virão a surgir de cada história aqui apresentada, cada experiência vivida. Muito mais do que isso, acredito, portanto, que esse trabalho é, dentre tantos, apenas mais um caminho que, pode - espero eu - levar a muitos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: significados do festejar no país que 'não é sério**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998a.

_____. A alternativa da festa à brasileira. **Sexta-Feira**, ano 2, n. 2, 1998b, pp. 108-115.

ANDRADE, Mario de. **Dicionário Musical Brasileiro**. São Paulo: EdUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1989

ARAÚJO, Carlos. **Milagre na Chapada**: romanceiro da Chapa Diamantina. São Paulo: Scortecci, 2005.

ARANTES, Antonio Augusto. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BATAILLE, Georges. **Teoria da religião**. São Paulo: Ática, 1983.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução por Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 8. ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e folia: festa e romaria**. Aparecida: Idéias & Letras, 2010.

BRANDES, Stanley. **Power and Persuasion: fiestas and social control in rural Mexico**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1988.

CALLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1970.

CÂNDIDO. Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 7.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 3.ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CASCUDO, Luis Câmara. **História da Cidade do Natal**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Natal: EdUFRN; Brasília:INL, 1980.

CERTEAU, Michel de, et. al. **A Invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003

CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**. Ano 11, vol. 18(2), 2007, pp. 49-74.

_____. **A festa do interior**: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal: EDUFRN, 2006.

_____. “Quadrilhas juninas.” **Galante**, nº 1, ano 3, vol. 2, 2001. (versão online - <http://lucianachianca.blogspot.com.br/2008/04/artigo-quadrilhas-juninas-2001.html>).

CICOUREL, A. “Teoria e método em pesquisa de campo” in: ZALUAR, Alba (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

COSTA, Erivelton Santos. **Revitalização urbana da cidade de Ipujiara (BA)**. Palmas (TO), 2002. Monografia (Graduação) - Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Tocantins.

CRAPANZANO, Vicent. On the writing of ethnography. In:**Dialectical Anthropology**, nº2, 1977, pp. 69-73.

DA MATTTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Fortaleza: Edições UFC; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

_____. **El sacrificio inútil**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. . **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERRARI, Monica. **A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954): seca e desigualdades regionais**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 7.ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2002.

GOLDMAN, Marcio. Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos: etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**. São Paulo: FFLCH/USP, vol 46, n 2, pp. 445-476, 2003.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa**. São Paulo: Hucitec/EdUSP/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001.

GUIMARÃES, Dulce P. A Festa do Colonizado: aspectos das comemorações brasileiras do séc. XVIII." In **A Festa – vol. I** (Comunicações Apresentadas no VIII Congresso Internacional sobre a Festa – 1992), Lisboa: Universitária Editora, 1992, pp. 143-158.

LANNA, Marcos P. D. **A dívida divina: troca e patronagem no Nordeste brasileiro**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995

LAQUE, João Roberto. **Pedro e os lobos: os anos de chumbo na trajetória de um guerrilheiro urbano**. São Paulo: Ava Editorial, 2010.

LEITE, Arides. **História dos Batistas em Ipujiara: a obra das missionárias no sertão**. São Paulo: Scortecci, 2009

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A fábrica dos Sonhos: a intervenção da festa junina no espaço urbano**. João Pessoa: Ideia, 2002.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: UFRGS, ano 5, n. 12, pp. 69-82, 1999.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 2002.

MARTINS, Mario Ribeiro. **Coronelismo no antigo fundão de Brotas**. 5. ed. Goiânia: Kelps, 2010.

MATOS, Claudia. Namoro e briga: artes do forró. In: COSTA, Nelson B. da. (org.) **O charme dessa nação**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2007.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**, volume II, São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1974.

MENEZES, Renata de Castro. Tradição e atualidade no estudo das festas: uma leitura de Saint Besse, de Robert Hertz. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Vania (orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

_____. Santo Antônio no Rio de Janeiro: dimensões da santidade e da devoção. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata de Castro (orgs.). **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Devoção, diversão e poder**: um estudo antropológico sobre a Festa da Penha. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

NORTE, Zé do. **Brasil sertanejo**. Rio de Janeiro: Asa Artes Gráficas, 1948.

NUNES, João Arriscado. “Teoria crítica, cultura e ciência: o(s) espaço(s) e o(s) conhecimento(s) da globalização”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.), **A globalização e as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2002, pp. 301-344.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PEREZ, Léa Freitas. Festa para além da festa. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Vania (orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

_____. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida**: significados e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 15-58.

_____. Breves notas sobre a religiosidade brasileira. **Brasil 500 anos**: edição especial. Belo Horizonte: Imprensa Oficial dos Poderes do Estado, 2000.

PIAULT, Marc Henri. A questão do sentido: por um caminho incerto entre o crer e o saber. In: BIRMAN, Patricia (org.). **Religião e espaço público**. São Paulo: Attar, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IPUPIARA. **Nossa gente, nossas raízes**: o legado afro-indígena de Ipujiara. Ipujiara: 2012.

QUEIROZ, Washington. Ofício de vaqueiro patrimônio cultural da Bahia: breve histórico. In: **Informativo ABA**, nº 008/2013 – 21/05/2013, 2013.
(versão somente online: www.abant.org.br)

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Identidade nacional, religião, expressões culturais: a criação religiosa no Brasil”. In: SACHS, Viola et al. **Brasil & EUA**: religião e identidade nacional. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio N. **A festa do povo**: pedagogia de resistência. Petrópolis: Vozes, 1982.

SÁEZ, Oscar Calavia. O que os santos podem fazer pela antropologia?. **Religião e Sociedade**. [online]. vol.29, n.2, 2009, pp. 198-219.

SANCHIS, P. **Arraial**: festa de um povo, as festas católicas portuguesas. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográficos nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileira. São Paulo: EdUSP, 2006.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá.** São Paulo: EdUSP, 2003.

TROTTA, Felipe. Música popular, moral e sexualidade: reflexões sobre o forró contemporâneo. **Contracampo.** Ano 12, n. 20, 2009, pp.132-146.

TURNER, V. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu.** Niterói: EdUFF, 2005.

VALERI, Valerio. "Festa". In: **Enciclopedia**, v.6, Turin: Einaudi, 1979.

VICTORIA, Ceres. et al. "A construção do objeto de pesquisa." In: **Pesquisa qualitativas em saúde: um introdução ao tema.** Porto Alegre: Tomo editorial, 2000, pp. 45-51.

VIEIRA, Sulamita. **O sertão em movimento: a dinâmica da produção cultural.** São Paulo: Annablume, 2000.

VIVA SÃO JOÃO. Produção de Andrucha Waddington. São Paulo: Sony, 2002, 1 DVD (85 min.): son,color, português.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SITES:

www.forrozeirosdonorte.com.br – Banda Forrozeiros do Norte

www.forrozaobabymel.com.br – Banda Forrozão Baby Mel

www.ibge.com.br – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

www.ipupiara.ba.io.org.br – Prefeitura Municipal de Ipupiara

www.luizluagonzaga.com.br – Site em memória a Luiz Gonzaga

www.pj.org.br – Pastoral da Juventude

www.tcm.ba.gov.br – Tribuna de Contas dos Municípios da Bahia

www.tse.jus.br – Tribunal Superior Eleitoral (TSE)